

JOSÉ RIBEIRO DE ARAÚJO FILHO

A BAIADA DO RIO ITANHÁEM

- Estudo de Geografia Regional -

TESE DE DOUTORAMENTO apresentada à  
cadeira de Geografia do Brasil da Facu-  
dade de Filosofia, Ciências e Letras  
da Universidade de São Paulo.

São Paulo, abril de 1970.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO - As razões da escolha do tema

I. A beirada de Itanhaém e seu quadro natural. - O litoral paulista e a beirada de Itanhaém. O relevo e a costa. A rede fluvial. Características do clima. A sub-região costeira. A beirada interior. O quadro natural e a vida humana.

II. Povoamento e população. - As condições geográficas e o povoamento. O povoamento antigo. A população atual. Os tipos humanos. O caçador, personagens-tipo da região. O homem do bananal.

III. A "vila" de Itanhaém. - Itanhaém e seu sítio urbano. Uma visão do passado. Itanhaém de nossos dias.

IV. A economia regional. - Uma vida econômica modesta. A cultura da banana no litoral paulista. A cultura da banana na beirada de Itanhaém. A cultura da banana e a técnica agrícola regional.

CONCLUSÕES.

INTRODUÇÃO

As razões da escolha do tema - Desde 1927 que conhecemos Itanhaém (1); e nesse contato com a cidadezinha foi, à primeira vista, de espanto, ante o maracum que ela oferecia. Saindo das ricas terras do planalto como as de Ribeirão Preto, onde tudo era movimento e progresso, ficáramos abisma- dos de, a poucos quilômetros de São Paulo, encontrar uma paisagem tão pouco trabalhada pelo homem, como aquela.

A cidadezinha não passava de um simples aglomerado de casario velho, grande um ao outro (aqui e ali existiam alguns bangalôs de gente de fe- ra), no mais típico aspecto de abandono; sem movimento comercial, pois não havia meia dúzia de casas de negócios e, as in mesmo, simples vende- las; sem nenhum melhoramento público (salvo água encanada), Itanhaém pa- recia-nos mais uma vila que propriamente uma cidade.

Essa impressão de desolamento dada pelo aglomerado urbano foi ameq- tada ainda mais, quando tivemos ocasião de entrar em contato com o seu "hinterland", que parecia estar ainda à espera do homem. Rios em abando- no, florestas alagadiças, sob um clima quente e super-úmido e onde a ma- lária campeava, tudo ali dava a idéia de sertão bruto. Era uma paisagem tipicamente tropical, no ambiente e no cenário, desafiando a penetração humana.

Aquelas primeiras impressões da zona itanhaense jamais se apagaram de nossa memória.

Quando, mais de uma década depois, lemos um opúsculo sobre alguns aspectos da nossa já velha conhecida Itanhaém (2), feito pelo Prof. Simões de Paula, tivemos vontade de fazer um estado de todo o vale de Itanhaém.

---

(1) Naquela ano minha família se havia mudado para Itanhaém, onde meu pai e um meu tio, que já haviam adquirido terras no vale do rio Bru- ce, iriam principiar o plantio dos primeiros bananeais da zona.

(2) PAULA (KURÍPKDES SIMÕES de) - O Caçara e a Região de Itanhaém (Contribuição ao Estudo da Geografia Humana Brasileira) - S. Paulo, 1934.

Essa vontade só se concretizou depois que, assistente de Prof. Arelde de Azevedo, entramos em contato maior com a Geografia do Brasil.

Iríamos, então, estudar um trecho do litoral paulista quase que completamente desconhecido na bibliografia histórico-geográfica da nossa terra (3).

A baixada de Itanhaém é um dos muitos exemplos de baixadas tropicais, que o litoral brasileiro oferece, com toda a série de problemas que o quadro natural, ainda não vencido pelo homem, deixa perceber. Justamente num momento em que tanto se fala na penetração do interior, simbolizada na tão explorada frase "a marcha para o oeste", é interessante mostrar que temos ainda muitas terras para explorar na retaguarda, em zonas que, embora palmilhadas desde a colônia, ficaram à margem da valorização, merecê de uma série de circunstâncias (4). O curioso é que a maioria dessas zonas marginais se situa à beira-mar, particularmente no litoral paulista, porta de entrada da mais rica região brasileira.

Esta "vasta janela aberta para o mundo exterior", como Belgado de Carvalho denominou a nossa costa, salvo alguns trechos muito restritos - somente a ilha de São Vicente no caso paulista -, como que servia apenas de ponto de passagem para o colono que, avidamente, sempre foi atraído pelo interior desconhecido:

Questões de ordem puramente física (clima tropical super-úmido, florestas densas e emaranhadas, manguezais e zonas arenosas, solos difíceis de serem trabalhados), impediram o homem de ali criar riquezas compensadoras, de acordo com os métodos então usados. Ora, exemplos frisantes de

(3) Conforme teremos ocasião de demonstrar ao decorrer do trabalho, poucos foram os que dedicaram algumas páginas à zona itanhaense, no campo da história. Com exceção de Benedito Galvão, que, aliás, não era historiador, mas que procurou mostrar aos seus contemporâneos e que havia de importante na história de Itanhaém, ninguém mais tratou de seu passado; e quanto à geografia, menos ainda, pois, salvo o trabalho de Prof. Símon de Paula, nada mais se tinha escrito sobre a região.

(4) OLIVEIRA (AMÉRICO L. BARBOSA de) - Estados Brasileiros de Economia - O desenvolvimento planejado da economia brasileira - Monografia n. 1 Fundação Getúlio Vargas - ano I, vol. I, junho de 1946.

como ficaram abandonadas pelo homem, são algumas das baixadas literárias de São Paulo, de que Itanhaém é um exemplo expressivo.

Embora próximas aos grandes centros consumidores do planalto ou do principal centro exportador do Estado, essas baixadas, como as da Ribeira e de Itanhaém, ao sul, e as de Itapashá, Guaratuba e Juqueri-quaré, ao norte, estiveram até agora sufocadas por aqueles citados fatores naturais. Representam, assim, até o momento, o papel que também outras baixadas tropicais do planeta vêm dando mostras, isto é, o de zonas pouco povoadas, de economia primitiva, de pouca civilização, enfim; papel que levou muitos geógrafos a profetizarem um futuro pouco promissor para aquelas regiões, graças à grande força dos fatores naturais dominantes(5):

Ora, a geografia moderna nos ensina que, mesmo nas regiões mais ingratas ao estabelecimento do homem, pode este, através da ciência e da técnica, e de um trabalho constante e bem dirigido, fazer verdadeiros milagres na sua reação contra os elementos naturais. São inúmeros os exemplos dessa luta do ser humano contra um meio físico hostil, mesmo entre nós, onde já se fizeram trabalhos notáveis de saneamento, como o dos açúes em que se encontram Santos e Rio de Janeiro, ou, num campo mais amplo, cubera ainda inacabado, como o da Baixada Fluminense (6).

Tais problemas das baixadas tropicais, que para nós têm tanta importância, foram justamente postos na ordem do dia durante a última conflagração mundial, quando as Nações Unidas foram obrigadas a movimentar grandes contingentes humanos através de regiões tipicamente tropicais, em todos os continentes. Passado o conflito, surgiu a vontade do homem branco de aproveitar, da melhor maneira possível, as zonas tropicais,

(5) GOSBOU (PIERRE) - Les Pays Tropicaux - Presses Universitaires de France, Paris, 1947.

(6) MENDES (RENATO SILVEIRA) - Paisagens Culturais da Baixada Fluminense - Tese de doutoramento ainda inédita - Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, 1948.

SILVEIRA (JOÃO DIAS da) - Baixas Tropicais Unidas - Tese de concurso ainda inédita. São Paulo, 1948.

IV

principalmente as situadas nas proximidades de litorais (7):

Entre nós, porém, continuaram as baixadas litorâneas no esquecimento em resultado da famosa "marcha para o oeste".

Já é tempo, pois, de fazermos qualquer coisa em prol de zonas que, mesmo difíceis de serem trabalhadas, estão em situação privilegiada, quando comparadas com as longínquas terras do Centro-Oeste ou da Amazônia. De veros, antes de mais nada, explorar, dentro dos métodos racionais de trabalho, os vazios que se encontram ainda na retaguarda dos nossos grandes centros, colonizando-os o mais breve possível. Povoando nossas baixadas litorâneas, estaremos não só criando novas riquezas, como, particularmente, provando que nas zonas tropicais também o homem branco pode criar civilizações.

Responsável por essa vida marginal que ainda hoje levam milhões de nossos patrícios, não só em São Paulo, mas por todo o Brasil, é, a nosso ver, entre outras causas, a distribuição tributária. Dela pouco diremos, desde que tem sido objeto de críticas e discussões as mais diversas, e por escaparem à natureza do presente trabalho. Limitar-nos-emos, para ilustrar, a dar algumas cifras comparativas da região litorânea, onde os municípios aparecem numa situação de inferioridade incrível no que diz respeito às suas rendas, quando comparadas com as que o Estado retém para si.

ANO DE 1946 (8)

<u>Municípios</u>	<u>Renda estadual (Cr.\$)</u>	<u>Renda municipal</u>
Santos .....	259.226.613 .....	25.365.178
São Vicente .....	4.806.229 .....	2.290.534
Itanhaém .....	839.380 .....	171.544
Iguape .....	404.380 .....	218.746
Ubatuba .....	259.762 .....	72.968

(7) GOUROU (PIERRE) - op.cit..

(8) Dados fornecidos pelo Departamento Estadual de Estatística de São Paulo.

Por estes exemplos, podemos avaliar o quanto têm sido inócuas as novas leis tributárias, que em pleno século (X) ainda guardam sinais dos processos de exploração colonial aqui empregados pela portuguesa (9).

No presente trabalho, procuraremos mostrar como o homem, embora penetrando na Baixada do Itanhaém desde os primeiros tempos da colônia, ainda não conseguiu dominar o meio hostil que ali encontrou. Somente nos últimos 20 anos foi que ele implantou na zona uma riqueza de certa monta; mas mesmo essa não teve, até agora, senão um papel secundário no que diz respeito à transformação da paisagem geográfica local. É que ela foi baseada em métodos que absolutamente não coincidem com os modernos princípios de racionalização do trabalho. De fato, a cultura da banana, que se faz em Itanhaém há quase um quarto de século, não concorreu nem mesmo para a melhoria das rendas municipais.

É, assim, a Baixada do Itanhaém continua a desafiar a reação do homem, à espera de que este, mudando o método de trabalho, reaja de fato, criando ali uma paisagem verdadeiramente humanizada.

---

(9) MARLINCK (E.L.) - Fatores Adversos na Formação Brasileira - São Paulo, 1948.

CAPÍTULO IA BAIXADA DE ITANHÁEM E SEU QUADRO NATURAL

- O litoral paulista e a baixada de Itanhaém. O relevo e a costa. A rã de fluvial. Características do clima. A sub-região costeira. A baixada interior. O quadro natural e a vida humana.

O litoral paulista e a baixada de Itanhaém - O litoral paulista, estudado por muitos autores desde o século passado, só nos últimos tempos é que foi melhor compreendido, dentro do espírito geográfico. De alguns estudos feitos mais recentemente, puderam-se ter algumas idéias a respeito da unidade geográfica da região. De fato, dentro das várias paisagens oferecidas pelo Estado de São Paulo, o litoral forma um todo à parte, com aspectos próprios, quer físicos, quer antropogeograficamente falando.

Para os conhecedores dessa região, ressalta logo a pequena importância econômico-demográfica representada por esse trecho de São Paulo, que, salvo Santos e seus arredores, não chega a possuir mais de 1,7% da população total do Estado. De acordo com o que já tivemos ocasião de escrever num trabalho apresentado à IV Assembleia Geral da A.G.B. (10), numa superfície de 10.221 km<sup>2</sup>, vivem menos de 100.000 habitantes (99.016) apre-

---

(10) ARAUJO FILHO (J.R.de) - O Catiara na Região de Itanhaém - Bol. Paulista de Geografia, n. 2, julho de 1949, São Paulo.



sentando uma densidade que não chega a 1/3 da média geral do Estado.

Não vamos aqui explicar as razões da pequena importância da região litorânea na atualidade, porque, em trabalhos publicados por estudiosos da mesma geografia, isto já foi feito (11).

Dentro dessa região existem sub-regiões e zonas que se destacam umas das outras, já por particularidades físicas, já por diferenças históricas-econômicas. De fato, é costume dividir-se o litoral paulista em duas grandes partes que chamaríamos de regiões - a do Norte e a do Sul, que têm Santos e seus arredores como zona de contato. A primeira delas, isto é, a que vai de Santos às fronteiras do Estado de Rio de Janeiro, apresenta todos os aspectos de uma costa jovem e trabalho predominante do mar é o de destruição, lutando para retificar a sinuosa linha da costa. A segunda, a que vai de Santos à divisa do Paraná, mais evoluída, apresenta todos os caracteres de uma costa baixa e alongada, onde a ação construtiva do mar se faz sentir em larga escala.

No trecho Norte, a sinuosidade da costa concretiza-se: nas suas praias curtas e côncavas, que correspondem a pequenas baías e enseadas; nas pontas e costas abruptas, onde os exemplos de falésias são dos mais expressivos; nas inúmeras ilhas, muitas vezes ligadas ao continente por "tomboli" em formação; enfim, tudo ali nos dá esse aspecto tão característico do litoral recortado, de que os arredores de Ubatuba são um exemplo.

---

(11) CARVALHO (M. CONCEIÇÃO VICKENTE de) - Santos e a Geografia Humana do Litoral Paulista - Tese de doutoramento ainda inédita - Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, 1944.

BEYFONTAINES (PIERRE) - Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo - Rev. Geografia, ano I, n. 2 - São Paulo, 1933.

FRANÇA (ARY) - Notas sobre a Geografia da Ilha de São Sebastião - Bol. da Associação dos Geógrafos Brasileiros, n. 5, São Paulo, 1944.

Já no trecho Sul, onde a linha de costa é menos dependente de relevo vizinho, as praias se alongam por dezenas de quilômetros<sup>as</sup> baixadas amplas resultam em monótona topografia, quebrada apenas pelos perfis da serra de Peranapiacaba, no horizonte.

Mas, não são somente os aspectos morfológicos os diferenciadores destas duas porções litorâneas; também o homem ali lhes imprimiu diferenças, no que se refere à ocupação do solo. Quem hoje observa o trecho que vai da Bertoga a Ubatuba, onde se multiplicam as pequenas aglomerações e aldeias nos cantos das praias, nota imediatamente o contraste com o litoral Sul, onde a primeira impressão é de uma região desabitada. O Norte, mercê de uma série de fatores geográficos vantajosos à sua ocupação, sempre apresentou um povoamento mais denso e um aproveitamento melhor por parte do homem, que o Sul.

Vamos encontrar neste último, ao lado de certas características gerais permanentes, alguns aspectos particulares, que dão nascimento a sub-divisões, onde aparecem zonas individualizadas (12).

É o que acontece com a baixada de Itanhaém, que, mercê da permanência de fator isolamento, quer com relação ao planalto, quer com relação a Santos e São Vicente, e, mais ainda, devido a jamais ter possuído uma riqueza no passado, forma uma zona à parte, dentro da sub-região a que pertence, caracterizada pela bacia hidrográfica de Itanhaém, pela baixada com depósitos quaternários e pelas mangues, jundus e florestas.

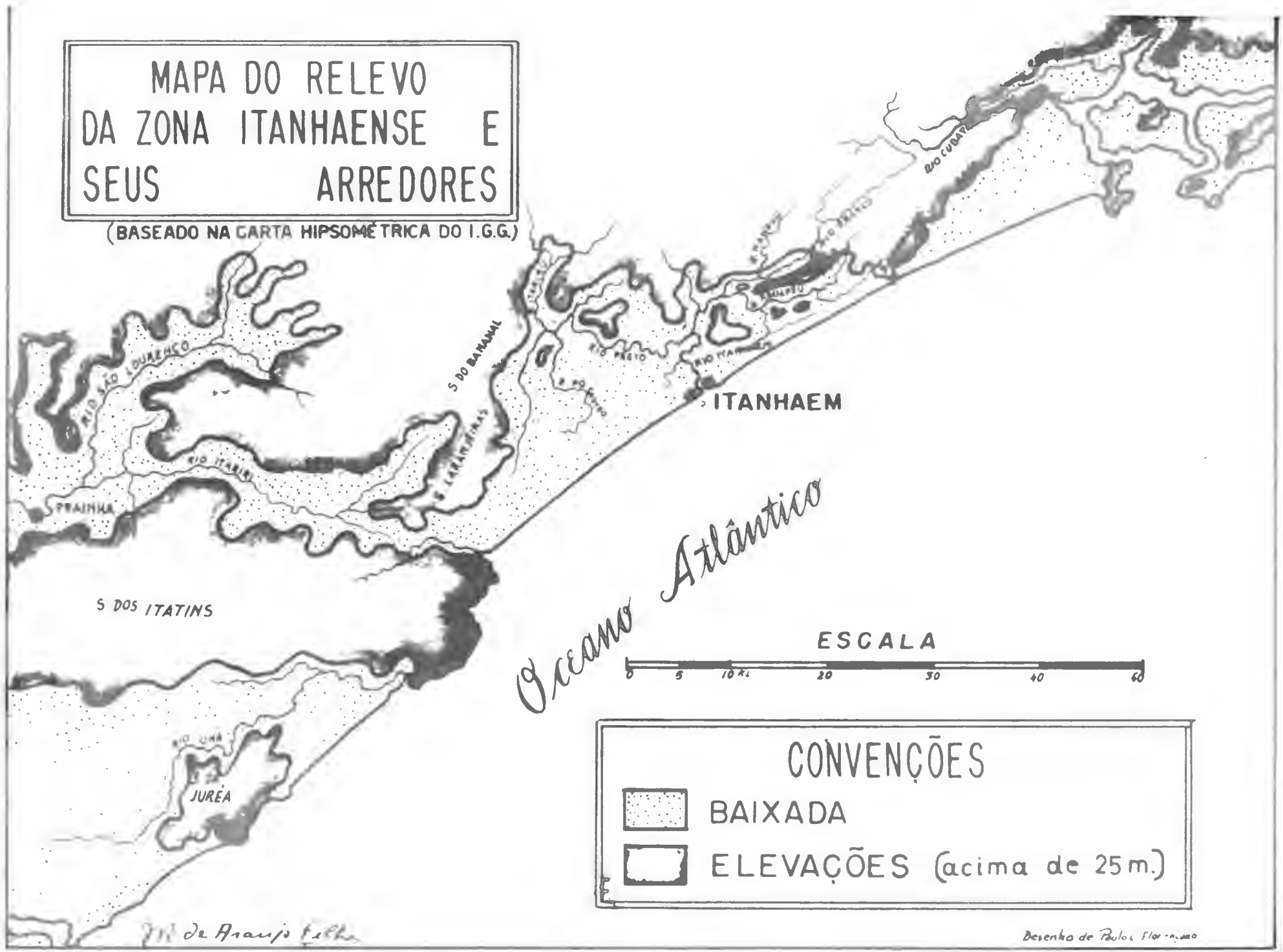
Parece-nos que uma das causas principais da reduzida importância demográfica e econômica da zona itanhaense, reside na sua situação geo-

---

(12) NOBREGA (PIE-RE) - A Divisão Regional do Estado de São Paulo. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Vol. I, 1945-46 - 3. ano, 1949.

# MAPA DO RELEVO DA ZONA ITANHAENSE E SEUS ARREDORES

(BASEADO NA CARTA HIPSOMÉTRICA DO I.G.G.)



*Oceano Atlântico*

ESCALA



CONVENÇÕES	
	BAIXADA
	ELEVAÇÕES (acima de 25m.)

*M. de Araújo Filho*

*Desenho de Paulo Star-n, ao*

gráfica. Colocada num daqueles trechos do litoral sul paulista, onde as praias retilíneas dificultam o estabelecimento humano, tendo por limite interior o paredão da Paranapiacaba num de seus pontos de mais difícil acesso, ela ficou à margem das zonas produtivas, desde a era colonial.

O relevo e a costa - A extensa faixa costeira, existente entre Santos e Cananéia, é ocupada por uma baixada ampla, que penetra cada vez mais para o interior, à medida que caminha para sudoeste, mercê do afastamento, nesta direção, da escarpa da Serra do Mar. Essa baixada acha-se, porém, repartida em unidades menores, graças à intercalação de esporões da Serra de Paranapiacaba, ou de pequenos morros, que a interrompem, ainda que raramente. Em quase 100 km. de costa, de Santos ao paredão dos Itatins, só existem o esporão de Mongaguá e os pequeninos morros de Taquaguá e Farnabuca e quebraram a continuidade da linha de costa, cortando-a em duas extensas praias - Grande e Peruíbe - com 57 e 30 km. respectivamente.

São estas duas praias que vão servir de limite externo à Baixada do Itatiaia. Contorna-a, pelo lado do interior, um vasto arco formado pela Serra de Paranapiacaba, cujas extremidades nordeste e oeste são dadas respectivamente pelos pequenos maciços de Mongaguá, Bananal e Laranjeiras. Fechada por esse arco de terras altas, a baixada atinge, em sua maior recêntrância, apenas 17 km. de profundidade, em linha reta, enquanto que sua superfície pode ser avaliada em 392 km<sup>2</sup>.

As idéias de Everardo Backheuser e outros geólogos (13) sobre o levantamento da nossa costa parecem encontrar confirmação em fatos observados neste trecho do litoral. Os sambaquis oferecem uma das provas mais evidentes do avanço da linha da costa em trechos do litoral sul do Brasil; e os de Itanhaém, ainda mais, por apresentarem um molusco fóssil, a "Asara Prisca", que já não vive nos mares vizinhos e que seria de período plioceno ou mais antigo (14).

Naturais ou artificiais, não importa o caso, eles são uma evidência de que o mar em tempos recuados tocava a base da Serra. Embora não concordem com a realidade, as distâncias dadas por A. Löfgren e aceitas por Benedito Calixto e E. Backheuser sobre o afastamento dos sambaquis em relação à linha costeira (para aqueles autores chegariam a distar 50 km do mar, quando realmente não estão a mais de 20), não podemos deixar de considerá-los indícios de um era em que o mar formava aí um amplo golfo.

Além dos vários sambaquis espalhados pelas margens dos rios Iguaçu, Branco e Preto, há outros indícios de levantamento deste trecho de costa. A cerca de 3 km da praia, no local hoje denominado Furado Grande, perto do encontro das águas dos rios Branco e Preto, vamos encontrar uma ocorrência de areias marinhas, que aí formam um pequeno terraço de uns 5 metros de altura, apoiado num outeiro cristalino de uns 25 metros. (fig. 1) E ainda, já em contato com o mar, no costão de Parumbuca, temos

(13) BACKHEUSER (EVERARDO) - A Faixa Litorânea do Brasil Meridional Ed. Bernardes Freres, Rio, 1918.

OLIVEIRA (A. IGNACIO) e LE NARDOS (OTTON) - Geologia do Brasil Ed. Ministério da Agricultura, 1943.

PAES LEME (ALBERTO BETIN) - História Física da Terra - Ed. Triguier, Rio, 1943.

(14) LÖFGREN (ALBERTO) - Contribuição para a Arqueologia Paulista. (Os Sambaquis de São Paulo) - Bol. da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, 1893.

outra prova do recuo do mar, marcado por dois níveis, no mínimo de plataformas de abrasão. Muitos especialistas que tiveram ocasião de visitar este costão foram unânimes em afirmar a existência de uma série de terraços no local (15). (foto 2)

Parece-nos, portanto evidente que a regularização da linha de costa, quase absolutamente retilínea, dando-nos aquêlo aspecto monótono que já tivemos ocasião de frisar e que tanta individualidade dá a esse trecho do litoral paulista, foi facilitada por esses movimentos negativos do mar.

A rede fluvial - Embora não possamos dizer que exista um lagamar itanhaense, semelhante ao santista-vicentino, contudo a água representa aí um papel importantíssimo, desde que lembremos não estarem ainda as terras, em grande parte, consolidadas e livres do lençol líquido. Prevam-se as redes de rios, canais, lagoas e pântanos que se sucedem em tôda a zona, desde as proximidades de mar até o sopé da Serra (16).

Poucos foram os cursos que puderam vencer sôzinhos a baixada e atingir o mar, organizando uma pequena rede de afluentes; tal fato se deu quando conseguiram apoiar-se na base de nacões cristalinos, como aconteceu com o Peruíbe, junto dos Itatins, ou com o Mongaguá defendido pelo morro do mesmo nome. Dominava baixada o rio Itanhaém centralizador

(15) BIGARELLA (João José) - Contribuição ao Estudo da Planície Literânea do Estado de Paraná - Bol. Geográfico n. 55 do C.N.G. - Rio.

Neste trabalho o autor cita os exemplos daqueles terraços visitados por ele e por professores do Departamento de Geologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Também os professores e assistentes do Departamento de Geografia, em visita recente, tiveram oportunidade de confirmar, ainda uma vez, o fato.

(16) Devemos ressaltar a importância que até hoje possuem os levantamentos feitos pela Comissão Geográfica e Geológica de Estado de São Paulo em todo o litoral paulista, cujos relatórios, e particularmente os mapas são os mais perfeitos que temos.

Foto 1.  
 Aspécto do terraço  
 na foz do rio Preto,  
 onde há ocorrência  
 de areias marinhas.  
 (foto do autor).



Foto 2.  
 A ponta leste do  
 costão de Paranabu -  
 ca, onde aparecem ní-  
 veis de plataformas  
 de abrasão, dando-nos  
 exemplos de terraços  
 (foto A.R.Penteado).



Foto 3. A extremidade sul da praia Grande além de ser de "tombo", aparece, por ocasião das grandes cheias do Itanhaém, coberta de detritos trazidos pelas águas daquele rio; são troncos de árvores, troncos de bananeiras, cachos e folhas, arrancados dos sítios inundados, que forram as areias da praia. É o que a foto nos mostra. (foto do autor).

das águas que descem das encostas da Serra ou que se originam na própria planície; aliás, sua bacia é a maior do litoral paulista, depois da bacia da Ribeira de Iguaçu, e também, como aquele rio, desobedece ao divisor geral de águas, tendo suas cabeceiras no planalto. De fato, o rio Branco da Conceição é o único da bacia que, apesar de um desses inúmeros fenômenos de captura, tão comuns em trechos da Serra do Mar, através do trabalho de erosão regressiva de um pequeno rio subsequente, conseguiu ultrapassar o divisor de águas, indo ter suas cabeceiras no planalto, de onde desce pela encosta em vale bastante encaixado.

O rio Itanhaém recebe este nome, com o qual chega ao mar, depois da confluência dos rios Branco da Conceição e Preto, seus formadores.

O rio principal, o Branco da Conceição, embora tenha um bom trecho de seu curso na planície, possui um regime torrencial, devido não somente ao fato de nascer no planalto, de onde desce em saltos e corredeiras, como também pelo fato de possuir um vale encaixado em forma de calha. Ora, por ocasião das chuvas de verão, a quantidade e a impetuosidade das águas do "monte" (como lá se diz) vão alagar a planície, assaz reduzida, inundando-a em poucas horas. Já com os rios Preto e Iguaçu, os dois mais volumosos afluentes do Itanhaém, tal não acontece, porque ambos correm totalmente na baixada, paralelamente à praia, sendo que o último deles nasce mesmo a 3 km do mar e do qual foi barrado pelas restingas e dunas. Esses dois rios, além de correrem numa topografia quase horizontal, são ainda influenciados pelas marés, de maneira que, em grande parte de seus cursos, estão sempre cheios e com as águas quase inóveis. Essas diferencas entre o regime das águas do Branco e as do Preto



e Aguarapé muita importância vão ter para o aproveitamento da zona pelo homem, pois, enquanto os dois últimos são navegáveis até quase suas cabeceiras, e mesmo não se dá com o rio Branco, que, apenas em regime de cheia, permite a passagem de pequenas embarcações, do médio curso para cima (17).

A presença da água, que se manifesta permanentemente em toda a extensão plana, ocasionando uma série de problemas de escoamento, é um dos aspectos que mais impressionam na região. Infelizmente torna-se impossível citar valores, mesmo totais, da água que escoa, da que é retida sobre o solo ou mesmo da que tomba, em dado período, na bacia do Itanhaém.

As observações da descarga do rio Branco, realizadas no posto hidrológico de Boturapão, de fevereiro de 1936 a novembro de 1946, com algumas interrupções, pela "Light and Power", permitem uma avaliação sumária, não do débito, mas das variações mensais de escoamento no principal curso d'água da baixada. É assim que, no conjunto, o regime normal se ajusta ao da pluviosidade. As alturas máximas atingidas, nos casos extremos, até quase 5 metros (4,81 m. em dezembro de 1942 e 4,95 m. em fevereiro de 1945), acima do zero da escala de observações. As inundações têm lugar, praticamente, em qualquer mês, apresentando-se frequentemente com caráter súbito (por exemplo: em dias de junho e agosto de 1938, com, respectivamente, 3,10m. e 3,15m.; em setembro de 1939, com 2,25m., em novembro de

---

(17) A partir de 1930, as cheias do Rio Branco têm durado menos tempo, pois as águas escoam-se mais rapidamente através do "Furado Grande", ao contrário do que faziam até aquela data, quando então, tinham de seguir pela chamada "Volta Grande", extenso meandro, que para se percorrer de cima, levava-se mais de 1 hora. Para facilitar justamente a navegação, o homem tentara abrir uma vala no ponto em que o meandro se estrangulava, mas, esta vala dava passagem apenas durante a maré alta. Com as copiosas chuvas que caíram na região em 1929, o rio precipitou-se através daquele pequeno canal semi-aberto, rompendo-o violentamente. Hoje é ele o caminho natural das águas do rio Branco que nesse ponto se junta ao do rio Preto, perdendo este o trecho final do seu baixo curso, desde que o primeiro passou a correr em seu lugar.

1942, com 3,42m.; em outubro de 1943, com 3.05.; em abril e maio de 1944, com 2.62 e 2,95m. respectivamente, etc.). É, porém, nos meses chuvosos de verão que normalmente ocorrem as maiores alturas de vazão. Março, que se coloca no fim da época de maior pluviosidade, é um mês particularmente perigoso para os ribeirinhos da baixada, pois nessa ocasião os solos estão super-saturados de umidade e incapazes de absorver qualquer nova carga d'água.

As vazões mínimas têm lugar nos meses de inverno, normalmente. Mas, os seus valores também refletem irregularidades da mesma ordem das referentes às maiores descargas. Assim, é comum sucederem, a curtos períodos de máximos, débitos extremamente fracos, seguidos de novas descargas elevadas.

Características do clima - A pluviosidade, que dos elementos climáticos, é o mais importante e também o melhor conhecido na região, alcança, nas encostas marítimas, normais da ordem de 2000 a 2500 mm. (18). Seus valores, são, possivelmente, mais elevados em algumas pequenas áreas, como as bacias do alto rio Branco e do Mambú (19). Com efeito, um pouco para leste e em direção normal à dos ventos marítimos predominan-

---

(18) TORRES (FRANCISCO EUGENIO MAÇARINOS) e MOREIRA (ARMANDO) - Atlas Pluviométrico do Brasil (1914-1938) - Ministério da Agricultura - Departamento Nacional da Produção Mineral, Divisão de Águas, Seção de Hidrologia - Vol. n. 5, Rio, 1948.

"LIGHT AND POWER" - Dados meteorológicos de alguns de seus postos.

(19) Segundo testemunho pessoal, baseado no conhecimento dessas áreas e de outras do litoral, o Sr. Dr. S. Craig, chefe da Seção de Climatologia da "Light", deu-nos a informação de que no vale do rio Mambú a pluviosidade é de 4000 a 4500 mm. anuais.

A este distinto técnico, bem como ao seu auxiliar imediato, Sr. Andrade, que nos forneceram preciosos dados climatológicos e hidrologicos, além da cópia do mapa pluviométrico de um trecho do litoral, organizado pela "Light", deixamos aqui os nossos agradecimentos.

tes, localiza-se a área mais chuvosa do Brasil, a dos escarpamentos que servem de fundo de cena às ilhas de São Vicente e Santo Amaro, onde o posto pluviométrico de Itapanhaú assinalou a impressionante média de 4500 mm. em 29 anos de observações (20).

Somos levados a crer que as escarpas que limitam a oeste a baixada de Itanhaém possuem regime pluviométrico idêntico ao de Itapanhaú, participando da mesma área climática. Mas não possuem séries de observações comparáveis às da rede instalada pela "Light" na área de interesse para os seus reservatórios do planalto. Por esse motivo, deixamos de utilizar aqui os dados fragmentários que nos foi possível obter e que têm valor muito reduzido (21).

Recolhendo as chuvas da bacia para encaminhá-las ao mar, a baixada apresenta, porém, níveis pluviométricos bem inferiores aos das escarpas, como tem sido registrado nos postos pluviométricos de Itanhaém, e Praia Grande (respectivamente com 2581,8 e 2325,9 mm. anuais).

Amplamente aberta para o mar, como é a planície, e oferecendo na direção dos ventos marítimos predominantes (S e SE) poucos obstáculos, é natural que a condensação da umidade e sua precipitação se realizem de encontro aos paredões da Serra, e também que os ventos deixem à sua retaguarda menores possibilidades de chuva.

Se na baixada é mais ou menos definido, no decorrer do ano, um período sêco, que tem lugar de junho a outubro, nas escarpas, pelo contrário, todos os meses são chuvosos, sobressaindo, como é natural, os do verão. É em março, entretanto, que têm lugar as mais pesadas chuvas, que se derramam sobre a planície, inundando-a e traduzindo-se em enormes deg

(20) Atlas Pluviométrico do Brasil (1914-1938) - op.cit..

(21) Somente nos foi possível conseguir observações de 1931, 1937 e 1938.

cargas nos curnos d'água.

Resta fazer referência a outro elemento climático de grande importância, que são as temperaturas, das quais, no entanto, não possuímos séries completas de observações. Domina na baixada um regime térmico de clima tropical marítimo. A média normal das temperaturas em Itanhaém foi de 21,3 C de 1926 a 1938 e 1941 (posto meteorológico estadual (22)). Se os extremos absolutos não são dos mais elevados (máxima absoluta - 38,8, mínima absoluta - 5,9), entretanto a sensação térmica é grandemente agravada pela umidade relativa, em média acima de 80%, e pela falta de circulação do ar em algumas baías mais ou menos separadas da influência dos ventos S e SE, como é o caso do vale encaixado do rio Branco.

A vegetação das dunas, sub-dunas e de próprio jure traduz as condições particulares que reinam na franja costeira: um clima super-úmido aliado a soles pampérrimos, extremamente arenosos; as vegetais se desenvolvem quase que exclusivamente devido à quantidade de água que podem encontrar durante o ano, uma vez que a alimentação fornecida pelo solo é muito pobre. A consequência deste fato é que, apesar da umidade do clima, a vegetação nessa faixa próxima do mar tem aspectos caracteristicamente xerofíticos.

Nos solos arenosos vizinhos do mar, particularmente nos divisores de água entre os rios Prêto e Aguapeú com o oceano e também nas praias, numa região de clima super-úmido, a obtenção de água potável constitui

---

(22) B. TETZNER (JOSÉ) - Contribuição para o Estudo do Clima do Estado de São Paulo - Separata atualizada do Boletim "D.E.R.", vols. IX a XI, outubro de 1943 a outubro de 1945 - São Paulo, 1946.

As mais dados gentilmente cedidos pelo Dr. José Setzer ao autor do presente trabalho.

um grave problema. Embora o elemento líquido exista em abundância (quer em lençóis pouco profundos, como se pode averiguar nas cisternas abertas nas restingas, quer em lençóis superficiais, de água estagnada, colocados imediatamente atrás das dunas em pequenas depressões) não pode ser utilizado pelo homem, pois a água ou é salobra, ou é de brejo. Cria-se, assim, para o habitante da região, um sério problema; quando ele não se estabelece próximo aos morros e outeiros cristalinos, tem que lutar com a questão do abastecimento de água potável, que, nos casos das praias Grande e Paruibe, é, na maioria das vezes, substituída por aquelas águas de má qualidade.

A sub-região costeira - Se formos agora analisar mais de perto os aspectos particulares da baixada de Itanhaém, veremos que ela poderá oferecer uma série de fatos interessantes para a geografia física.

Antes de mais nada, é preciso que a dividamos nas duas porções bem caracterizadas: a orla marinha, holocênica, onde a deposição marinhe-olítica se faz sem cessar; e a baixada interior, <sup>X</sup>pó-pliocênica, onde, além do trabalho de mar, já evidenciado por provas concludentes, aparece de póssitos terrígenos predominantes, frutos da erosão fluvial nas encostas de Paramapicaba.

Na orla marinha, longa e estreita, estende-se a faixa de praias, restingas e dunas, ocupando por isso, dentro da superfície total da zona, uma área bem pequena. Como já foi dito, as praias, alongadas e retílicas, são na ma quase totalidade praias "mansas"; por isso mesmo as restingas se formam com mais rapidez, obrigando o mar a recuar. Há

trechos, porém, em que essas praias se apresentam com forte inclinação, formando talude pronunciado na zona de arrebatção das vagas. São as chamadas praias "bravas" ou de "Tombo", e esse é o caso da extremidade sul da praia Grande, já no sítio da cidade de Itanhaém (23), onde, poucos metros além da arrebatção, se encontram profundidades razoáveis. Isto se deve à for do rio Itanhaém, que acompanha a praia paralelamente por mais de 2 km, provocando intenso solapamento e correndo entre bancos de areias movediças. (foto 3)

Na praia Grande, sobre as restingas, assentam-se dunas, cada vez maiores, que se tornam verdadeiras paredes a partir da foz de Mongaguá para sudoeste. Nas vilas de São José e Atlântica, encontram-se as maiores delas, com alturas que chegam a ultrapassar 10 metros, formando duna e às vezes até três linhas paralelas. Essas formações marinho-colícas não só constituem importante elemento da paisagem da baía, como também foram em parte responsáveis pelas direções complicadas e pelo eg comento difícil de várias curvas d'água da zona, pelo fato de barrarem a saída para o mar dos rios pouco volumosos. (fotos 4, 5, 6 e 7) São inúmeros os exemplos dos chamados rios "tapados", como se pode ver examinando o mapa de relevo. Deve-se a existência das dunas principalmente ao sôbre da brisa do mar (24)

Contudo, não são somente as praias, com suas formações, os únicos aspectos dessa primeira porção que denominamos de orla marinha. Há tam bém, embora em trechos restritos, zonas de abraço, onde aparecem con-

---

(23) Este característico tomado pela praia, junto à cidade, fêz <sup>o</sup> que o homem procurasse, além do rio, suas praias de banho.

(24) KANITSCHEN (FELIX K.) - Algumas noções sobre a vegetação do litoral brasileiro - Bol. da Associação dos Geógrafos Brasileiros, n. 3, São Paulo, 1944.



Foto 4.



Foto 4a.



Foto 5.

Linhas de dunas na praia Grande cobertas pela vegetação psamófitas na face voltada para o mar e por capões de jun - dú no reverso. (fotos do autor).



Foto 6.



Foto 7.

Exemplos de rios "tapados" que na época de verão conseguem vencer a barragem oferecida pelas dunas, abrindo verdadeiros "boqueirões" para atingirem a praia. Muitas vezes estes rios são obrigados a meandrar por vários quilômetros entre a praia e a duna antes de chegarem ao mar. (fotos do autor).



tões abruptos, com falésias que fazem lembrar as existentes no litoral Norte. São as tão conhecidas costas de Itanhaém, frutos do contato dos outeiros cristalinos de Taquanduba e Paranabuca com as águas do mar, cuja altura máxima é de 50 metros. (fotos 8, 9, 10 e 11) Essas saliências modestas que de longe se destacam na topografia tão horizontal, têm, contudo, muita importância para a zona em estudo. (foto 12) Elas não só quebram a continuidade da extensa praia Grande, como também serviram de ponto de apoio às restingas que se formaram nesse trecho e cuja amarração se deveria ter feito, de um lado no extremo do esporão de Mongaguá, de outro nos morros isolados (Caratupera, Melico, Grande, Convento, etc.), e finalmente nos três morros da margem direita do rio, que são uma das bases para a formação da praia de Feruibe.

Além disso, esses outeiros apresentam hoje ainda evidentes de levantamento da costa, como os já citados terraços no costão de Paranabuca, ou a existência de orifícios arredondados, que bem poderiam ter sido feitos por animais marinhos, no paredão do morro do Convento que sai a pique sobre a planície, olhando para o mar. (foto 13)

Ainda devemos citar, como resultado da existência desses outeiros, as duas pequenas praias de banho de Itanhaém (Praia e do Meio), que se formaram à custa das restingas que hoje ligam entre si aquelas elevações.

Na Praia, que é separada da praia do Meio por um pequeno outeiro de uns 15 metros de altura, o morro de Jacinto, formou-se um dos inúmeros exemplos de "tombali", que se notam com tanta frequência na zona santista; de fato, na pequena ponta formada pelo encontro das duas costas das praias no morro de Jacinto, está a ilha de Givura, quase ligada ao



Fotos 8 e 9.

Aspéctos do costão  
de Paranabuca.  
(fotos do autor).



Foto 10.

Uma falésia no costão  
de Taquanduva. Foto ti-  
rada na maré baixa.  
(foto do autor).



Foto 11.

Curioso exemplo de  
blocos gnaissicos es-  
facelados pela abra-  
são; é o local deno-  
minado pela tradição  
de "casa de Anchieta".  
(foto do autor).





**Foto 12.** Vista aérea do sítio de Itanhaém, onde se destacam, além do trecho primitivo da cidade, a parte baixa da mesma à beira do rio, cuja foz toca hoje as bases dos morros Taquanduva e Cunha Moreira, ao contrário do que fazia na época colonial, quando sua barra era perpendicular à praia, conforme se vê no mapa reconstituído por Benedito Calixto. Estes morros serviram de ponto de apoio às restingas que formam as praias de banho da cidade, bem como à extensa praia de Peruibe, cuja porção norte ainda se vê na fotografia. À direita, nota-se a nítida diferença entre o jundú e os manguezais. (foto do C.N.G. - Diretório Regional de Geografia no Estado de São Paulo).

continente por um "tombo" em adiantada evolução, numa fase mais próxima do final que a da ilha de Urubaquegaba, na baía de Santos. (fotos 14 e 15)

Essas outeiras, que hoje estão sendo ocupadas pelo homem, apresentam uma vegetação bem definida, caracterizada pela ocorrência de uma zonação que, em linhas gerais, é a seguinte: nos trechos rochosos, cobertura de plantas saxícolas (musgos, gramatãs); em seguida, onde ocorre uma percentagem elevada de argila, aparecem outros de vegetação (por influência dos ventos vindos do mar), que se tornam capoeiras rasas nas partes voltadas para o interior, mais abrigadas; segue-se, a essa vegetação rarefeita, outro tipo que domina nas restingas e dunas, ocupando áreas mais extensas do que as precedentes: é o monótono junco, característico das praias paulistas e, mais ainda, da região que estamos estudando, onde, salvo aqueles tipos de vegetação que cobrem os outeiros cristalinos e uma área restrita de mangue que acompanha as margens do rio Itanhaém, no máximo até 3 km acima da sua foz, e mais é aquela cobertura vegetal que domina quase completamente a orla marinha. A paisagem botânica representada pelo mangue, dentro do conjunto da baixada de Itanhaém é insignificante, pois é somente neste rio que vamos encontrar a influência das águas do mar até uma certa altura, invadindo as margens durante as marés altas. Nisto, a baixada em estudo faz contraste com o lagoamar santista, onde os braços de mar se ramificam e penetram pela planície, ou a água salgada encontra livre caminho através dos inúmeros canais, estendendo bastante as condições favoráveis ao crescimento do mangue. (foto 16)



Foto 13. O paredão do morro do Convento, onde se observam orifícios arredondados provavelmente oriundos do trabalho de abrasão aliado à erosão orgânica de animais marinhos. (foto do autor).



Fotos 14 e 15.

A ilha do Givura quasi ligada ao continente pelo "tombolo", que no detalhe aparece durante a maré baixa; nessa ocasião apenas um estreito canal isola a ilha. (fotos do autor).



O jundu tem dado margem a uma série de estudos, que procuraram explicar não só a sua origem, como particularmente sua terminologia. Löffgren, Gonzaga de Campos, Ravitscher e outros dedicaram a essa questão páginas de seus trabalhos (25). O primeiro propôs mesmo a adoção generalizada do termo "jundu" para designar esse aspecto da vegetação praiana, que tão bem caracteriza grandes trechos da costa paulista.

Não vamos aqui definir o termo "jundu", porque ele ainda é discutido entre os botânicos e particularmente entre os geógrafos. Descreveremos, apenas, a paisagem vegetal, tal como ela se apresenta aos nossos olhos nessa região. (foto 17)

O jundu, transição entre a flora pobre de halófitas e psamófitas, que pousa as praias e ante-dunas e a densa mata que culmina a baixada, tem um aspecto que muito lembra o do cerrado. Árvores retorcidas, muitas arbustos, mas tudo de aparência mais intrincada e fechada que no planalto, onde a unidade de clima é bem menor. Diz Gonzaga de Campos que o jundu marca um estágio de evolução da Mata Atlântica, em seu avanço às terras recém-conquistadas do mar, onde tem que se adaptar a condições de solo diferentes das que reinam nas baixadas interiores.

O jundu na praia Grande tem sido impiedosamente arrasado pelas companhias de loteamento de terra; na praia de Peruíbe ainda está quase intacto, servindo de abrigo às casas dos caiçaras, invisíveis para quem passa pela praia, e acessíveis por trilhas que se apresentam às vészes como verdadeiras túneis sob a fechada vegetação.

---

(25) LÖFFGREN (ALBERTO) -

CAMPOS (GONZAGA de) - Mapa Florestal do Brasil - "Bol. Geográfico" do C.N.G. números 9, 16 e 17, Rio, 1943-44.  
RAVITSCHER (FELIX K.) - op. cit..



Foto 16.

Vista tomada da ponte da estrada de ferro, abrangendo os manguezais da margem direita do Itanhaém. (foto do autor).



Foto 17.

Vista do jundú nos arredores da cidade de Itanhaém. (foto do autor).

A baixada interior - Para além das linhas de dunas e restingas, ou melhor, para além do limite interior do jundu, principia e que denominamos de baixada interior. Ela é formada por todos os terrenos planos e alagadiços que se estendem desde o limite da orla litorânea até à raiz da Serra do Mar.

Estes terrenos, ao contrário aos que cobrem a orla litorânea, são possivelmente de idade pleistocênica, englobando sedimentos recentes apenas ao longo dos rios e nas várzeas de inundação. Diferem muito dos primeiros, principalmente no que diz respeito à sua origem. Embora existam indícios de sedimentação marinha, contudo são as formações fluviais as predominantes. De fato, os solos argilo-silíceos, que ali cobrem vastas extensões, fazendo suspeitar certa espessura, nada mais são que o resultado de material de longa data retirado dos granitos decompostos da Paranaíba, dos seus esporões e dos morros isolados, além dos xistos e filites que se intercalam em grandes áreas no grão da encosta da Serra.

A decomposição das rochas é acentuada pelo clima tropical úmido e, além de atacar a rocha "in situ", possibilitou a formação de numerosos rios e torrentes, que se encarregaram de transportar os sedimentos, depositando-os por sobre a antiga plataforma costeira da região.

É claro que esta baixada, como aliás também acontece com todas as demais do nosso litoral, não é completamente uniforme em sua topografia e nem é sempre contínua em toda a sua superfície. Antigos leitos de rios, já secos, formando pequenas depressões; pequenas terraços de sedimentação marinha; esporões que se destacam da encosta principal e a seguem pa-



ralelamente; ou pequenos morros que se isolam na planície como testemunhos de antigas ilhas; e, mais ainda, as várias trechos em que o elemento líquido não foi totalmente vencido pela sedimentação e forma, por isso, vastos alagados e mesmo lagoas de certa parte, tudo concorre para que aquela topografia perfeitamente horizontal, quando vista de alto, apresente uma certa variedade quando observada de perto. (foto 18)

De fato, examinando-se com certo detalhe a baixada interior, veremos logo de início as saliências dos morros cristalinos isolados, como os Grande (250 m), Nélice (125 m), Caratapera (100 m), Helena Soares (100 m), que são os que se encontram mais próximos da orla marinha, e esse que baliza o curso do Aguapeú, o maior afluente do Branco, na margem esquerda. Todos esses morros não estão além de 3 km da praia. Mais para o interior, já a 7 km, fica o morro das Pedrinhas (100m) e, um pouco mais distante, o pequeno maciço de Boturapu-Beasica (425m) e os morros de Araraú (125m) e Boturuvaia (100m), todos balizando o curso do rio Preto e seus afluentes, como o do rio do Crasto.

Além desses morros há ainda os chamados esporões da Serra, que dela se destacam, tomando ora a direção perpendicular à linha de praias, como é o caso do Boturapeú, divisor de águas das bacias Branco-Preto; ora destacando-se da escarpa principal e seguindo-a paralelamente, como no caso do mais importante deles, o esporão Guaperuvu-Baýrigui, a que as nevas dão mesmo o nome de serra, devido à sua altitude, e que constitui em toda a sua extensão o divisor das bacias Branco-Aguapeú. Este esporão é uma reprodução, em direção oposta, do que existe na região do Cubatão - São Matias e São Maria: lá, como aqui, o mesmo paralelismo, não

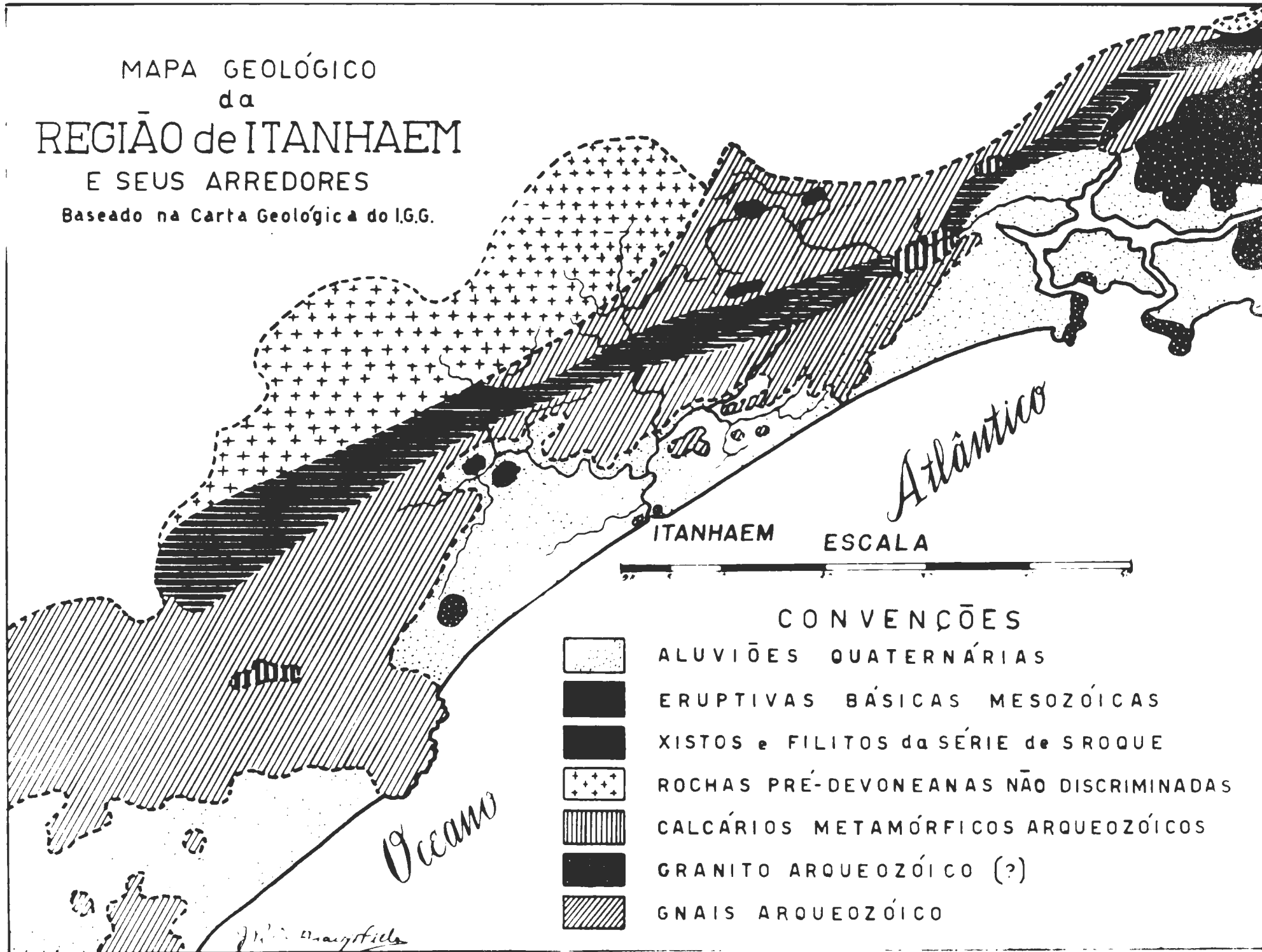


**Foto n.18- Aspecto parcial da Baía de Itanhaém, podendo ser observadas, diferentes paisagens, não só topográficas como particularmente botânicas. (Foto da Empresa Nacional de Fotografias aéreas).**

MAPA GEOLÓGICO  
da  
REGIÃO de ITANHAEM

E SEUS ARREDORES

Baseado na Carta Geológica do I.G.G.



apenas à lista de costas, mas à própria escarpa da Serra; lá, como aqui, e nesse encastamento dos vales. Aliás, essa direção NW-SE da linha geral de relevo é um fato das costas, de Santos para o norte, até o Rio de Janeiro, que levou o Prof. Emmanuel de Martonne a escrever um trabalho sobre o Rio. Para o norte francês, esse paralelismo não pode ser atribuído ao eixo a "fraturas da zona orogênica, levantada para leste, com as suas falhas contrárias" (26).

No entanto, este paralelismo e profundo encastamento dos vales pode também ser explicado pela ação fluvial agindo sobre blocos de rochas mais frágeis, sem precisarmos recorrer aos fenômenos de falhas. No caso, seria os xistos e filitos os responsáveis pela orientação NW-SE do relevo das espertas e as escarpas terminal da Serra, assim como na rápida elevação dos vales sobre costas regionais. De fato, a área apontada como constituída destas rochas na última edição do mapa geológico de São Paulo (27), é justamente a área percorrida pelos vales em garganta dos rios Arara, Cubatão e Magi. Se é que podemos falar em fenômenos de falhas para a região, devemos lembrar que os mesmos se tornam pronunciados em regiões bem fronteiras às escarpas e nos pontos atualmente existentes. Isto porque a erosão e o intemperismo foram capazes de remodelar as antigas saídas de falhas e esculpir a topografia variada que hoje ali se vê. Particularmente em relação à zona de nosso estudo, a Serra de Mar sofreu uma ação erosiva intensa, com a interven-

(26) DE MARTONNE (EMMANUEL) - A Serra de Cubatão: Comparação com as costas das Cevennes Francesas - "Geografie", Revista da Associação dos Geógrafos Brasileiros, ano 1, n. 4, São Paulo, 1935 (pág. 3).

(27) INSTITUTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO - Carta Geológica do Estado de São Paulo - Escala de 1:200.000 - São Paulo, 1927.

ção de fenômenos de intemperismo e erosão diferencial, criadoras dos espigões montanhosos, vales encaixados e frentes abruptas, muito depois da ação geológica dos falhamentos (no mioceno ou plioceno ?) (28).

Quanto à vegetação que reveste a baixada interior podemos dizer que é uma porção da Mata Atlântica que, como é sabido, tão bem caracteriza a paisagem botânica de largo trecho do litoral sul-oriental do país. Tal floresta é mais resultante do clima quente e super-úmido reinante na região, do que propriamente das qualidades dos solos ali existentes. Se não, vejamos; os solos argilo-silíceos em cobras vastas extensões são, como vimos, o resultado do material retirado dos gnaiss decompostos da Paranaíacaba e de seus esporões, além dos xistos e filitos que se intercalam em grandes áreas no gnais da escarpa e depositados sobre os terrenos silíceos deixados pelo mar. Estes solos têm, é bom de ver-se, grande teor de areia, cuja percentagem vai diminuindo à medida que nos aproximamos do sopé da Serra; ali é que se encontram melhores terras da zona, pois das encostas os morros e dos esporões vêm os sedimentos argilinos carregados de elementos húmiferos (29)

(28) Estas idéias foram postas em foco, na presença do autor, por várias de suas colegas do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

(29) Uma prova disso encontra-se no fato de serem os bananais situados nas proximidades dessas encostas, os melhores, apresentando um belo aspecto de conjunto, onde as falhas são poucas e as bananeiras vigorosas, o que não acontece com as lavouras situadas mais a jusante dos rios. Também há diferença entre os bananais da baixada em geral e os das encostas. Realmente, de há alguns anos para cá os terrenos da planície foram-se tornando poucos para o grande desenvolvimento das plantações e as encostas dos morros, dos esporões e da própria escarpa, foram sendo aproveitadas nos seus primeiros 100 e 125 metros de altitude. Encarapitem-se, assim, os bananais pelas encostas acima, onde, se não há os problemas das enchentes, existe, porém, o dos transportes e, o que é pior, o dos solos. Estes, além de serem menos úmidos que os da planície, devido ao declive que dificulta a infiltração das águas, têm também contra si a falta de matéria orgânica, toda ela levada para baixo pelas fortes enxurradas. Se as terras da baixada não são de tão boa qualidade, as das encostas são piores e talvez um bananal não produza por mais de cinco anos.

Apesar dessa graduação de tipos de solos, a mata sobre tudo indifereentemente, ligada a is às condições de unidade e das médias elevadas da temperatura. (foto 19)

Densa na escarpa, tal floresta possui clareira e na baixada, onde, nos trechos a is úmidos, pe uenas depressões ou antigos leitos de rios, transformados em "gambões", eodem lugar a formação vegetal própria de alagados, representadas sobretudo pelos pirizais e cachetais.

Até há bem pouco tempo, a cobertura vegetal da baixada se conservava case intata, pois, salvo uma ou outra madeira de lei e quantidade diminutas de piri e cacheta exploradas pelo homem, no a is era o domínio da mata virgem. Com a construção da estrada de ferro e, depois, com a introdução dos bananeis na zona, começaram as devastações, que rapidamente arrasaram grandes extensões de matas, substituídas pelas lavouras bananeiras ou então, em áreas infelizmente extensas, pelas capoeiras, exemplo frisante da economia destrutiva e sem peias (30).

O quadro natural e a vida humana - Eis aí, em largos traços, retratadas as principais condições físicas e paisagens naturais da baixada de Itanhaém, que vieram influir diretamente no comportamento do homem que aí se fixou desde os primeiros anos coloniais.

Veremos -as, de todos os característicos físicos encontrados na região, foi o clima o fator predominante a nortear a vida humana. De fato, se por um l do ôle foi propício ao desenvolvimento da única riqueza agrícola que se instalou em trechos da região estudada - a ba-

---

(30) Durante a última guerra, nem as matas da escarpa ficaram livres da sanha destruidora. É assim ue, nos altos cursos do Mambu e do rio Branco, o lenhador e o carvoeiro puseram impiodosamente abaixo a floresta pujante, como já vinham fazendo nos vales do Cubatão e do Mogi.



Foto 19.



Foto 19a.

Aspéctos da mata da baixada, no médio curso do rio Preto; floresta bastante intrincada, debruçando-se às margens do rio, dá-nos a impressão de um igapó amazônico. (fotos Pierre Gourou e A.R.Penteado).

nana, por outro, trouxe sérias dificuldades à penetração e à permanência do homem, por se interferiu na transformação dos tipos de solos, reduzindo em pouco tempo sua já pequena camada de húmus e, mais ainda, por se influir na própria vida humana através de certas doenças, das quais a malária sempre foi a mais comum. Naturalmente, não vamos levar o caso ao extremo e não chegamos à conclusão de que o clima é uma barreira insuperável à ocupação definitiva da baixada itanhaense. Até o momento, porém, as suas influências têm prevalecido, porque o homem não soube valer-se ainda da técnica e da ciência para o trabalho rural que ali criou.

Se procurarmos corrigir os males que a natureza implantou, não poderemos tirar proveito das vantagens que também existem, e não são poucas, mas que se tornam difíceis diante dos rudimentares métodos de aproveitamento.

De qual quer forma, porém, é preciso frisar que o clima e os solos são dois fatores muito sérios, para que o homem os relegue a um segundo plano, como tem feito até aqui, não somente na baixada do Itanhaém mas também em algumas outras baixadas tropicais úmidas, de solos arenosos pouco férteis de nosso país.



CAPÍTULO IIPOVOAMENTO E POPULAÇÃO

- As condições geográficas e o povoamento. O povoamento antigo. A população atual. Os tipos humanos. O esquiara, personagem-tipo da região. O homem do bananal.

As condições geográficas e o povoamento - O chamado litoral sul paulista sempre foi escassamente povoado, apresentando verdadeiros vazios em vários trechos de suas praias. Talvo a região da Ribeira, onde o ouro ferrou no passado pequenos núcleos e mesmo vilas, além da cidade de Iguape, e se continuou até fins de século XIX num crescente, ainda que lento, à custa da agricultura, o mais permaneceu praticamente deserto, ao contrário de diversas praias do litoral Norte. A zona de Itanhaém, embora mais próxima de São Vicente e de Santos, constituiu sempre um dos clássicos exemplos de trechos semi povoados de nossa costa.

Os vestígios de passagens de colono português pelas praias Grande e Ferulbe ou pela bixada do Itanhaém são quase completamente inexistentes; a não ser o pequeno núcleo urbano, que foi vila até a Repúbli

ca (e vila deveria continuar hoje, se não houvesse uma lei dando às cidades de municípios foros de cidade) e que ainda apresenta algum aspecto colonial, e mais não nos dá idéia de que por ali houvesse passado o colonizador quinhentista.

Consultando-se as obras dos cronistas dos primeiros séculos, vê-se logo a pequena importância da zona em estado, pois são raros os que falam de Itanhaém, e, quando o fazem, só dizem meia dúzia de palavras (31).

Embora a vila de Itanhaém houvesse sido sede de Capitania durante mais de um século, essa predominância administrativa teve um carácter puramente teórico. Na realidade, durante aquele período, que coincidiu justamente com a penetração paulista e com as explorações do ouro, Itanhaém viu suas terras, já tão vastas, se despoventarem ainda mais (32).

Na zona itanhaense jamais tivemos possuído um período áureo economicamente falando, ninguém poderá ter dúvidas em afirmar, pois, nos seus arredores ou na própria fisionomia da hoje cidade, nunca se viram vestígios de grandeza nem restos de lavouras de cana ou de engenhos, nem lavras mineiras ou mal ver outro tipo de economia, nem bellos edificios na pequenina "urbe", nada, enfim, que lembre alguma prosperidade dos itanhaenses no passado. Embora Calixto, em seu já citado livro, houvesse deixado transparecer a existência de uma economia aquocareira de certa monta na zona e o desenvolvimento da mesma, à custa da sua posição politico-administrativa como sede de Capitania, pareceu-nos

(31) FRIE CASPAR DA M. DES. DE DRUS - Memórias para a História da Capitania de São Vicente.

LEME (PEDRO TA. VES. de ALMEIDA) - História da Capitania de São Vicente - Editora Melhoramentos, São Paulo, sem data.

(32) CALIXTO (BENEDITO) - A Vila de Itanhaém - Tipografia do Diário de Santos - Santos, 1895.

mais certo aceitar o contrário, já porque o autor não previu a sua afirmativa, já porque os fatos presentes, baseados na explicação geográfica, não nos levam a tal conclusão.

Se atentarmos para um mapa de São Paulo ou mesmo do Brasil e não formos observar a posição geográfica de Itanhaém, veremos em grande parte explicadas as razões por que aquêle trecho da nossa costa jamais poderia ter tido uma economia desenvolvida. Conforme ficou demonstrado no capítulo anterior, as condições geográficas da baixada itanhaense não são favoráveis ao desenvolvimento de uma economia de base sólida. Isolada pela escarpa abrupta da Paramapiscaba, onde apenas um trilho a pauha em comunicação com o planalto (o antigo Caminho de Santo Amaro, que parte de Pôrto Velho, na margem direita do rio Branco) (33); sem comunicação direta com Santos ou São Vicente, a não ser pelo mar, pois por terra apenas a praia era o caminho viável quando o maré e permitia (e até 1915 foi este o único); sem possuir nos seus arredores riquezas minerais, como acontecia logo ao sul na região da Ribeira, é fácil de se concluir que a zona itanhaense jamais poderia ter tido qualquer período de fustígio econômico na época colonial. N, durante o Império, menos ainda, como é prova evidente a completa decadência de pouco que existia na vila por todo o século XIX, de acôrde com informações de viajantes que por lá passaram (34).

---

(33) Durante o inverno de 1946, o autor do presente trabalho, em companhia dos professores João Dias da Silveira, Ary França e Fernando M. de Almeida, teve ocasião de descer o citado caminho, que na verdade não passa de uma simples trilha de cipiras, que só dá passagem a pedestres, fazendo-nos lembrar de como seria o antigo caminho do Padre José, que também ligava outro trecho do litoral ao mesmo planalto.

(34) De dōles, o General Aranche de Toledo Mendon, num relatório sobre "A situação das aldeias de índios de São Paulo, em 1805", diz que a aldeia de Feruibe não apresentava o problema das relações entre

Alguns dados do passado exemplificam perfeitamente e que acabamos de afirmar. De acordo com os mapas demográficos da Capitania de São Paulo, dos séculos XVIII e XIX, existentes no Arquivo do Estado, é possível ter uma idéia de que seria a população itanhaense naqueles tempos:

1783/84 .....	1233 habitantes
1805 .....	1273 "
1872 .....	1566 "

Embora os dados, com exceção de ano de 1872, sejam estimativas, por eles podemos perceber a quase estabilização da população de Itanhaém. Se a população não aumentava é porque a situação econômica era das mais pobres; e aqui melhor para ilustrar tal fato, que transcrever algumas informações retiradas dos mesmos mapas demográficos (35).

Com tanta pobreza não é de se admirar o escasso comércio feito pela zona itanhaense com a cidade de Santos:

---

colunas e índios em relação à posse da terra, porque quase não havia habitantes a disputar o chão em Itanhaém - Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo - tomo IV.

(35) "Lista geral da primeira comparação dos habitantes existentes em 1805 - ocupação:

Antônio Neves - É lavrador, planta mandioca e arroz e já vendeu 60 alqueires e de farinha, 7; vendeu de tabaco 90 dúzias; tem 2 cavalos com 18 bois, com que ganhou 120\$000. Tem 30 escravos.

Bento da Cruz Lustosa - É negociante e gansaria, segundo seu cálculo, 190\$000. Tem 1 carro com 2 bois, com o que ganhou 64\$000. Plantou este ano 6 pés de café e 90 feixes de ração de mandioca e 2 alqueires de arroz.

Catarina Maria do Sacramento - Vive de escolas.

Joana Gomes - Planta mandioca para sustento.

Agostinho Nunes - É pescador.

.....

E a lista continua agora com os nomes dos indivíduos e a sua ocupação, que é invariavelmente - "planta mandioca para sustento".

Aí está uma prova da pobreza da população. De fato, de mandioca viviam eles no passado e assim continuam no presente, com a diferença que esse produto hoje mal dá para o sustento.

Exportação - 1805 (36)

Tabaco .....	399 dúzias
Esteiras .....	2579 unidades
Chapéus de palha .....	4410 "
Taishas salgadas .....	9000 "
Caçô .....	14 arrôbas
Tucum fiado .....	80 libras
Cashôtas .....	<u>19 centos</u>
Valor total dos produtos .....	1:541\$465

Importação - 1805

Aguardente .....	5 pipas
Tabaco .....	34 arrôbas
Congonha .....	32 alqueires
Açúcar .....	8 arrôbas
Feijão .....	8 alqueires
Taicinho .....	10 arrôbas
Pano de algodão .....	5 peças de 100 varas
Pano de linho .....	6 " "
Chita .....	6 "
Zurrate .....	12 "
Seda lavada .....	1 "
Pólvora e chumbo .....	1 arrôba

Estas duas listas de produtos constituem outra prova da pobreza inportância da zona itanhaense nos velos tempos. Na primeira delas tem-se desde logo uma idéia exata do primitivismo da economia da zona, baseada quase que exclusivamente em produtos da indústria extrativa e, ainda se-

---

(36) DE OLIVEIRA, ST. JO - Mapas demográficos e econômicos da Capitania de São Paulo nos séculos XVIII e XIX.

MULLER (DANIEL PEDRO) - Ensaio de um quadro estatístico da Província de São Paulo - Reedição literal e em adado do Governo do Estado de São Paulo, 1923

Peles dados publicados nesta obra, 30 anos depois dos acima citados, Itanhaém continuava a exportar somente produtos de importância secundária.

sim, produtos dos mais pobres do ponto de vista comercial. E não menos expressiva é a segunda lista, isto é, a de importação, que, além de registrar o baixo índice aquisitivo da população local, através das míseras quantidades de produtos comprados, mostra também o que pouco a aquela população produzia do ponto de vista alimentício, desde que entre os produtos vindos de fora apareçam o feijão, o feijão, o açúcar, a aguardente, etc..

O povoamento antigo - Os primitivos habitantes da zona pertenciam à tribo dos Itanhaéns, que faziam parte do grupo Guaianá, que, pelas tradições coloniais se aglomeravam em pequenas aldeias, principalmente na praia de Peruíbe. Ali, segundo os cronistas e, sobretudo, segundo Calixto, foram encontrá-los os primeiros portugueses aqui aportados com Martin Afonso.

"Está provado que Martin Afonso estabeleceu o fundamento da povoação de Itanhaém entre as tribos dos Itanhaéns, conforme afirma Machado de Oliveira e outros historiadores; e se, em 1535, segundo frei Gaspar" - ainda não existia povoação alguma no terreno, onde pelo tempo adiante foi situada a Vila de Itanhaém ..." - existia, no entanto, desde a época de Martin Afonso, 1532-1533, a povoação fundada por ele na aldeia dos Itanhaéns, conhecida hoje por aldeia de São João Batista, e que fica entre os rios Peruíbe e Itanhaém, no meio da praia de Peruíbe, duas léguas a oeste da vila de Itanhaém. Ali, sobre um pequeno outeiro, a 1 km da praia, vêem-se ainda as paredes de pedra e cal da Igreja e Colégio dos padres jesuítas" (37).

Como se vê, foi esse o primeiro trecho da zona itanhaense a ser

---

(37) CALIXTO (BENEDITO) - A Vila de Itanhaém - pág. 11.

ocupado pelos portugueses, ainda no alvorecer da nossa história.

Esta ocupação, que à primeira vista parece absurda, numa praia que não oferecia vantagens, era mais ditada pela estratégia que pelas riquezas naturais do lugar, pois, assim como se norte de Santos se construiu mais tarde o forte de Bertioga, para defesa contra os Tamoios e invasores estrangeiros, ao sul de São Vicente ameriam os portugueses precaver-se não apenas dos índios Carijós, mas também dos espanhóis que já estavam tendo relações na baixada da Ribeira, como o célebre Bacharel de Camarão (38).

Parece que desde os primeiros momentos as relações dos portugueses com os Itanhaéns foram sempre amigáveis, como também sempre o foram com os Guaianês de planície.

Com a vinda de alguns colonos para as imediações do núcleo primitivo e com a chegada, logo depois, dos primeiros padres da Companhia de Jesus (1549, Leonardo Nunes e irmão Diego Jacome), iniciou-se a primeira fase do povoamento da zona (39). De fato, na década 1549-59, de

(38) FREI GASPARE DA VARRE DE REUS - op.cit.

CALIXTO (BENEDITO) - op.cit.

OLIVEIRA (J.J.MACHADO de) - Centro Histórico da Província de São Paulo até o ano de 1822 - Tipografia Brasil, 2a. edição, São Paulo, 1897.

(39) Foi nesta fase do povoamento que mais se destacaram Leonardo Nunes (o Abareobê dos Itanhaéns) e José de Anchieta, chegado ao Brasil em 1553. Este último, embora não tivesse dedicado somente parcelas de seu tempo de trabalho como catequista as trechos literários entre São Vicente e Iguaçu, muito afanado ficou nas praias itanhaenenses, principalmente durante o período em que esteve como reitor do Colégio de São Vicente, entre 1569 e 1576. A história de seus trabalhos e de seus milagres, contada desde os tempos coloniais por vários de seus biógrafos, ligou à sua figura lendária de catequista inúmeros fatos até hoje tidos como verdadeiros ou alguns trechos de literal paulista. Em Itanhaém, para sempre ligados à vida do célebre jesuíta ficaram o "Poço de Anchieta", a "Casa de Anchieta" e o "Púlpito de Anchieta": são locais onde, segundo a tradição, o catequista pescava, dormia e pregava. Estes locais situam-se respectivamente: no canto norte da praia do Ferreiro, no costão de Paranaíba e no morro do Jacinto.

tanta importância para a nossa história, foi que se deu a ocupação de outros trechos da praia de Feruibe e, particularmente, da barra do rio Itanhaém, onde na sua margem ocidental teve início a vila do mesmo nome.

Parece-nos, porém, que não foi adiante e povoamento da zona, pois, além dessas citadas ocupações, nada mais se sabe a respeito da penetração pela baixada e dentro ou da ocupação da orla da praia Grande. Este último trecho, que medeia entre São Vicente e Itanhaém, salvo as duas extremidades da praia, foi sempre uma zona pouco procurada, sendo completamente abandonada. É que aí, mais que na praia de Feruibe, o problema da água potável foi sempre sério, além da falta de terras aráveis, num solo extremamente arenoso.

Mais que a nenhuma outra população brasileira, talvez sobra à itanhaense a tão conhecida frase de frei Vicente do Salvador; de fato, os itanhaenses, descendentes dos índios do mesmo nome e dos portugueses martin-afonsinos, jamais se afastaram da orla litorânea, à qual, vivendo como caranguejos e à custa destes crustáceos e de cernambis, se agarraram, deixando o interior vazio.

A população atual. Os tipos humanos - Até 1920, quando a população do município itanhaense era de 4.227 habitantes, o trecho que estamos estudando, isto é, somente a baixada de Itanhaém, era o menor povoado. Daquele total de população, a maior parte estava na estação de Feruibe para o sul. A vila e seus arredores, bem como os poucos núcleos de rio acima, possuíam apenas uma pequena parcela da população total.

Nos 10 anos seguintes a situação começou a melhorar, particularmente para os trechos da baixada interior, com a chegada dos pioneiros



da plantação da bananeira. Mas a orla praiana continou o que sempre fora - parcamente povoada e atrasada.

O recenseamento de 1940 veio mostrar que a população do município aumentara, atingindo então a cifra de 11.052 habitantes (39). No entanto, o distrito da sede ainda é menos povoado que o de Itariri, apresentando 4.548 habitantes, para 6.504 deste último.

Tomemos o caso que nos interessa - o distrito de Itanhaém, que abrangia a quase totalidade da área de município, e justamente colocado sobre as regiões de baixada. Dos 4.548 habitantes, somente 936 se aglomeravam na cidade, enquanto que os restantes 3.612 se dispersavam pelo interior da baixada ou acompanhando as extensas praias.

O seu tipo característico, o caiçara, que chegou até os nossos dias tal qual fôra há 100 ou 200 anos, em nada procurou diferenciar-se de seus antepassados. Pelo contrário, a impressão que se tem, logo à primeira vista, é que esse tipo de praiano não admite modificação no que êle herdou de seus avoengos: um gênero de vida primitivo e de acordo com o meio hostil que o rodeia. De fato, observando-se de perto o caiçara paulista, vê-se logo a inferioridade em que êle se encontra quando comparado com o cabeclo planaltino e mesmo com outros tipos praianos, como os do Nordeste brasileiro.

Essa inferioridade se torna ainda maior, se lembrarmos que o caiçara vai aos poucos se educando (mesmo sem escolas), somente através

---

(39) DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA - Dados Provisórios do Censo Demográfico de 1940 (prédios e população) - São Paulo.

Servimo-nos dos dados provisórios, pois são os únicos que fornecem elementos para a distribuição da população, uma vez que dão os totais da população urbana e rural em separado.

Atualmente a população total do município de Itanhaém é bem menor que a de 1940, porque Itariri, sua área mais povoada, se separou como município em 1948.

de contato com certos fatores de progresso, como estradas de ferro ou de rodagem, contato com novas populações, etc..

Ora, isso não acontece no literal. O caçara, tipo que até hoje está à margem da civilização, mesmo quando teve ocasião de entrar em contato com o progresso, nada aproveitou. É que sobre ele pesam mais de dois séculos de vida rudimentar e de abandono. Há mais de um século que se abrem zonas pioneiras ininterruptamente nas terras de planalto; que se colonizam com contingentes novos, nacionais ou estrangeiros, áreas enormes de São Paulo; que se fundam cidades, abrem-se estradas, criam-se, enfim, riquezas cada vez maiores. Nada disto, porém, foi conhecido do caçara que, na sua limitada zona, só entrou em contato com a natureza hostil.

À lido daquele caçara, que à primeira vista parece simplesmente indolente, mas que, na realidade, é um sub-alimentado e um doente, aparecem os habitantes do pequeno núcleo urbano, de mesma origem daqueles, mas habitando casas de taipa, pau-a-pique e mesmo de tijolos, cobertas de telhas e tendo já rudimentos de educação, devido ao papel dos padres jesuítas e franciscanos, nos seus esforços de continuarem a velar pelo convento e pela igreja (40). No mais, porém, mesmo esses ha-

---

(40) São de Benedito Calixto, em "A Vila de Itanhaém", págs. 42 e 44, as seguintes palavras: "A Vila de Itanhaém teria a mesma sorte que teve a povoação da Aldeia de São João Batista, após a expulsão completa dos Jesuítas, se não fôra o seu convento."

Ainda mesmo depois de reduzido ao último extremo de pobreza; ainda mesmo depois de aniquilado em parte, por um incendio, era, ainda assim, o Convento que mantinha a vila.

Parece um paradoxo, parece absurdo, e é entretanto uma verdade. Vou provar.

As principais famílias do lugar, os nobres, descendentes de Martin Afonso, retiraram-se da vila logo que esta perdeu os seus foros de capitania.

As principais autoridades e por parte da população de seu extenso município deixaram Itanhaém.

bitantes da cidadezinha, "descendentes de nomes ilustres" (assim diz o historiador), que fizeram o pouco que ela hoje mostra de seu passado, mesmo eles, repitamos, acabaram caindo na indiferença, no obscurantismo completo, de que o marasmo do núcleo urbano, até há bem poucos anos, era o melhor exemplo. Também eles, sem ter o que fazer, sem ambiente para um pequeno comércio, por menor que fosse, pois não havia meio rural produtivo, sem, portanto, qualquer motivo de ambição, acabariam no mesmo caminho dos habitantes das praias, sem meios de trabalhar e de progredir(41).

Resta fazer referência a um terceiro tipo de habitante, que começou a aparecer a partir de 1927, com a abertura dos primeiros bananais do vale do Itanhaém. São os homens do bananal, que contribuíram para um pequeno aumento da população regional, mas que, ao contrário dos habitantes nativos, constituem uma população flutuante, desde que estão sempre mudando de residência, quer dentro dos próprios bananais, quer saindo da zona para as vizinhas. Toda essa população dos bananais é alienígena,

---

Os engenhos, os sítios de escravatura foram abandonados, porque logo se tempo começaram a surgir, com mais vantagens, os futuros municípios de serra acima...

... Só ficaram aqueles que eram impossibilitados de sair, ou ôcos pobres de espírito, para quem as riquezas eram indiferentes, prezando mais que tudo o seu viver placido e humilde: "pobres possadores", na frase do historiador.

Entretanto, dessa classe abjeta, desses humildes possadores era preciso formar homens mais ou menos instruídos, que pudessem ocupar os cargos públicos para que Itanhaém não perdesse de uma vez os seus foros de vila. Foi isso o que o Convento realizou.

Aqui, como em toda a parte, essas casas estiveram sempre abertas aos pobres que tinham onde instruir-se ..."

(41) Nas nascentes do rio rêto, já nas encostas da serra do Bananal, vivem ainda alguns índios mancebos descendentes de uma herda que em 1833 se teria dirigido a essa território, vinda da região fronteiriça de sul do Mato Grosso com o Paraguai. Esses índios que receberam do Estado um patrimônio de 250 alqueires de terra estão hoje em franca desorganização social, devido principalmente ao contáto com a população praiense. O professor Ugo Schaden que me gentilmente nos forneceu dados sobre aqueles índios, não só os tem estudado acuradamente nos últimos anos, como também tem procurado melhorar a sua sorte junto aos poderes competentes. Também cuidaram desses aldeamentos indígenas no princípio deste século, dois vultos que sempre trabalharam pelas boas causas literárias: Júlio Conceição e Benedito Calixto.

conforme veremos, e, apesar de hoje estar constituída na sua maioria por mardestinos, foi até bem pouco tempo variada na sua origem, pois se compunha tanto de caçadores do litoral norte, gente de Parati, Ubatuba, etc., como de caçadores de Serra acima e, também, de trabalhadores portugueses, espanhóis e até negros, vindos através de Santos.

O caçador, personagem-tipo da região - Ao lado das paisagens naturais que o litoral paulista oferece à argúcia dos estudiosos, um tipo humano bem característico, completamente influenciado pelo meio e sem recursos para d'ele fugir, aparece, como se reproduzindo à beira-mar o tipo já tão conhecido do "jeoa" do planalto. De fato, o caçador nada mais é do que uma variedade de caçador, com algumas diferenças apenas do caçador de Serra acima; diferenças essas que, mercê do meio em que vive, o obrigam a uma vida à primeira vista mais folgada, mas que na realidade é mais dura que a do seu irmão planaltino.

Se o caçador dispõe a seu favor de uma natureza relativamente pródiga com o mar e a floresta a lhe oferecerem alimento, para aproveitá-los, contudo, tem de desenvolver um trabalho que, devido à técnica primitiva, não lhe traz quase resultado. Caça e pesca, principais atividades do praiense, não lhe dão muitos dias de fartura por ano. Prova-se a sub-nutrição em que vivem os habitantes de nossas praias, que devem ser classificados como pertencendo àquelles grupos de populações nacionais das "zonas de fome endêmica" (42). (foto 20)

Além disso, sem tradição agrícola, e mesmo literária pouco ou que

---

(42) CASTRO (JOSÉ) - Geografia da Fome (A Fome no Brasil) - edição Cruxiro, Rio, 1927.

se nada trabalha a terra, limitando o seu aproveitamento nas minúsculas roças de mandioca, encasapitadas nos morros cristalinos, ou, quando estas faltam, nas restingas arenosas. Mesmo que tivesse aquela tradição, não poderia ir muito além, pois a completa ignorância em que vive, aliada a um meio hostil e difícil de ser dominado, o impediriam de fazê-lo.

Resta ainda, para explicar as razões do atraso do praiense, o completo abandono em que é deixado pelos seus irmãos mais felizes do planalto, abandono este que pode ser observado em vários setores: na falta de vias de comunicações, de escolas e de amparo higiênico.

Isso tudo justifica a vida simples e sem ambições que leva o caçapara, ignorante de tudo o que se passa ao seu redor, quer no que diz respeito à Pátria a que pertence, quer mesmo ao próprio município de qual sua praia faz parte.

Aliás, a vida simples e desambiciosa do praiense paulista já nos foi contada pela Prof<sup>a</sup>. D. Conceição Vicente de Carvalho, num trabalho publicado nos Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia (43). As páginas escritas pela ilustrada professora de Geografia, para focalizar principalmente o praiense do litoral norte paulista, podem, em muitos aspectos, servir para o do litoral sul, desde que sejam levados em conta os fatores de uma hostilidade maior do meio. A melhor prova disso nos é dada pela menor densidade de população, pela maior dispersão das habitações e pelas aspectos de muito maior pobreza encontrados

---

(43) CARVALHO (M. CON. VICENTE de) - O Povoador no Litoral do Estado de São Paulo - vol. III dos Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia. O Povoador no Litoral Leste do Estado de São Paulo - Bol. Geográfico n. 36, publicação do C.N.G. - Rio.

nas praias sulinas.

Praias mais extensas e retilíneas, com o mar aberto batendo sem cessar, dificultando assim a navegação de canoas ou a colocação de redes de arrasto; menor quantidade de cardumes devido à conformação da própria costa; ausência de morros cristalinos que, no norte, frequentemente tocam o mar e tão úteis se tornam aos habitantes; tudo, enfim, concorre para que o praiano do sul tenha diante de si um ambiente pouco favorável ao seu progresso.

Quando visitar as duas praias maiores e mais próximas de Santos, a praia Grande e a de Peruíbe, notará logo aqueles aspectos citados. Na primeira delas, além do mar hostil, o praiano teve pela frente o homem civilizado que, sob os títulos de turista e veranista, tem contribuído para dificultar ainda mais a sua vida. Se analisarmos as conseqüências decorrentes da construção da ponte-pêncil que há mais de um quarto de século vem ligando a ilha de São Vicente ao continente, veremos que a mais importante delas foi justamente a do desajustamento da vida do caiçara, já por si pouco numeroso naquele trecho do nosso litoral. De fato, sendo a praia Grande a poucos minutos de automóvel dos centros urbanos santista e vicentino, as suas dunas e restingas, cobertas com o mais precioso jundu paulista, passaram a ser loteadas e vendidas em grandes extensões, de maneira que hoje em dia são poucos os trechos ainda não tomados pelo veranista; as "vilas" com nomes pomposos, mas que muitas vezes não passam de simples placas e reclames, sucedem-se ininterruptamente desde o Bonucirão até Itaubéu. Ora, o praiano, à medida que o cidadão vai chegando, retira-se para as zonas mais isoladas. Com seu número,

que já não era grande há 30 anos passados, diminui, assim, com a chegada dos ferasteiros. Este fenômeno, notado na praia Grande, começa a evidenciar-se no trecho norte da praia de Peruíbe, nas proximidades de Itanhaém.

Outro fator de civilização, a estrada de ferro, também concorreu para diferenciar ainda mais o caçara do sul, sem contudo melhorar a sua vida. Há perto de 35 anos construiu-se a ferrovia Santos-Juquiá (44), que até Peruíbe segue paralelamente e próxima à praia. Já porque necessitasse dos serviços de caçara, já porque criasse a indústria devastadora da lenha, o fato é que aquela ferrovia conseguiu modificar a sua vida, sem trazer-lhe mal ou conforto; até a mudança da frente das casas praianas foi conseguida, pois primitivamente se viravam totalmente para o lado do mar e hoje voltam-se para o interior, à beira da linha férrea, onde, nas paradas existentes se criaram aglomerações de meia dúzia de casas com as infalíveis vendas para fornecer cachaça.

Tudo fazia crer que os praianos viessem a conhecer uma vida melhor com o aparecimento da estrada de ferro; entretanto, continuaram na mesma pobreza, com uns dias de trabalho por mês nos lenhais que se abriam, mas recebendo pagamentos miseráveis pelos serviços prestados.

Essa praiana da zona itanhucana, ao contrário do seu irmão do litoral norte, não se agrupa em povoões ou pequenas vilas. Distribui-se pelas praias, numa dispersão que chegaria a causar espanto, se o mar

---

(44) Esta ferrovia foi construída por uma companhia inglesa, a Southern-São-Paulo-Railway, que idealizou um traçado pelo sul do Estado até alcançar o planalto de Curitiba; infelizmente, a ponta dos trilhos parou em Juquiá, onde está até hoje. Em 1928 a Companhia foi encampada pelo Governo do Estado, passando a Linha da Juquiá a pertencer à Sorocabana, cujo tronco a ela se ligou através do ramal de Maringá.



Foto 20. Tipo de praiano em cujo físico notam-se os traços deixados pela difícil luta pela subsistência. (foto do autor).



Foto 21.



Foto. 21a.

Caíparas que ainda moram no bairro da Prainna saindo de canoa para uma visita ao cêrco; êsse rudimentar aparelho de pesca que no litoral Norte dá tanto resultado, no rio Itanhaém mal dá para alimentar os seus donos, desde que é feito somente às margens do rio, onde mal tocam os cardumes. Isto é devido à proibição oficial, por ser o Itanhaém um rio navegável. (fotos do autor).



não explicasse. Aqui, o fator que tão bem caracteriza a formação das pequenas aglomerações existentes no interior de quase tôdas as praias no norte de Santos, isto é, a rêde, não pode ser levado em consideração, pois é praticamente inexistente. A canoa que, ao lado da rêde, forma outro importante fator na vida do praiano, é também aqui raríssima; a não ser na foz dos dois rios que extremam as duas maiores praias - o Itanhaém e o Peruíbe, onde, então, as embarcações se juntam, não se encontra, senão excepcionalmente, um tipo qualquer de barco. (foto 21) Explica-se essa inexistência, tanto da rêde como da canoa, pela retilinidade das praias, que se tornam, assim, difíceis de serem abordadas, e pela ausência de cursos d'água numerosos que permitam a entrada de cardumes.

Só a ausência da canoa e da rêde bastaria para nos dar uma idéia de como é diferente, sob vários aspectos, a vida do praiano itanhaense em relação ao praiano de Ubatuba, de São Sebastião ou da Bertiega. Mas se analisarmos melhor os aspectos locais da vida desse caiçara, veremos que uma série de outros fatos se nos apresentam como explicativa de que afirmamos de início: o caiçara da zona itanhaense leva uma vida miserável.

Dispersos pelos jundus, constroem suas cabanas, as mais rudimentares que já tivemos ocasião de ver em todo o nosso litoral, levando uma existência completamente isolada, sem conhecer os mais primários princípios de solidariedade que se observam em outras zonas, onde o mutirão para barrear as casas ou a pesca por quinhão constituem exemplos.

Suas cabanas, feitas de achas de palmeira jicara, verticalmente

colocadas e apoiadas em esteios e baldrames de maçaranduba, não são barreadas, pois a argila necessária fica a quilômetros de distância; pelas frinchas e buracos daquele arremêdo de paredes, entram o vento e a chuva, que vão concorrer, com a malária e o amarelão, para piorar a saúde dos habitantes. São cobertas de sapé, como as demais do litoral, mas sem aquêlo cuidado de colocação e aparo. No interior, bastante e-rígua, três divisões apenas: uma saleta, um quarto quase sempre sem janala e um pequeno puxado à guisa de cozinha, tudo isso assentado num chão de terra batida, ou melhor, de areia. (fotos 2 e 3)

Nenhum mobiliário, além de um ou dois toscos bancos e das típicas esteiras de piri ou de tabua, que servem ao mesmo tempo de cama e de colchão; nenhum utensílio doméstico, salvo uma ou duas panelas de ferro ou, então, latas, dependuradas no tripé que substitui o fogão; os utensílios comuns no litoral norte, como a gamela e as facas apropriadas para o preparo e a salga do peixe, aqui são raros; nada que signifique contato com o mar, além de sanburá para catar cernaubi na ressaca. Ao redor das casas, as exíguas roças de mandioca, medrando em plena areia, e uns pés de cana para fazer o café de "guarepa", tudo rodeado pelos infalíveis pés de bananeira branca, às vezes já cobertos pelo jundu. (fotos 4 e 5)

Trabalhando nos lenheiros, a 8 ou 9 cruzeiros o metro (um praiaço não extrai mais que 3 ou 4 metros por dia), mas somente uns 12 ou 14 dias por mês, não pode, como é bem de ver-se, trazer, no fim, muita comida para casa. Segundo averiguamos, um homem que tenha de sustentatar mulher e quatro filhos, não consegue obter, numa quinzena 100 cruzeiros de alimentos (feijão, café, açúcar). Daí aquêlo aspecto de verdadeira sub-nutrição que se encontra em todas as semblantes. Mesmo a

Fotos 22 e 23.

A "casa" do caiçara

Na primeira foto uma habitação melhor construída, embora se notem alguns aspectos mal cuidados, como o da cobertura, onde o sapé foi colocado irregularmente. Na segunda, uma verdadeira cabana, sem janelas e cuja porta fica encostada à parede durante o dia. (fotos do autor).



Foto 24.

Uma roça na praia de Peruibe. Note-se a confusão dos produtos "cultivados" (mandioca, cana, banana, etc.) (foto do autor).



Foto 25.

Um pequeno mandiocal, onde aparece uma cruz para evitar mau olhado. (foto do autor).

farinha, que em tôdas as praias paulistas constitui a base alimentar da população, aqui não é abundante, porque os minúsculos mandiocais se desenvolvem com grande dificuldade nas restingas; e também é inferior em qualidade, pois não é usado o ralo; a mandioca é posta durante uns 4 ou 5 dias de molho na água e, depois, cocada e torrada, dando um tipo de farinha granulosa, cheia de careços.

Ora, com tal pobreza de alimentos, valem-se as mulheres, os velhos e as crianças, do cernambi, que na maré-baixa é desenterrado na ressaca, lavado e, depois, cozido numa lata de merosene ou num caldeirão grande. (fotos 26, 27 e 28 )

Provavelmente devido à pobreza da zona, o praiano da região não é tão anejo como o do norte, e, se não tem uma estabilidade de moradia, mercê do sério problema da posse da terra, quando muda o faz dentro dos limites da praia em que vive. Há exemplos, em Peruibe, de mulheres e mocinhas que não conhecem Itanhaém.

Além deste tipo de praiano do litoral sul, há ainda na zona, às margens dos rios que formam a bacia do Itanhaém, um tipo mestiço interessante, meio caiçara, meio pirangueiro (45), e que é chamado tabacudo. Vivendo à beira dos cursos d'água, mas já rente à floresta, vale-se mais da caça que da pesca. Habita tôca choça de ramagens, às vêzes construída sobre estacas; possui sua piroga, com a qual vai tirar, nos alagados e brejais, a matéria prima para sua mais importante indústria, a de fabrico de esteiras de tabua ou piri; extrai também o palmito e fabrica remos, gamelas, etc.. Tudo isto é vendido

---

(45) Pirangueiro, no linguajar planaltino, é o homem que habita às margens de um rio. O mesmo que piraquara.



Foto 26.



Foto 27.



Foto 28.

Nas duas primeiras fotos um casal de caiçaras preparados para desenterrar cerambí; veem-se os apetrechos usados: uma pequena faca para escavar a areia onde se abriga o molusco e um samburá onde se o vai depositando. Na terceira foto, ambos em plena função. (fotos do autor).

nos domínios em Itanhaém, até onde chega em suas minúsculas canoas.

Entretanto, este misto de caiçara e pirangueiro, vem diminuindo a olhos vistos, com a penetração cada vez maior dos bananeiros na região. Como os praiados da praia Grande, ele não se acoldou à vida civilizada e, fugindo sempre para as nascentes dos rios, vai nos pontos desparecidos.

Ultimamente, quando um movimento de retorno à costa se faz sentir cada vez mais forte, com a onda de turistas e veranistas a perambular pelas nossas praias, numa ânsia de transforma-las em centros de repouso e de passívia, o praiado como que acorda de longo letargo. Se os mais velhos olham ainda com desconfiança para o forasteiro, os mais novos já sentem vontade de se aproximar, de entrar em contato com o "civilizado" da Serra acima. Aliás, esta vontade dos mais novos de se libertarem daquele ambiente retrógrado, se nota também no êxodo de muitos para São Vicente, Santos e mesmo São Paulo, onde vão procurar nova vida.

Ora, se no passado, conforme nos conta Calisto, as praias viviam despovoadas, por causa da corrida às terras auríferas, só ficando os inferiores, no presente continuam elas a apresentar a fuga de seus filhos, que não concordam em permanecer na terra de seus antepassados, no mesmo modo de vida primitivo e rude. O veranista chega, e caiçara sai e a praia fica deserta, porque a chegada do primeiro não irá concorrer para um novo povoamento, a não ser passageiro e, assim mesmo, apenas em certos trechos, como os arredores dos núcleos urbanos. E mesmo nestes, onde se constroem habitações as mais variadas, e povoa

mente continua incerto, pois o veranista, se não encontra facilidades para a sua rápida estada no local, acabará afastando-se de novo. Ora, esse é o problema itanhaense: o de procurar um modo, não só de atrair cada vez mais o forasteiro, mas também de fixá-lo por mais tempo nas suas praias. Isso só conseguirá quando oferecer certos requisitos de conforto, tais como transporte fácil e barato, facilidade de abastecimento não apenas nos hotéis, mas nas casas particulares, etc.. Se o problema dos transportes vier a ser resolvido com a construção de estradas pelas poderes públicas, o da produção só poderá ser feito com a educação e, portanto, a transformação do caçara.

Embora pareça paradoxo, a primeira coisa a se ensinar ao nosso praiense seria a pesca. Sim, o caçara precisa aprender a pescar, não só para se alimentar, como para ter uma renda com que contar. Além da pesca, o praiense precisa aprender a cultivar a terra. Este último aprendizado será mais difícil, pois, além de não possuir uma tradição agrícola, terá ele de vencer um solo árido, que, como outros do nosso Brasil, se ficou pier quando cultivado, se foi deixado de lado como improdutivo. Mas o aprendizado da pesca precisa ser feito quanto antes, se não quisermos ver o completo despovoamento de nossas praias.

O homem do bananal - Além do caçara e do tabacudo, um outro tipo humano se destaca no "hinterland" itanhaense: o trabalhador dos bananais. Embora recente na região, pois sua existência ali data de menos de um quarto de século, o chamado camarada de sítio já representa uma boa parte da população da zona, se nos lembrarmos de que, em média, cada 100.000 touceiras de bananeiras comportam de 30 a 40 tra

balhadores, e que a baixada de Itanhaém tem tido de 3 a 4 milhões de touceiras nos últimos 15 anos. Assim sendo, quase 1/6 da população total do município seria representada pelo "camarada de sítio".

Quando os primeiros desbravadores da baixada itanhaense principiam a preparar terras para os seus futuros bananeais, contavam encontrar trabalhadores na própria zona, quer na vila e suas praias próximas, quer mesmo em certos trechos dos rios. Mas desde logo viram que não poderiam valer-se do braço local, pois nem o caçara nem o tabacudo d riam conta da tarefa. Aliás, já se tinha o exemplo dos bananeais santistas, onde apenas excepcionalmente se via um praiano empregado. Indolente e sem resistência, mercê dos três males que o afligem desde criança - a malária, o amarelão e a fome endêmica - o caçara nada ganhou com a abertura das zonas pioneiras literâneas. A prova nos é dada pela permanência de seu gênero de vida, aliás, dos mais primitivos, como já se viu, e pelo esforço que os donos de sítios tiveram que despender para conseguir fóra os seus trabalhadores (46):

De qualquer forma, porém, são alienígenas os trabalhadores dos sítios itanhaenses, onde atualmente há o predomínio dos nordestinos. (foto 29) Esses trabalhadores compõem, assim, a população dos bananeais, que nada tem em comum quer com a população praiana local, quer mesmo com a população existente nas propriedades rurais do planalto.

---

(46) Até 1932-33, o grosso dos trabalhadores dos sítios itanhaenses vinha de Santos e constituía-se principalmente de espanhóis, portugueses e alguns pretos; mais tarde os camaradas passaram a ser recrutados no planalto (Una, Itapeverica, Salesópolis, etc.). De 1940 para cá, os nordestinos começaram a predominar. Uma exceção, porém, é justo que se faça: muitos praianos de Ubatuba e Parati, trecho da nosa costa, onde há uma certa tradição agrícola, têm trabalhado também nos sítios de Itanhaém.



Basta em leve exame nos aspectos humanos de um sítio de banana para se observar o quanto é diferente de uma fazenda do interior.

Como já foi dito, a população bananeira é flutuante, desde que é um reflexo direto do tipo de agricultura empregado; a "agricultura comercial", cujo único fito é a exportação em massa do produto, sem tempo para cuidar das consequências futuras desse método de exploração da terra. Ora, resulta daí encontrar-se nos bananeais um tipo de trabalhador agrícola que muito se assemelha aos que labutam nas zonas de indústrias extrativas e em que predomina uma economia de coleta.

Nenhum bananeiro cuidou de levar para a zona uma colonização fixa, na qual os trabalhadores permanecessem, pelo menos, presos por contratos de um ano, como acontece no plântio. O regime de camarada volante, ganhando por tarefa ou por dia de serviço, foi, então, um reflexo do tipo de agricultura de "plantation", tão em voga nas lavouras tropicais, de que os bananeais das Antilhas são um exemplo ampliado, muito de comparados com os nossos. Ora, isso trouxe sérias consequências para o povoamento local, pois o camarada preso apenas pelo dia de serviço, acaba perambulando pelos bananeais, trabalhando hoje num sítio, amanhã noutro, num seminomadismo próprio das regiões de economia primitiva. É fácil de ver que a predominância do elemento masculino ali é absoluta e são raros os casos de trabalhadores acompanhados de suas famílias, e que nos leva mais uma vez a comparar o problema na região com o que se deu e continua a se dar, em parte, na Amazônia e mesmo na zona cacaneira do sul da Bahia. Ultimamente, este aspecto se tornou mais evidente, com a chegada e mesmo a predominância dos trabalhadores nordestinos que, se por um lado permanecem mais tempo numa mesma pro

riedade (47), por outro, vindo completamente só, contribuem ainda mais para agravar o problema do povoamento definitivo da zona bananeira.

A administração dos sítios, de uma simplicidade espantosa, é outro fator responsável pelas más consequências desse povoamento. De fato, um sítio de banana, por maior que seja, muito raramente é dirigido diretamente pelo dono, mas sim por um feitor, quase sempre recrutado entre antigos trabalhadores. Este feitor é responsável pelo aliciamento de camaradas, pela direção no trato dos bananeiros e, particularmente, pelo corte da fruta. Mora na casa da sede, as vezes é ligada ao barracão dos camaradas numa construção só, de madeira, coberta de telhas ou, então, de fôlhas de zinco. O feitor cuida, além dos trabalhos já citados, a anotação dos gastos dos camaradas no que diz respeito ao pagamento de pensão e compra de cigarros, fósforos, bebidas, etc..

Não se encontram casas para moradias familiares e, sim, barracões enormes - o tipo clássico de habitações coletivas usadas na Amazônia na época do "inverno". Nestes barracões, amentam-se dezenas de homens pelas tarimbadas adequadamente preparadas, que fazem as vezes de camas (estas existem num ou noutro sítio, onde os patrões já têm um senso maior de conforto para seus subordinados).

Como a casa da sede é sempre feita sobre estacas, devido não só

---

(47) Visitando a propriedade de Sr. Luciano de Castro, a Fazenda Aurora, onde já se notam esforços para melhorar as condições de vida num sítio, tivemos ocasião de saber que o trabalhador nordestino permanece de 8 a 10 meses no local, sem sair, nem mesmo para ir a Santos; consegue, assim, numa economia forçada, um corte peculiar, aproveitado no fim de ano para visitar a família.

às enchentes, como particularmente à unidade ( mesmo as situadas nas encostas são construídas assim, sobra sob ela um espaço enorme, um verdadeiro porto aberto, que é aproveitada para servir de refeitório (foto 30), nela se coloca uma enorme mesa, rodeada de longos bancos, onde os trabalhadores fazem o seu repasto (48).

Além da casa da sede e do barracão coletivo, só excepcionalmente se vêem outras construções num sítio; um rancho de zinco ou de sapé para guardar os instrumentos de trabalho ou de transporte (máquinas, vagonetes, etc.), raramente, alguma casa de moradia familiar, onde se aloja uma ou outra família contratada (como da Fazenda Áurea).

Os camaradas não se diferenciam muito por suas categorias; salvo dois ou três especialistas e, por isso mesmo, melhor pagos por seus serviços de maior responsabilidade - o "valeiro", o "debastador" e o "lancheiro", os demais servem nos vários mistérios diários de um bananal, tais como roçadas, concertos de linhas de troleis (49), limpeza de vias, etc..

Até 1940, salvo o feitor e o "lancheiro", que sempre foram mensalistas, bem como o "valeiro" e o "debastador", que sempre ganharam por empreitada, todos os demais trabalhadores percebiam por dia de serviço. Nos últimos tempos, porém, os bananeiros resolveram tratar os seus sítios por empreitadas (50), desde as roçadas até os cortes.

(48) A título de curiosidade, lembramos que a pensão paga pelo camarada dá-lhe direito a três refeições diárias: o café com biscoitos pela manhã, almoço e jantar, constituídos principalmente de arroz, feijão e carne-seca com batata, pagando por tudo isso Cr.\$ 10,00 diários.

(49) Linhas de Troleis - Nome dado aos decauvilles nos bananais litorâneos.

(50) O feitor ganhava em média de Cr.\$ 70,00 e Cr.\$ 1.500,00 por mês, livres. O camarada até 1930 ganhava Cr.\$ 8,00 por dia, pagando



Foto 29. Um grupo de trabalhadores nordestinos, juntamente com o administrador da "Fazenda Áurea", defronte ao barracão dos camaradas.  
(foto A.R.Penteado).



Foto 30. A casa da sede da "Fazenda Áurea" na encosta de um morro, e onde se nota o porão alto que serve de sala de refeições aos camaradas.  
(foto A.R.Penteado).

Se por um lado esse método veio incentivar e encorajar a produzir mais por dia de trabalho, por outro trouxe sérias consequências para o trato de bananal e da própria fruta, desde que se leve em conta o pouco senso de responsabilidade que tem o nosso trabalhador.

Vivendo em promiscuidade nos barracões de madeira, sem quaisquer vestígios de higiene; com dias de trabalho pagos irregularmente e, mesmo assim, na cidade de Santos, onde fica o patrão com o seu escritório; com descontos elevados em seus ordenados, merecê não só de pagamento de seu peão como dos gastos extraordinários em cigarros, fósforos, bebidas, etc.; trabalhando numa zona nada hospitaleira quanto ao seu clima, num tipo de trabalho árduo, o homem dos bananais em nada fica a dever a seus patrícios de outras zonas tropicais, no que diz respeito ao baixo padrão de vida.

Aqui, como na zona caucásica da Bahia ou nos seringaais da Amazônia, o trabalhador tem de enfrentar não só a natureza rude como também a rudeza de seu senhorante.

---

Cr. \$ 3,00 de peão. Depois daquela data, os senhores foram-se fazendo gradativamente, de maneira que hoje ganha de Cr. \$ 30,00 a Cr. \$ 40,00 diárias, pagando Cr. \$ 10,00 de peão. Atualmente os bananeiros resolveram contratar serviços quase que somente por empreitada, à razão de Cr. \$ 250,00 a Cr. \$ 300,00 por mil pés a roçada; na ocasião dos cortes e encorajada ganha por cacho transportado, à média de Cr. \$ 0,15 a Cr. \$ 0,20 por unidade, de acordo com a distância até o porto ou linha de trem.

CAPÍTULO IIIA "VILA" DE ITANHAÉM

- Itanhaém e seu sítio urbano.  
Uma visão de passado. Itanhaém de  
meus dias:

Itanhaém e seu sítio urbano - Observando-se num mapa, embora rã-  
pidamente, a bastião das praias Grandes e Pequenas, compreenderemos  
por que o local onde se erigiu Itanhaém foi o escolhido, sobrepun-  
do o antigo aldeamento indígena de São João Batista. Chama logo a aten-  
ção a existência da barra de um rio, que permitia a entrada de embar-  
cações, e das pequenas saliências, que se destacam na planura próxi-  
mas uma das outras. (Pl. N. III)

A cidade nasceu ao pé do morro do Convento (e menor deles), sob-  
re as restingas que se formaram à custa do ponto de anacorese por ele  
oferecido. Inicialmente, o sítio se limitava a uma língua estreita  
de terra enxuta, um verdadeiro postal, cercado pelo mar ao sul e su-  
deste, pelo rio que tocava a base do morro a oeste e, finalmente, pe-  
los manguezais a nordeste. Nas proximidades da praia, os alinhamentos  
de dunas, com cêrcos de dois ou três metros de altura, vieram servir  
de proteção contra a invasão das águas por ocasião das grandes marés,  
uma praia de touço, como é a d'esses trechos, fazendo com que o local  
primitivo da cidade fosse enxuto.



Foto n.31- Vista do sítio de Itanhaém, aparecendo além do Morro do Convento, ao pé do qual teria nascido a cidade, à foz do rio, entre o final da Praia Grande e o Morro de Taquanduva. Sucodem-se no fundo, trecho da Baixada Interior e escarpas do Morro Grande e da Paranapiacaba.





Hoje em dia, a área ocupada pela cidade foi bastante ampliada com a conquista de novas terras, ganhas nos manguezais, graças ao recuo do leito do rio feito sobre sua margem direita. O forte desvio do rio veio levá-lo de encontro ao morro Cunha Moreira, antes ilhado na baía da, tornando a barra de mais difícil acesso e roubando aos frades do Convento do alto do morro e seu pôrto. A área pantanosa, coberta de mangues e porrechia, que foi acompanhando o desvio do rio Itanhaém, foi definitivamente conquistada com a construção do atôrre da estrada de ferro, em 1915. Tal atôrre veio permitir o rápido secamento das terras apertadas contra ôle e a foz do rio, deixando, porém, subsistir o mangue logo à sua direita, onde já alcançam as águas durante a maré alta.

A consequência disso tudo é que, atualmente, podemos distinguir em Itanhaém (com um certo exagero na expressão), uma "cidade alta" e uma "cidade baixa".

A primeira, ocupando a parte mais exuta, isto é, a restinga própria dita, a 4 metros de altitude, e correspondendo à parte central da cidade, é justamente o trecho representado pelo casario velho, parede contra parede, rodeando a calçada, formando as duas ruas antigas, o largo da Matriz, e que, à maneira das restingas, nasceu no pé do outeiro do Convento. Ainda hoje é o trecho que guarda os vestígios da Itanhaém do passado; e pouco mudou e modificou, desde que o construiu. (fotos 32, 33, 34 e 35)

A segunda, a que chamamos de "cidade baixa", ocupa a área recém-conquistada ao mar e ao rio, após a construção do atôrre da estrada

Fotos 32 e 33

Na primeira o sítio primitivo da cidade, com o morro do Convento e os manguesais limitando-o ao fundo (norte); na segunda, uma vista da hoje parte velha da cidade, com o casarío grudado um ao outro.

(fotos Paulo Florençano e Aroldo de Azevedo).



Fotos 34 e 35.

Vista dos dois templos coloniais de Itanhaém: a igreja de Nossa Senhora da Conceição no alto do morro do Convento, construída pelos franciscanos no século XVII; e a matriz de Sant'Ana, que data de meados do século XVIII.

(fotos do autor).



da do ferro! está separada da "cidade alta" por pequenas docinas e barrancos arenosos, uma vez que existe um desnível de uns 3 metros, em média, entre as duas partes. Este trecho baixo da cidade, colocado a apenas um metro de altitude, e sobre terrenos ainda pouco consolidados, necessita de constantes trabalhos de drenagem e saneamento, problema, aliás, que sómente nos últimos tempos tem merecido certa atenção dos poderes públicos (51). Contudo tal trecho da cidade é o que mais se desenvolve atualmente, uma vez que é o mais próximo do rio e ponto de passagem para as praias de banho. (foto 36)

Esse sítio foi ainda estudado para além do rio, na sua margem direita, no local chamado da Praia, justamente sobre um "estabolo" que liga os morros de Taquandava e Cunha Moreira; éo apresenta um fator importante para a sua ocupação, as duas praias apropriadas para banhos, já que a estreiteza da praia Grande oferece perigos para os banhistas. (foto 37)

No entanto, a ocupação de todo o atual sítio urbano só se fez de há pouco tempo para cá. Quem até 1930, do alto do morro do Carregado, observasse a paisagem urbana de Itambém, veria que ela não mudara muito em relação aos tempos passados. Salvo uma ou outra construção nova, em geral de gosto de ferro, e o trecho baixo da cidade, já à beira do rio, que, conforme vimos, estava sendo conquistado desde

---

(51) As valas eram abertas no longo das ruas e permeavam a sãa aberta! Altamente têm sido cobertas. A drenagem tem sido feita periodicamente, não só na cidade, como também nos sítios de banhos de interior da balneária, de modo que o surto de malária venha de longe. Aliás, o planície dos banhos na balneária interior muito contribuiu para a redução dos casos de malária na zona.



Foto 36.

O trecho baixo da cidade na parte ganha ao mangue e ao rio, limitado pela linha férrea; à direita da linha ainda permanece o manguezal. Esta é a parte da cidade que mais evolui atualmente, acompanhada de perto pelo bairro da Prainha, que se vê ao fundo, entre os morros Taquanduva e Cunha Moreira, já na margem direita do rio. (foto Aroldo de Azevedo)



Foto 37.

O sítio onde se desenvolve rapidamente o mais novo bairro itanhaense, o da Prainha, sobre as restingas que hoje ligam os morros Taquanduva e Cunha Moreira. Ainda podemos observar na fotografia a ponte da Juquiá, o porto do Baixio, um trecho da baixada interior e no fundo, o perfil da Paranapiacaba, além de alguns de seus esporões. (foto Paulo Florençano).

a construção do atêrre da estrada de ferro Santos-Juquii, e mais con-  
tinuara no que sempre fôra a vila colonial - uma das menos importan-  
tes na eria literânes paulista.

Fundada ainda nos primórdios do quinhentismo, iniciando o povoa-  
mento de suas vizinhanças com um certo interêsse da parte dos que en-  
tão logravam explorar as suas plagas e servindo como sede de Capita-  
nia por mais de um século, non assim pôde Itanhaém ir para a frente  
e acompanhar o desenvolvimento de outros núcleos que também se forma-  
ram no litoral de São Paulo pela mesma época. É que sobre ela pesou,  
além de uma situação geográfica infeliz, séculos de abandono por par-  
te dos poderes oficiais. Dir-se-á que êsse abandono foi geral, abran-  
gendo também as demais cidades litorânes. Entretanto, em algumas de-  
las o problema da situação era outro. Ou porque tivessem um "hinter-  
land" vasto e produtivo, ou porque estivessem em relações diretas com  
o planalto, o fato é que Iguaçu, São Sebastião ou Ubatuba tiveram o seu  
período áureo, como ainda hoje atestam os seus sobrados e casarões  
senhoriais. Nada disso se viu em Itanhaém, onde, salvo as duas igre-  
jas coloniais e os restos do convento franciscano, nada mais existe  
que possa mostrar um período de prosperidade. Aliás, quando fazemos de  
povoamento e da população, tivemos ocasião de comentar a pobreza dos  
arredores de Itanhaém, desde os séculos coloniais; não é para admi-  
rar, pois, que na cidadezinha também se refletisse aquela pobreza,  
atestada por descrições de viajantes que por lá passaram ou por quem  
a visitasse até há bem pouco tempo.

Se, nos últimos dez anos, se pode observar um certo movimento de  
renovação na pequenina "urbs" e seus arredores, tal fato se deve ex-

elucivamente aos veranistas paulistas, que, na ânsia de encontrar um refúgio para os seus dias de folga, têm feito algo de novo em vários trechos das praias paulistas, inclusive na região de Itanhaém.

Uma visão de passado - A fundação da atual Itanhaém teve lugar por volta de 1549, época em que já existia um aldeamento indígena, dirigido por pergüões, distante duas léguas e meia do local, em plana praia de Peruibe (52). Esse aldeamento fôra fundado quando da estada de Martin Afonso em São Vicente e passa, assim, por ser a segunda povoação criada por aquele donatário no litoral da antiga Capitania. O primitivo nome desse aldeamento foi Itanhaém, pois aí habitavam os índios conhecidos por este nome. Daí a confusão que fariam mais tarde os historiadores, sobre a data e o local da fundação da Itanhaém de nossos dias.

Apesar de não ser historiador, Benedito Calixto se incumbiu de deslindar, não só o caso da fundação da cidade, como também todos os problemas que a ela estiveram ligados, durante o ruinoso processo Vinheiro-Mon-Santo, originado pela demanda entre os herdeiros de Martin Afonso e Pero Lopes, na disputa das terras das antigas Capitanias de São Vicente e Santo Amaro (53).

Publicando em 1895 o seu primeiro trabalho sobre o assunto, Calixto demonstrou como se teria dado a fundação, primeiro do aldeamen-

---

(52) Vide capítulo de povoamento.

(53) CALIXTO (BENEDITO) - A Vila de Itanhaém - op.cit.:  
 Idem - Capitania de Itanhaém (Memória Histórica) - Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. 71.  
 Idem - Os primitivos aldeamentos indígenas e índios negros de Itanhaém - Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. X.

te dos indígenas em plena praia de Feruibe, depois a criação da povoação portuguesa na foz do rio Itanhaém. Eis como o autor explica esses fatos: "A povoação de Itanhaém foi fundada por Martin Afonso de Sousa, entre os anos de 1532 e 1533, duas léguas e meia a oeste da atual vila, no lugar em que hoje existem as ruínas da Igreja e Colégio dos Jesuítas, na aldeia de São João Batista. Regidos por um pároco, viviam ali alguns colonos no meio dos indígenas, que constituíam desde tempos imemoriais, a aldeia dos Itanhaéns.

Por ordem de Martin Afonso e, mais tarde, sob a direção do pio e virtuoso Gonçalo Monteiro, imediato sucessor d'este no governo da Capitania de São Vicente, deu-se princípio à Igreja, paroquial, sob a invocação de  Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém. Em 1549, vieram estabelecer-se, neste literal, o castelhano João Rodrigues e o português Cristóvão Gonçalves. Estes indivíduos, homens de certa importância, que vinham com fim de estabelecer feitoria agrícola, acharam que o terreno sito à margem esquerda do rio Itanhaém se prestava com melhor vantagem para um estabelecimento, o que levaram a efeito imediatamente" (54).

Pelas palavras do autor, vê-se claramente que desde o início o português percebera que o local da aldeia dos itanhaéns não era favorável, principalmente por causa do problema das comunicações, não tendo um pórtico para atracação de barcos e tendo o rio Itanhaém como obstáculo no caminho através da praia. O fator geográfico - localização, sobrepujou então os fatores de ordem humana, que no caso seria

---

(54) GALIATO (BENEDITO) - A vila de Itanhaém. págs. 25 e 26.

o interesse de portugueses em conservar a amizade dos indígenas, procurando instalar-se junto a eles, ao invés de obrigá-los à transferência de sua aldeia para um ponto mais vantajosa entre situado.

É interessante estabelecer-se um paralelo entre tais fatos, que se deram na baixada litorânea, e os que pouco depois iriam repetir-se no planalto, com Santo André da Borda do Campo e o Colégio dos Jesuítas (55). A mesma preocupação de uma localização melhor obrigou o português a transferir toda a população de um local para outro; a diferença consiste em que, no planalto, venceu a aldeia dos religiosos, enquanto na baixada foi a civil a vitoriosa.

Embora os jesuítas se tivessem instalado na aldeia dos itanhaéns, construindo ali uma igreja e convento, de que hoje só restam algumas ruínas invadidas pelo mato (56) (foto 38), sua influência na fixação do colono neste trecho da praia não se pôde sentir. Os colonos preferiram mudar-se para o novo local da recém-fundada Itanhaém, mesmo porque existia também ali o problema da rivalidade entre civis e religiosos, em torno da "pauze" do índio.

Na década 1550-1560, de tanta importância para a história paulista, Itanhaém recebeu bastante incremento, devido principalmente à chegada de inúmeros vicentinos fugidos com receio da Confederação dos Tamoios, tanto assim que a povoação pouco tempo depois (1561) foi ele-

(55) CAIO PRADO JUNIOR - O fator geográfico na Formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo - in Geografia - ano I, n. 3, São Paulo, 1935.

(56) Este convento foi um dos três construídos numa só década na Capitania de São Vicente; os dois outros foram levantados em São Vicente e São Paulo (1549-1559). Infelizmente, dele só existem de pé as restas de três paredes, cercando o alto de um pequeno morro. Tais ruínas da sólida construção dos jesuítas são conhecidas pelo nome de "Ruínas do Abarebê", lembrando o padre Leonardo Nunes.



vada à categoria de vila, tornando-se a segunda com este título na Capitania de São Vicente (57).

O período de maior prosperidade da antiga Itanhaém, começado em 1561, tomou vulto a partir de 1624, quando foi erigida em cabeça de Capitania, porê das divergências havidas entre os herdeiros de Martin Afonso e Pero Lopes. passando a vila de São Vicente a fazer parte da antiga Capitania de Pero Lopes, a condessa de Vinheiro achou de bom alvitre localizar em Itanhaém a sede da Capitania vicentina (58).

Dizemos, porém, que esta prosperidade foi relativa, não se comparando ao que vinha sucedendo em outros pontos da costa brasileira, como Rio de Janeiro, Santos e Iguaçu. No arbritrio de um donatário que não conhecia senão por informações e que se passava em seus domínios (59), a escolha de Itanhaém para substituir São Vicente foi das mais infelizes do ponto de vista administrativo. Sem qualquer ligação com o planalto nem mesmo com as outras vilas e povoados do litoral, com os quais as comunicações eram difíceis; sem qualquer atrativo, de que se

(57) A elevação de Itanhaém a vila foi realizada pelo capitão-mor Francisco de Moraes, loco-tenente de Martin Afonso, a 19 de Abril de 1561. CALIXTO (BENEDITO) - A vila de Itanhaém.

Com a criação à categoria de vila da povoação fundada junto à foz do rio Itanhaém, com o nome de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém, a primitiva aldeia indígena da praia de Peruíbe, que tivera em sua mesma designação desde 1533, passou a ser chamada São João Batista.

(58) Leia-se, sobre o assunto, os trabalhos de Calixto, Machado de Oliveira, Frei Gaspar, Pedro Taques, que fizeram explanações sobre o famoso processo Vinheiro-Mon Santo, só terminado com a elevação de São Paulo a sede das antigas Capitânicas de São Vicente e Santo Amaro, já no século XVIII. Alguns desses historiadores acham que a vila de Itanhaém muito prosperou quando foi sede de Capitania, e que nos parece exagerado.

(59) O último trabalho publicado, sobre os capitães-mores de Itanhaém foi escrito por Francisco de A. Carvalho Franco, na Revista de Arquivo Municipal, ano VI, vol. LXXI, São Paulo, 1940. Sobre o mesmo assunto escreveram Marcelino Pereira Cloto, Arnelino de Leão e Benedito Calixto, em trabalhos publicados pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

deuse prevalecer-se como sede administrativa de uma vasta região; com interferência direta nas zonas produtoras, que então se formavam nos vales do alto Tietê e do Paraíba e mais tarde nas Minas Gerais, custa-nos crer que os capitães-mores de Itanhaém pudessem ter autoridade sobre os piratininganos, parnaibanos ou taubateanos da época.

Assim não pensa Calisto, o filho ilustre, que, nos seus vários escritos sobre a Capitania de Itanhaém, procurou mostrar a influência da sede sobre as regiões que lhe pertenciam. Parece-nos, porém, mais acertado aceitar o contrário, deixando a Itanhaém apenas a glória de ter sido sede teórica da antiga Capitania de São Vicente e residência dos seus capitães-mores, cuja lista é longa e que ainda em nossos dias está sendo discutida pelos que se ocupam da sua história, mas de uma história meramente descritiva, sem enumerativa, sem qualquer aspecto interpretativo.

De qualquer forma, porém, pelo pouco que se sabe do passado itanhaense nos séculos XVII e XVIII, pelas informações de alguns viajantes que por lá passaram nos princípios do século XIX e, mesmo, por sucintas descrições de historiadores, vê-se que a antiga vila, tão bem começada nos seus primeiros dias de vida, entraria logo num estado de estagnação, que iria pronunciar-se com o tempo, chegando até aos dias.

Já tivemos ocasião de falar sobre a pequena importância dos arredores de Itanhaém e mais algumas informações sobre a vila do século XIX bastarão para nos dar uma idéia mais concreta de que vimos afirmando até aqui - a pobreza de Itanhaém.

Em 1805, passando pela vila, Martin Francisco de Andrada assim a

descreve: "Esta vila está situada em uma planície que se estende até a praia e pouco arredada dela; verdadeiramente fica pouco distante da costa do mar e, ao lado, na margem, corre um rio do mesmo nome, que continua até a serra, donde há uma picada para a Freguesia de Santo Amaro. Neste rio podem entrar pequenas barcas, as quais podem sair à meia carga e acabar de carregar fora, segundo se asseverou. Deixei de fazer cuidadosas indagações por este rio, visto se dizer a gente do país que nada havia que ver ... Sua população anda por mil e tantos habitantes, entrando a aldeia; o forte da cultura do país é a plantação de mandioca; pouco café e cana; a maior parte do povo ocupa-se em serrar madeiras, tanto assim que os dízimos no triênio cômputo montam a 700\$000, mingado rendimento para uma povoação que fosse menos indolente e mais ativa". (60)

Meio século depois, a situação de Itanhaém ainda era a mesma, pelo que se conclui da leitura da lista que vai transcrita a seguir. Quando alguns municípios do litoral tinham as maiores rendas da Província, a antiga sede da Capitania vicentina se apresentava num dos últimos lugares:

RENDA MUNICIPAL EM 1852 (61)

Obatuba .....	5.113.223
Santos .....	4.467.650
São Sebastião .....	3.146.512
Iguape .....	1.209.001
Itanhaém .....	308.966
Cananéia .....	272.143
São Vicente .....	42.196

(60) Cf. MOREIRA PINTO (ALFREDO) - Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil - Imprensa Nacional, Rio, 1896.

(61) Anais da Assembléa Legislativa Provincial de São Paulo - 1852 - Arquivo do Est. do.

Foi o período em que o litoral norte alcançou seu auge econômico-demográfico, à custa não sómente de suas lavouras, mas particularmente devido à riqueza cafeeira do vale do Paraíba, de que era o escoadouro. Ora, Itanhaém está no litoral sul, traço-se pois não valer-se das vantagens econômicas do planalto.

No último quartel do século, Itanhaém continuaria na mesma, como se pode atestar pela seguinte descrição: "Esta antiga capital da Capitania está proporcionalmente reduzida a uma mesquinha povoação, por vênos apelidada Conceição, por ser a sua Igreja de invocação desta Senhora. Apenas se faz em seu pórtio algum comércio de farinha de mandioca e de tabuada". (62).

Mesquinha povoação seria ela ainda no tempo de Calixto, já no fim do século; leiam-se suas palavras e vejamos como são expressivas: "Itanhaém, apesar de ter-se mantido com foras de vila, com as dificuldades que teve de vencer, continua, no meio da ordem e progresso em que vivemos, a ser ainda a vila e município mais pobre do Estado de São Paulo. Quase tudo é ainda primitivo. O seu comércio, a sua indústria, a sua lavoura são nulos, por assim dizer. O seu estado atual da sua barra, a falta absoluta de transporte fácil para os municípios limítrofes, atrofina a mata a sua pequena lavoura. Por esse motivo, o povo só produz o necessário para a sua subsistência". (63)

Se, há quase um século, conforme vimos através de dados transcritos, Itanhaém se colocava num dos últimos lugares, no que diz respeito da renda dos municípios paulistas; se, pouco tempo depois, Calixto a descrevia como sede do mais pobre município de São Paulo, não é

(62) MILLIET DE SAINT-ARNAUD - Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil - Paris, 1875.

(63) CALIXTO (RESENHA) - A Vila de Itanhaém, págs. 48 e 49.

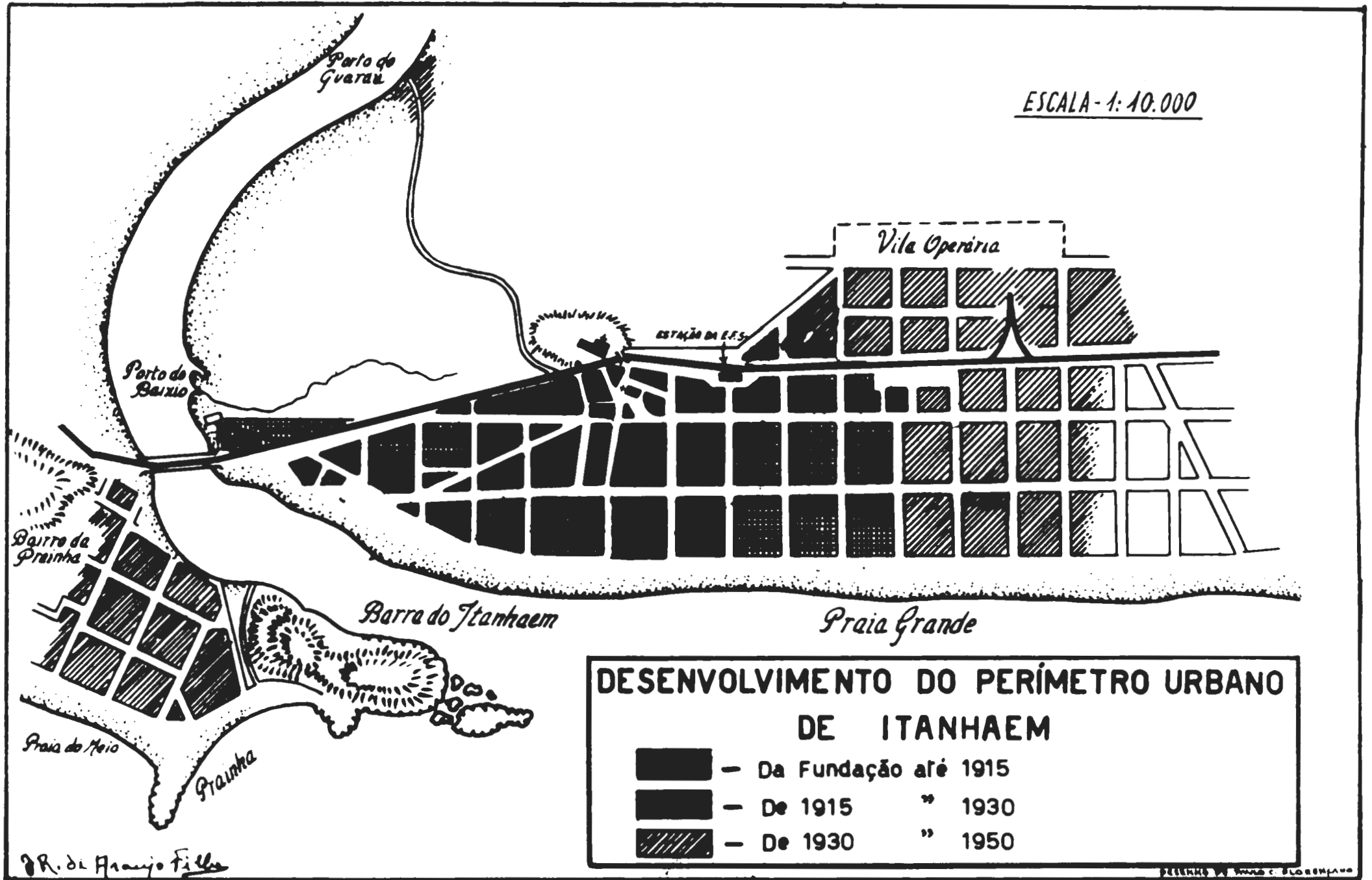
para admirar que em pleno século XX a fôssemos encontrar tal qual f ra desde os tempos coloniais, dentro daquela modorra de verdadeira "cidade morta".

Ora, esse atraso e falta de progresso encontrados em Itanhaém desde os seus primórdios, têm sido explicados principalmente pela sua situação geográfica, como aliás já frisamos várias vezes. Mas, esse aspecto da geografia itanhaémense, ao qual vimos dando tanta importância para o desenvolvimento ou, melhor, para o não desenvolvimento da zona em épocas passadas, parece que, em pleno século XX, não pode mais ser levado em tanta consideração.

Se o meio físico em todo o litoral paulista sempre foi difícil de ser vencido e em Itanhaém mais ainda, contudo na nossa época já não se pode mais dizer o mesmo. Exemplos existem, nas ilhas de São Vicente e Santo Amaro, onde o homem conseguiu demonstrar plenamente o quanto vale a técnica, auxiliando-o na sua luta contra o meio. Ora, Itanhaém podia ser também, de há muito, mais um exemplo desta bela vitória humana, que hoje se nota nos sítios de Santos, São Vicente e Guarujá, se outros tivessem sido os caminhos seguidos, não apenas por seus filhos, mas também pelos dirigentes de nossa terra.

A falta completa de obras públicas, que se nota não só na cidade como principalmente no meio rural, constitui um atestado de que nos bamos de afirmar. A não ser a água encanada, inaugurada em 1907 e que, por isso mesmo, já está necessitando de reformas, no mais, tudo falta ali: iluminação pública constante, rede de esgotos, ruas cuidadas, prédios escolares, estradas, enfim toda a série de melhoramentos que um povo que se diz civilizado possui, em Itanhaém são desconhecidos.

ESCALA - 1:10.000



**DESENVOLVIMENTO DO PERÍMETRO URBANO DE ITANHAEM**

	- Da Fundação até 1915
	- De 1915 " 1930
	- De 1930 " 1950

J.R. de Araújo Filho

DESENHO DE ARQUITETO C. BLOENHANS

Ora, diante de tudo isso, é perfeitamente explicável o papel secundário representado por Itanhaém na história econômico-social da zona litorânea paulista, mesmo quando esta foi das mais importantes regiões da Província no século passado, época em que Iguape, São Sebastião e Ubatuba tiveram o seu período de agitação e de fortuna.

Itanhaém em nossos dias - Itanhaém, até há uns 20 anos, salvo algumas construções de gente de fora, continuava sua existência apagada. É verdade que este sarseno vinha de longe, dos séculos anteriores, conforme vimos, mas a cidadezinha continuava a oferecer resistência ao desaparecimento completo, conseguindo, até à República, manter-se como sede municipal. Mas, se questões históricas, políticas e mesmo sentimentais continuaram a dar a Itanhaém, como no passado, fôres de cidade, do ponto de vista geográfico já não podemos dizer o mesmo. Nenhuma das principais características tomadas pelos geógrafos modernos para designar uma cidade (64) existe ali.

Nem a estrada de ferro que a liga a Santos desde 1915, nem as bananas que se farram em seu reduzido "hinterland", deram-lhe forças para reagir. Embora Itanhaém possua nos últimos 20 anos as zonas pioneiras mais importantes do litoral, com a criação em seus arredores de uma riqueza representada por mais de 4 milhões de toneladas de bananas, nem assim, à sede municipal se poderia dar, sob o ponto de vista comercial, o título de capital regional. É que aquela imensa ri-

---

(64) CHABOT (GÉORGE) - Les Villes - Col. Armand Colin, Paris, 1948.  
 LA BLACHE (VIVAL de) - Principes de Géographie Humaine - Lib. Armand Colin, Paris, 1936.  
 LAVEDAN (PIERRE) - Géographie des Villes - Col. Pierre Deffontaine, Paris, 1936.  
 BURNES (JEAN) - La Géographie Russe - Lib. Felix Alcan, Paris, 1925.

queza agrícola se isolara na baixada interior, estabelecendo relações diretamente com Santos e apenas transitando pela cidadezinha, em viagem para o grande porto exportador, sem nada lhe deixar.

A partir de 1930 (65), com a melhoria dos serviços ferroviários da linha Juquiá, havia pouco encampada pelo Governo do Estado, intensificaram-se as visitas dos ferasteiros planaltinos, que não tardaram em se tornar veranistas, contribuindo assim para uma nova época na evolução de Itanhaém. Deu-se ali o mesmo fenômeno a que se assistiu em São Vicente e que se continua ainda hoje a presenciar, isto é, a transformação da cidade à custa do veranista. De fato, a célula-mãe brasileira, nos primeiros anos deste século, definhava cada vez mais, aparecendo em condições bastante precárias.

Depois da guerra de 1914-18, quando principiou o hábito de veranejar com mais frequência nas praias santistas, também as belas praias vicentinas começaram a ser visitadas (66) e, com isso, as primeiras residências para veraneio passaram a ser construídas; atrás delas, os grupos de gente abastada do planalto e até da própria cidade de Santos(67).

Nos últimos tempos, quando o estado de saturação nos terrenos praianos de Santos parece ter chegado ao auge, os de São Vicente têm marca da época. Assim, nos últimos 10 anos, bairros novos, cheios de constru-

(65) Antes de 1928, ano em que o Governo do Estado encampou a ferrovia, já havia em Itanhaém um ou outro prédio moderno, de pessoas de São Paulo, mas que, pelo seu número reduzido em nada mudara o aspecto da cidade.

(66) Por essa época inaugurou-se a ponte-pêncil, ligando a ilha de São Vicente ao continente, perto assim, a poucos minutos de Santos, o Boqueirão da Praia Grande; foi quando os primeiros automóveis começaram a percorrer aquela extensa praia, chegando de vez em quando a Itanhaém, se a maré permitisse.

(67) Na praia de Bela Vista formou-se logo um belo bairro residencial, cujos pioneiros foram ingleses, funcionários da Cia. City, da S.P.R. e de vários bancos, todos trabalhando em Santos.



ções, vão-se espalhando, das praias de Itararé e Bela Vista nos costões de lado continental da baía vicentina; do morro da Biquinha nos cômodos de areia, no velho caminho de Santos (68).

São Vicente, tão pobre no princípio do século, é hoje uma das mais prósperas cidades paulistas, com uma renda superior a 10 milhões de cruzeiros (69). O veranista e somente êle, foi o grande incentivador desse renascimento.

O mesmo fenômeno, salvo das proporções, vem-se dando em Itanhaém, a partir de um período de guerra, a de 1939-45. Aqui, como na terra vicentina, nada havia que pudessem dar idéias de renovação, de movimento e de vida. Aqui, como lá, embora já se achasse criando uma riqueza agrícola de importância, esta jamais contribuía para os poucos rendimentos do município (70). Aqui, como em São Vicente, o progresso chegou como que de improviso, à custa do veranista paulatino.

A cidadezinha praiada vem conhecendo, desde então, um surto progressista, atestado pelo número de construções novas (71), pelos bairros surgidos, pelo movimento, enfim, de seus hotéis. Esse surto, porém, feito exclusivamente por veranistas, não trouxe um aumento à população local nem mesmo ao seu comércio, assim como não concorreu para criar

(68) Este caminho ladeava, pelo oeste, os morros que formam o pequeno núcleo central da ilha de São Vicente, passando pelo Veteraná, pelo engenho de São Jorge dos Arzobos, saindo o morro do mesmo nome e chegando a Santos nas proximidades do atual mosteiro de São Bento.

(69) Em 1948 a tributação do município alcançou a cifra de Cr. \$ 14.640.521,20, enquanto que em 1939 era de Cr. \$ 1.123.958,20. No princípio do século, em 1900, São Vicente só conseguia obter Cr. \$ 76.290,20 de rendimento municipal.

(70) Como se dá atualmente em Itanhaém, a lucrosa pinheira que representa os bananeis também existiu 50 anos em São Vicente, sacando-se toda para fora, sem nada deixar à zona e à cidade.

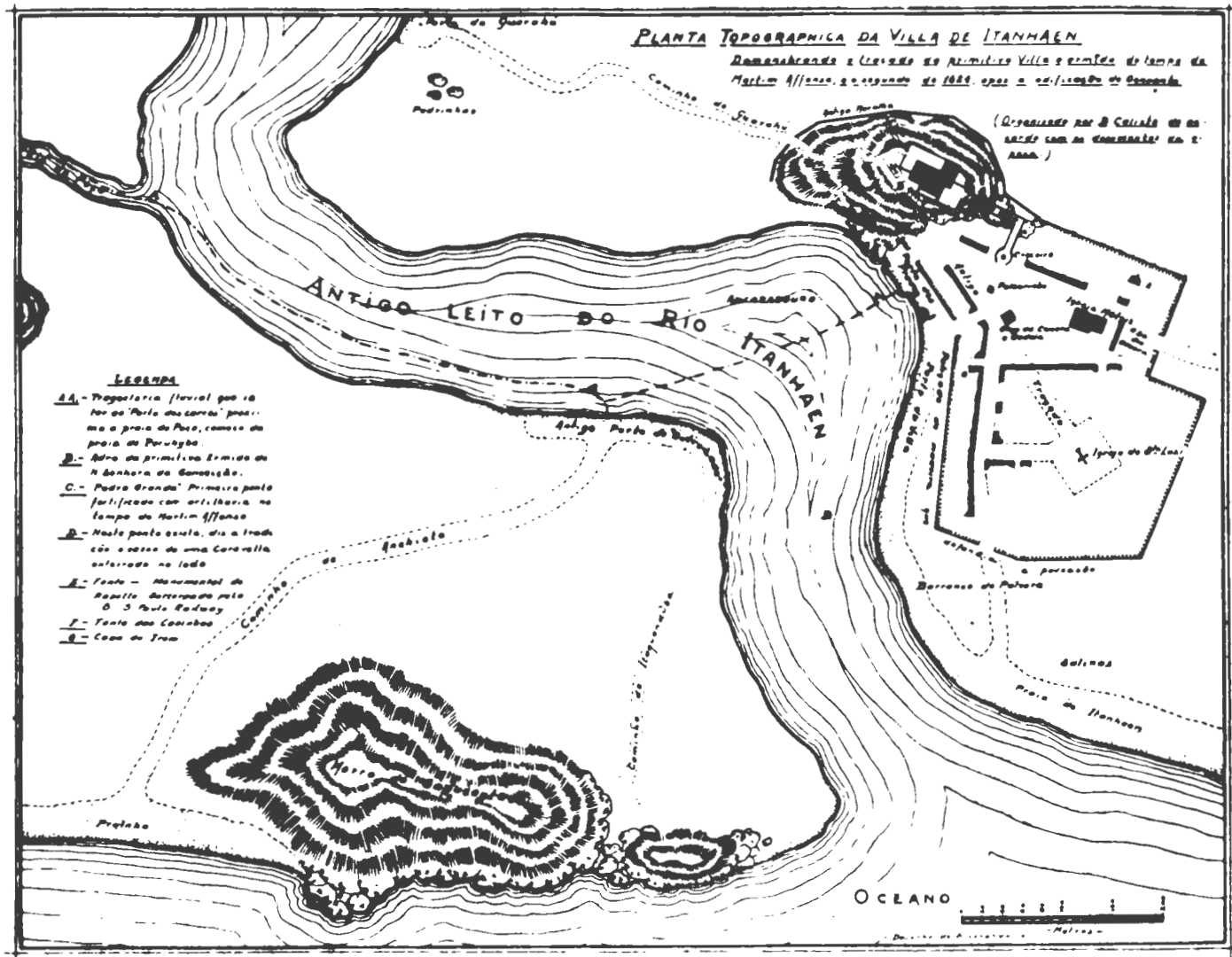
(71) Consultando os alvarás para novas construções, na Câmara Municipal, vê-se que somente a partir de 1923 se principiou a construir pelo menos uma casa por ano em Itanhaém; até então nada mais existia além do que o passado lhe deixara, salvo, é claro, as edificações ferroviárias.

uma zona hortense ou de pequenas chácaras, onde, além de verduras, se produziam leite, ovos, etc. Nada disso apareceu e a transformação se fez sentir quasi que nêmente no campo das novas construções, aumentando o perímetro edificado da cidade. As construções vinham sendo feitas parciosamente desde 1925, só tomando vulto nos últimos 10 anos, a ponto de, nesse espaço de tempo, construir-se 1/3 das atuais casas. De fato, dos 400 prédios que conta Itanhaém atualmente, 132 foram construídos na última década. Estas construções, é bem de vêr-se, não se fizeram no sítio primitivo da cidade, onde, embora se note uma ou outra casa nova, ainda se encontra, com pequenas diferenças, o que foi a vila do passado; elas se espalharam pela "parte baixa" da cidade, isto é, o trecho que ainda neste século era coberto de água e de manguezais e que, com o levantamento do atêrro da estrada de ferro, foi enxugando gradativamente, arrastando assim a cidade para a barra do rio; estenderam-se pelo chamado "bairro operário", à margem direita da ferrovia, quasi defronte à estação, e, finalmente, pela Praiaha, além do rio, junto às praias de banho utilizadas pelos veranistas.

Veruças-se, assim, à custa dêsse curto construtivo, bairros novos, como a Vila Operária e da Praiaha, e teve lugar o amento perimetral da cidade propriamente dita, com o seu crescimento pela parte baixa e mesmo pelas proximidades do pontal da praia Grande (vide mapa).

Esse amento é visível a qualquer um que suba o morro do Convento e observe a atual paisagem urbana em Itanhaém, que já é bem diferente daquela que se observava em 1930. Ao invés de se avistar a vilazinha como fora no passado, tem-se a impressão de que o progresso chegou, ainda que de modo lento. Contrastam, logo à primeira vista, o casario ve-

Planta da primitiva vila de Itanhaém reconstituída por Benedito Calixto. Vê-se o antigo traçado do rio Itanhaém, tocando o morro do Convento.



lho, constituído por habitações grudadas umas as outras, de telhados en-  
grecidos pelo tempo, cobertos de musgos e até de plantas mais desenvolvi-  
das, e as casas modernas, amplas, espaçadas, ajardinadas e com todo o con-  
fôrto moderno. O núcleo primitivo como que se isola no meio dos palacetes  
e bangalões que se espalham pelas avenidas Rui Barbosa, Condessa de  
Vimieiro, Beira-Mar ou pelas ruas Washington Luís, João Marinho e Leferi  
no Soares; e, além da barra do rio, no mais recente bairro, e da Prai-  
nha, onde existem casas que nada ficam a dever aos palacetes das mais  
frequentadas praias santistas e vicentinas. (fotos 39 e 40)

Todas essas novas construções se fazem num ritmo acelerado, sube-  
ra sejam de alto preço, pois a totalidade do material vem de fora; sal-  
vo a areia e a pedra, e mais vem directamente de São Paulo ou das firmas  
construtoras de Santos.

Entretanto, tal surto progressista no sector das construções não  
tem sido acompanhado pelos demais sectores da vida urbana. Realmente, es-  
sas novas construções, apesar de contribuírem para o aumento do períme-  
tro urbano e para o crescimento das rendas municipais (72), não concor-  
reram, como era de se esperar, para o incremento do comércio, para o  
desenvolvimento demográfico da cidade, para um certo movimento, enfim,  
que todo núcleo urbano, que não esteja em decadência ou estagnado, de-  
ve possuir. Tais fatos não aconteceram em Itanhaém, porque pertencem a  
gente de fora as habitações que nos últimos anos foram construídas,

---

(72) As rendas municipais em Itanhaém pouco aumento acusavam antes  
de 1940, mas a partir de 1945, sobretudo, subiram extraordinariamente.

1900 .....	5.895,97	
1940 .....	99.937,30	
1942 .....	111.205,60	
1944 .....	133.685,20	
1946 .....	153.992,80	
1948 .....	206.000,00	(informação da Secretaria da Câmara Municipal)



**Foto 38.** O que resta da primitiva igreja e convento construídos em meados do século XVI pelos jesuítas na praia de Peruibe, no local onde os portugueses martin-afonsinos principiaram a colonização da região itanhaense. Estes restos de paredes invadidos pelo mato são conhecidas por "Ruínas do Abarebebê".  
(foto do autor).



**Foto 39.** Um dos muitos palacetes hoje existentes em Itanhaém e que tão bem demonstram o papel do veranista na evolução da cidade. (foto do autor).



**Foto 40.** Um grupo de casas novas no bairro da Prainha.  
(foto do autor).

gente essa que, salvo os meses das férias de verão e de inverno, só excepcionalmente ocupa as novas viviendas. Assim sendo, não se criou ainda um ambiente próprio a um comércio estável e ativo, onde as casas de negócio se multiplicassem na proporção do ritmo das novas construções. Aquêles aspectos tão próprios das cidades novas paulistas, verdadeiros milagres urbanos saídos do espírito empreendedor dos pioneiros paulatinos, onde ao lado das residências, mult a véses de madeira, já se encontram armazéns, lojas, confeitarias, cinema, etc., tudo no mesmo ritmo de movimento e de vida, fazem contraste com o evoluir vagaroso da Itanhaém de hoje (73).

Isso não quer dizer, porém, que Itanhaém, à custa da chegada do veranista, não tenha experimentado uma certa melhora: nos períodos de férias e, excepcionalmente, fora delas, nos dias em que algumas férias coincidem com fins de semana, quando, em poucas horas, os trens da Sorocabana, os ônibus e automóveis despejam algumas centenas de viajantes na pequenina "urbs", a vida como que renasce nos seus hotéis, nos poucos bares, nas ruas e, particularmente, nas praias. É o momento em que o comércio faz grande parte da sua fêria anual, procurando resarcir-se dos prejuízos dos dias parados. Tudo, então, é vendido por preços exorbitantes. Aliás, os armazéns, lojas e bares, já em número reduzido, possuem estoques pequenos, desde que não podem controlar com exatidão as quantidades de suas vendas; e são os diminutos estoques compoem-se, na sua grande parte, de quinquilharias e tecidos para as duas lojas, de uns poucos gêneros alimentícios para os armazéns e, principal-

---

(73) Somente no ano passado foi que se construiu, pela primeira vez, um prédio para cinema em Itanhaém.

mente, de muita bebida para os bares e cafés. Não erramos ao afirmar nos que grande parte das compras do comércio Itambémense em Santos e São Paulo se faz no tempo das bebidas, as mais variadas; são elas que sustentam os armazéns e bares, dando-lhes boas rendas na época de verão e garantindo-lhes a abertura no resto do ano.

Esse progresso parcial, feito quase que sómente no tempo das congelações, poderia abrangor os demais setores da vida urbana Itambémense, os negócios cooperado da parte da população local e da administração pública á iniciativa particular de veranista.

Som se haver preparado com um mínimo sequer de necessário para reger, nas épocas precisas, os contingentes flutuantes, Itambém quase nada pode oferecer áquelles que, mesmo sem se incomodar muito com o preço, querem pagar uns dias de folga, mas com certo conforto.

No que diz respeito ao transporte, se melhorou com a amplexão da linha Juruá, essa melhoria foi passageira, pois, apesar de correrem trens diários entre Santos e Itambém (coisa que no tempo das Inglêses não acontecia) (74), éstos trens nada oferecem que possa atrair o viajante: além de carosos, não têm horário de chegada, não têm conforto algum e, o que é pior, não têm segurança, descurtillando frequentemente e passando por pontes que de há muito foram condenadas (75).

Se o transporte ferroviário possui lacunas tão graves, o rodoviário não oferece condições muito melhores. Realmente, que poderá atrair o viajante, exceto suas belezas naturais, uma "estrada" como a praia

---

(74) Referimo-nos á antiga "Southern S. Paulo Railway", inaugurada em 1915.

(75) De Santos a Itambém, a ferrovia atravessa o braço do mar que separa a ilha de São Vicente do continente, pro sobre uma ponte (ponte de Barreiros), de 600 metros de comprimento, a qual, quando construída em 1915 pelos Ingêzcos, e foi para servir ao tráfego por 15 anos no má-

Grande ? Não é de hoje que ela desempenha o papel de única "rodovia" entre São Vicente e Itanhaém. Apesar dos reclamos das companhias de terrenos e dos hotéis locais, mostrando as vantagens de uma viagem pela praia, todos os que conhecem esse tipo de via natural de comunicação sabem muito bem as percalças que oferece. Mesmo assim, nos últimos três anos, após a inauguração da via Aschieta, o automóvel tem levado vantagem sobre o trem no transporte para Itanhaém. É que a viagem, quando bem sucedida, se faz em um tempo que equivale a quase 1/3 do empregado pelo trem. E, assim, em meados do século XX, na era das auto-estradas, o transporte para Itanhaém faz-se, em grande parte, ainda por intermédio de uma pista natural, a mesma que, até 1915, constituía o único meio de comunicação da cidadezinha com os centros mais importantes. Embora em autos velozes ou em ônibus confortáveis, que muitas vezes deixam sua carcaça enterrada nos rioshos traiçoeiros, que são o espantalho dos valentes que andam pela praia, o paulista da atualidade é obrigado a servir-se dessa estrada natural, porque a região itanhaense jamais soube e que fôsse um quilômetro ao nor de estrada carroçável.

Ora, o que acontece com os meios de transporte reparente, desde logo no abastecimento da cidade; não possuindo, como já tivemos ocasião de mostrar, um meio rural produtivo, que lhe pudesse fornecer os gêneros de primeira necessidade, Itanhaém tem de se abastecer fora,

---

ximo; e ainda hoje lá se encontra, lembrada de vez em quando, à espera de que com ela aconteça o que há pouco se viu com a ponte sobre o rio Itanhaém - um trem mergulhando a'água, provocando a morte de trabalhadores da estrada; lembrada com medo ra, continua a servir ao público, sem que a Jorocabana tome providências mais sérias.



particularmente em São Vicente e Santos. Assim sendo, não só os produtos lhe custam bem mais caro, como encarecem ainda mais com o preço de transporte (76).

Como os armazéns e, particularmente, os hotéis não podem controlar o consumo de suas mercadorias, aqui ficam, então, a este facto comum na cidade: na maior parte do ano, devido ao pouco movimento de gente de fora, as compras dos comerciantes e hoteleiros itambourenses se restringem aos centros abastecedores, de maneira que, indo-se a um hotel ou a um armazém neste período, arrisca-se em não encontrar nada, ou a sujeitar-se a um "mercê" pobre. Mas, nos períodos de férias, quando não só os hotéis mas as casas dos veranistas se superlotam, acontece a um facto idêntico, sendo piori há escassez de quase tudo, salvo o pão, que é feito pelas duas padarias locais, e as bebidas, que constituem as únicas mercadorias em abundância. O mais em pouco tempo sobra, uma vez que tanto os comerciantes como os hoteleiros não podem, em qualquer caso, não saber controlar os seus estoques. De modo que, num ou noutro período, o comércio itambourense é muito irregular. Ou porque faltam consumidores, ou porque éstos sejam em demanda, e facto é que, o reduzido centro comercial da localidade se vê em dificuldades para poder cumprir o seu papel.

Em alguns a estes aspectos, que vimos enumerando, a circunstância das duas hotéis não apresentarem alojamentos adequados, já ele mesmo reduzido de quartos, (em 4 hotéis existentes não posso alugar mais

---

(76) Em Itambú não vêm de fora, dando o leite e a carne, que só chegam diariamente pelo trem das 8 horas, nos cereais, as verduras, nos ovos etc., e, às vísceras, até o peixe.

que uma 280 pessoas e, assim mesmo, numa média de 3 para cada quarto), já pela falta de conforto, terrenos, então, a prova da falta de cooperação entre os poderes públicos, a população local e os veranistas.

A essa série de fatores, que vem colaborando negativamente para o desenvolvimento regular da Itanhaém de nossos dias, devemos acrescentar mais dois outros, também grandes responsáveis pela lenta evolução da cidade: baixo índice aquisitivo das populações praianas e o completo isolamento em que vivem os bananeiros da região, que só fazem os seus negócios diretamente com Santos.

## CAPÍTULO IV

### A ECONOMIA REGIONAL

- Uma vida econômica modesta. A cultura da banana no litoral paulista. A cultura da banana na baixada do Itanhaém. A cultura da banana e a técnica agrícola regional.

Uma vida econômica modesta - Sob o prisma da geografia econômica, a baixada do Itanhaém sempre foi das mais pobres regiões do nosso litoral, como já ficou esclarecido no decorrer deste trabalho. De fato, ao estudar o seu povoamento, tivemos ocasião de frisar e documentar que primitiva era a economia itanhaense.

A população sempre praticou uma economia de subsistência, em que a mandioca representou um papel saliente como principal produto da alimentação local. Aliás, este tubérculo, que o branco, graças ao índio, aprendeu a cultivar, constitui um verdadeiro maná para as nossas populações rurais, como até hoje acontece, particularmente em certos trechos da faixa costeira do Brasil, de que as praias paulistas são um exemplo. O caiçara tem na mandioca o seu alimento diurno, desde que o peixe nem sempre pode fazer parte de seu parco cardápio. A mandioca é consumida sob vários modos, particularmente quando transformada em farinha, que representa para o caiçara o mesmo que o feijão para o cai

para do planalto ou o arroz para o caboclo da baixada da Ribeira.

Apesar de ser primordial na alimentação, a farinha às vezes tem que ser adquirida nas vendas mais próximas, pois as terras para o cultivo são bastante precárias, com as roças plantadas sobre as restingas arenosas.

Ao lado dessa rudimentar economia de subsistência, baseada no cultivo de mandioca e na pesca incipiente, o itanhaense ainda praticava para fins de exportação, um economia destrutiva, em que os produtos da floresta passavam no pequeno comércio. É o que nos relata a lista transcrita à página 36, retratando a exportação da zona em 1865.

Ora, a economia de subsistência e a destrutiva como que se tornaram uma tradição na população local, tanto que vamos observá-las ainda em nossa época preponderando no comércio da região; eram delas resultantes, até 1927, os principais produtos de exportação em Itanhaém. Realmente, durante muito tempo o comércio com Santos foi sustentado à custa da venda de tucuz fiado, palmito, esteiras de piri, cachetas, e quantidade reduzida de madeiras de lei, vulgarmente chamadas "tabaco". Estes produtos continuaram a existir mesmo depois da inauguração da ferrovia Santos-Juquiá, que nada trouxe de novo à economia da região, vindo, pelo contrário, incentivar o método primitivo de destruir a natureza, com a extração, cada vez maior, de linha.

Prova evidente dessa pobreza econômica são alguns dados do recenseamento de 1920 (77). Tais dados se referem ao município de Itanhaém, na ocasião, com 107.100 hectares de área. Dênes total, apenas 3.199

---

(77) Recenseamento do Brasil realizado em 1 de setembro de 1920 - Publicação do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 1923.

hectares eram ocupados por propriedades agrícolas, cujo número não ia além de 4.

A produção das 4 propriedades se limitava ao seguinte:

	<u>Em toneladas</u>	<u>Área cultivada</u>
Arroz .....	499,2	277 hectares
Milho .....	31,8	14 "
Foljão .....	39,9	33 "
Mandioca (78) ...	114,2	8 "
Cana .....	268,8	7 "

A leitura destes dados quase que dispensa comentários quanto à pobreza da economia itanhaense até bem pouco tempo, mas faz levantar uma questão interessante quanto ao aproveitamento das baixadas úmidas tropicais. O caso de Itanhaém pode ser generalizado para certos trechos de litoral brasileiro - a faixa costeira propriamente dita é muito arenosa, quase estéril para a agricultura, enquanto que, no interior, o húmus aparece, embora em casadas pouca espessas as quais, se não receberem cuidado, são facilmente esgotáveis, quando utilizadas para a agricultura. Ora, na época do recenseamento de 1920, o interior da baixada do Itanhaém não tinha ainda sido ocupado, senão esporadicamente.

Nem os colonos no passado, nem os cabeceles no presente, haviam conseguido formar, no interior da baixada itanhaense, um tipo de economia que conquistasse o solo agrícola e que superasse, em valor, a parca produção da indústria extrativa.

Essa a situação em que se encontrava a região em estudo, até o ano de 1927, quando alguns cidadãos de fora resolveram subir o rio

---

(78) Tal área de produção se refere apenas às 4 propriedades agrícolas do município, não sendo computadas as pequeninas roças que cercam a casa do caçador.

Itanhaém, e iniciar, no baixo curso do rio Branco, as primeiras derrubadas para o plantio e cultivo de um produto que de há muito era a principal riqueza agrícola do litoral paulista - a banana.

A cultura da banana no litoral paulista - O Brasil possui a "habitu" privilegiada para a bananeiras a "terra paradisíaca" visseja aqui por toda a parte, do litoral ao sertão, das zonas de planície às de planalto, das encostas às zonas de serras.

Consultemos os dados estatísticos oficiais (79) e veremos que a bananeira é cultivada em todas as regiões brasileiras, produzindo anualmente mais de 100 milhões de cachos, quantidade jamais atingida por outro qualquer produtor. Naturalmente, devido de certas circunstâncias, algumas zonas sobressaem mais que outras, destacando-se pelo número de touceiras cultivadas e pela quantidade de cachos produzidos. É o que acontece com o trecho litorâneo que vai de Cabo Frio às costas carolinenses.

O clima quente e úmido; a topografia de planícies, com solos de aluvias; os rios e canais navegáveis, além da proximidade dos grandes centros consumidores nacionais e de portos exportadores, tudo contribui para situar aquele trecho litorâneo no primeiro lugar dentre das zonas bananeicultoras. Se às vantagens naturais pudéssemos juntar algumas de ordem humana, estaríamos hoje numa posição melhor entre os grandes vendedores mundiais de frutas (80). De fato, foram principalmente

(79) Anuário Estatístico Brasileiro - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 1948.

(80) Bananas aqui são termo propositadamente, uma vez que assim é denominada a banana no seu maior mercado exportador, que é Santos, e no também nos mercados platinos, nossos maiores compradores.

aquelles fctores naturais que permitiram, de há meio século a esta parte, o desenvolvimento d'êa e tipo de lavoura num trecho de nossa costa, que parecia relegado a um completo abandono no que dizia respeito ao seu aproveitamento agrícola. A falta, porém, de melhor organização da produção e do comércio, aliada a uma deficiente técnica agrícola, impediram até agora que nos tornássemos um dos donos dos mercados consumidores inter-americanos e europeus, como sói se atecer com os produtos das Antilhas. Isto sem levar em conta o próprio mercado interno, sempre desprezado, nas muitas vezes o salvador de vários produtos da nossa lavoura, de que a banana é um dos melhores exemplos (81).

Alimento do pobre, como ainda é costume chamá-la, a banana está-se tornando cada vez mais difícil de ser adquirida pelas classes menos abastadas, devido ao seu preço sempre elevado. Os eternos responsáveis pelo elevado custo dos nossos produtos agrícolas, o transporte e o intermediário, causam à banana males ainda maiores; fruta delicada, que não pode passar muitos dias viajando e nem ficar à espera do comprador. As mais das vezes parece ela nos vagões das estradas de ferro, nos portos de embarque e mesmo nos postos de venda das nossas cidades, sem conseguir chegar às mãos do consumidor, devido ao seu preço nada convidativo.

Desde fins de século passado faz-se o cultivo da bananeira mexicana, para fins comerciais, na baixada literânea paulista. Foi nos arredores de Santos e de São Vicente que se plantaram, por volta de 1890, os pri

---

(81) Para darvos uma idéa da importância do mercado interno para a banana, citevos apenas o caso da capital paulista, onde o consumo dessa fruta no último quinquênio foi em média de 7 milhões de cachos anuais.

neiras bananeiras da espécie anã, a chamada "musa cavendishi" ou "musa chinensis", como denominaram os cientistas a nossa tão conhecida bananeira nanica.

As primeiras mudas foram trazidas das Canárias por alguns agricultores espanhóis, já radicados entre nós, e plantadas nas várzeas alagadiças da baixada santista-vicentina. Encontrando aí um solo propício ao seu desenvolvimento, aliado a um clima quente e úmido com pequena variação anual, a bananeira logo se espalhou pelas terras que margeiam os rios do Cubatão, Mogi, Jililombo, Jurubatuba, Branco do São Vicente e pelas zonas gúmbas ao longo dos canais do Casqueiro e da Bertoga (82).

Entre 1905 e 1911, Santos triplicou os seus bananeiros, passando de 971.800 touceiras para mais de 3 milhões. Nos primeiros anos do século, embora não fôsse ainda a baixada literânea paulista a melhor zona produtora, contudo já concorrida com uma boa parcela na exportação nacional, toda ela encaminhada para os mercados do Prata. Vejamos alguns dados que melhor explicam essas afirmativas (83):

Exportação brasileira (em cachos)

<u>Ano</u>	<u>Brasil</u>	<u>Santos</u>
1906 .....	1.852 012 .....	231 297
1908 .....	2 404 372 .....	346 633
1910 .....	2 942 750 .....	757 983
1912 .....	2 596 810 .....	1 219 298

(82) Os solos agrícolas da baixada literânea paulista são todos de origem aluvial recente, trazidos das encostas da serra do Mar; resultantes da desagregação de gnaiss, granito, xistos, etc., aparecem bastante misturados com areia. Nos arredores de Santos e Guarujá existem pequenas manchas de um solo mais fértil - a chamada "tabatinga", de cor escura - pegajoso, bastante rico em matérias orgânicas e considerado o melhor até hoje encontrado para a lavoura bananeira.

(83) GRANATO (LOURENÇO) - A Cultura da Bananeira - São Paulo, 1913.



Naquela época, os melhores portos exportadores eram os de Florianópolis e Pernambuco, cuja banana era da espécie chamada "branca" e, não, amarela; esta última só principiou a ser exportada pelo Brasil através do porto de Santos.

A produção paulista, sempre crescendo, em breve ultrapassou a das demais zonas (84). Até 1940, a expansão da lavoura bananeira no litoral paulista se fez ininterruptamente, ocupando áreas cada vez mais vastas e mais distantes do porto exportador. Formaram-se, assim, em vários trechos da nossa costa, verdadeiras clareiras nas florestas das baixadas, onde a ocupação humana passou a ser feita de um modo mais amplo que no passado (85). Santos tornou-se o primeiro porto exportador de banana, não só do Brasil, mas do mundo (86).

Embora com uma série de falhas, que se notam em qualquer sítio de banana da costa paulista, é mister afirmar-se que esta lavoura, originada há apenas meio século, não só contribuiu para a criação de um novo tipo de riqueza, como também para um verdadeiro desbravamento de extensas áreas do nosso Estado. De fato, nos últimos 20 anos, quando

---

(84) Para têrmos uma idéia do aumento da produção paulista, basta tomarmos os dados de exportação da década 1925-1934, período em que a lavoura bananeira literalmente mais evoluiu; naquela década, para uma exportação total do Brasil de 63 milhões e 672 mil cachos, Santos concorreu com 86,7% ou sejam 54.487.000 cachos. Nos últimos anos, esta exportação vai além de 30%.

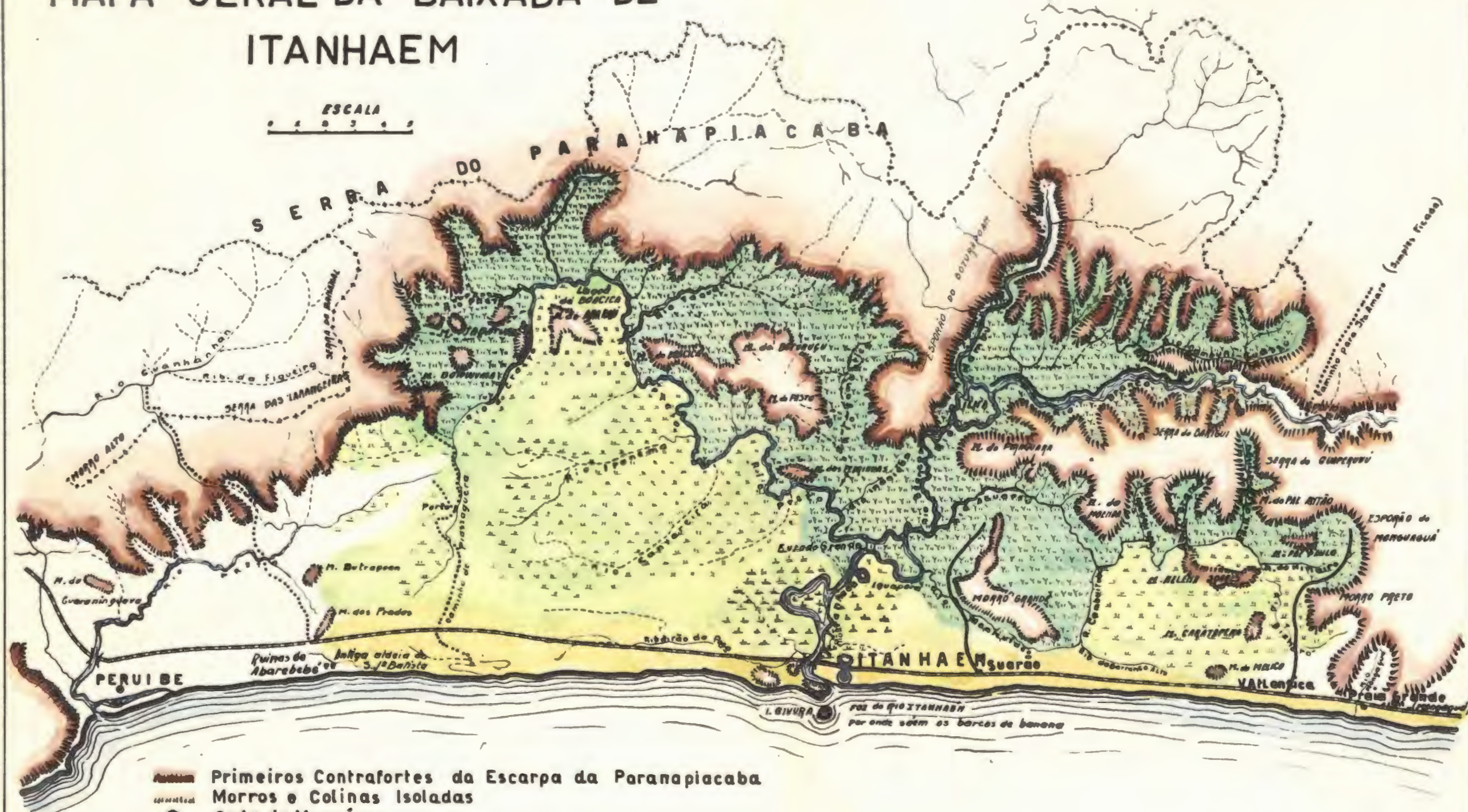
(85) CARVALHO (MARIA DA CONCEIÇÃO VICENTE de) - O progresso da cultura e do comércio da banana no litoral paulista - Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, vol. IV - C.N.G., 1944, Rio.

(86) Durante a última guerra, as dificuldades de transporte para o Fretas, e a perda dos mercados europeus, causaram uma queda na produção como se pode ver pelas datas de exportação paulista

1939 .....	17.081.288	cachos
1940 .....	10.096.500	"
1941 .....	6.176.670	"
1942 .....	3.513.155	"
1943 .....	2.165.587	"
1944 .....	2.949.575	"
1946 .....	4.779.216	"

# MAPA GERAL DA BAIXADA DE ITANHAEM

ESCALA  
0 1 2 3 4 5



- Primeiros Contrafortes da Escarpa da Paranapiacaba
- Morros e Colinas Isoladas
- Sede de Município
- Distrito
- Estação
- Estrada de Ferro
- Linhas de Trole Decauvilles
- ..... Picadas e Caminhos Antigos
- Zonas Pantanosas e Alagadiças, com Matas Esparsas
- Bananais
- Manguesais
- Orla Marinha (Praias, Dunas, Jundús)

Baseado na Carta da Comissão Geográfica -  
Levantamento de 1914, com modificações  
do Autor.

Desenhado por J. Werner

Por R. de Azevedo F. Silva

as terras da baixada santista-vicentina já não produziam mais e esperade, devido ao seu esgotamento, os bananeiros viram-se obrigados a iniciar o que de há muito vinham fazendo os cafeicultores do planalto - o avanço para as terras novas. Passamos a assistir, a partir de 1927-28, a uma verdadeira corrida em direção às terras ocupadas por florestas, tanto ao norte como ao sul da zona santista. Verdadeiras zonas pioneiras se formaram, então, nesse trecho do Estado de São Paulo.

Comquanto existam grandes diferenças entre as zonas pioneiras litorâneas e as do planalto, quer no que diz respeito aos métodos de ocupação, quer nas suas consequências, nelas se encontram alguns aspectos comuns. Por exemplo, no litoral as terras são "griladas" como as do planalto; também elas são ocupadas pela lavoura extensiva para fins comerciais, de maneira que globas devastadas há 10 ou 15 anos são logo deixadas para trás como pouco produtivas, à medida que se vai avançando um desbravamento sem limites.

Belo exemplo deste pioneirismo destruidor, iniciado em pleno século XIX, em vários trechos da nossa costa, nos é dado pela Baixada de Itanhaém, onde, há justamente 20 anos, se vem desenvolvendo uma das maiores áreas bananeiras do país. (foto 41)

A cultura da banana na Baixada de Itanhaém - a maior riqueza da zona itanhaense, em toda a sua história, foi a banana, aliás de aparcerimento recentíssimo, pois sua existência econômica data de menos de um quarto de século.

Foi a partir de 1927 que, no vale do rio Branco, se iniciaram as primeiras plantações regulares para fins comerciais. Até então



Foto 41. Vista aérea de um trecho da baixada interior, onde justamente o homem mais tem modificado a paisagem natural, derrubando a floresta e plantando extensos bananais. Na presente foto aparecem os dois aspéctos que os bananais itanhaenses oferecem: as lavouras da baixada e a das encostas. (foto do C.N.G. - Diretoria Regional de Geografia no Estado de São Paulo).

a bananeira se limitava aos arredores de Santos, como já foi dito, de-  
vido principalmente ao problema do transporte. Enquanto os bananeicul-  
tores guianeses, foram avançando todas as terras aproveitáveis das vi-  
zinhanças do único porto exportador. Mas, depois de uns 30 anos de  
cultivo ininterrupto, aquelas terras começaram a dar sinais de cansa-  
ço, e isto por volta de 1924-1925.

Apesar de todas as vantagens levadas até aí pelos produtores de  
bananas, começaram elas a se inquietar com a diminuição do rendimento  
e da qualidade da fruta, consequência do esgotamento do solo. Como re-  
solver o problema? Terras exóticas ainda à vontade, dentro de um  
mesmo ambiente ótimo para a bananeira, tanto ao norte, como ao sul de  
Santos; mas - o problema era o transporte até aquele porto. O mar, a  
eterna e única via parense de comunicação com o resto do país, ali estava,  
é verdade, mas para ser utilizado demandava a construção de barcos de  
certa envergadura, e isso podia custar não poucos. Ora, todos os  
que conhecem o cultivo e o comércio da banana em nosso litoral sabem  
perfeitamente que, salvo raras exceções, o bananeiro, por mais dinhei-  
ro que tenha, sempre foi infenso a grandes gastos no negócio a que se  
dedica. Isto explica porque, até 1930, os grandes produtores da bai-  
xada santista-vicentina procuraram exaurir o mais que puderam as ter-  
ras da citada zona, onde tinham um transporte fácil e barato, susce-  
tível por água, através daquela rede intrinseca de rios e canais que  
a cortam em todas as direções, desde o porto até a base da Serra do  
Mar.

Mas, depois de 1930, assistimos à mudança de uma produtora para  
outros trechos litorâneos; já por aquela época, uma poderosa compa-

nhia inglesa, a "Cia. Brasileira de Frutas", conseguira uma verdadeira "esplanada" no vale do Juqueriquerô, município de Caraguatatuba, onde em menos de dois anos plantou mais de dois milhões de touceiras de ba naneiras.

A verdadeira corrida às terras novas, porém, teve lugar na direção sul, em demanda do vale de Itanhaém e pelos rios Peruíbo, São Lourenço e Juquiá, onde hoje estão mais de 60% dos bananais literários.

Uma das razões que explicam essa direção tomada pelos bananeiros santistas, além da já citada falta de terras, foi a passagem para o patrimônio do Estado, em 1928, da única via-férrea que serve um longo trecho do litoral paulista, a hoje chamada linha de Juquiá e que fôra construída em princípios de século por uma companhia inglesa (87). A passagem da estrada de ferro, das mãos dos ingleses para as do Governo paulista, fôra recebida com grandes esperanças não só pelos moradores da zona, como particularmente pelos mo, pretendendo abrir ba banais na região, viam naquele meio de transporte uma saída para o seu produto; a linha Juquiá tinha sido um fracasso, até então, por ter parado no meio do caminho (88).

Quando, porém, os bananeiros santistas principiaram a chegar ao vale de Itanhaém aí encontraram, como aliás acontece em todas as zonas novas, um trabalho de pioneirismo, feito à custa do sacrifício dos que foram os abridores das primeiras picadas. De fato, desde 1927, uns tantos cidadãos, na sua maioria fora do negócio da banana em San-

(87) A hoje chamada Linha de Juquiá fôra, até 1928, a "Southern São Paulo Railway".

(88) Infelizmente, aquelas esperanças foram vão; não só a linha não foi além de Juquiá, como também, salvo os trens diários de passageiros que a nova direção fôz correr, nada mais foi dado aos habitantes.

tos, entenderam abrir bananais em Itanhaém. Para lá se dirigiram, comprando pequenas "poças" às margens do rio Branco, onde iniciaram as primeiras derrubadas.

Não é preciso dizer das dificuldades encontradas nos primeiros tempos, numa região, onde, entre outros males, existiam os perigos das enchentes e da malária. Além disso, tudo era preciso vir de fora, pois, na cidadezinha de Itanhaém e nas praias próximas, nem trabalhadores se conseguiam; dos víveres às unhas de bananaeiras, dos instrumentos agrícolas ao recrutamento de comadres, tudo vinha de Santos (89).

Se já houvera ocupações esporádicas e periódicas em trechos dos rios Brancos, Aguaçu e Frêto, tanto no passado, como no século atual (90), esta última, isto é, a dos bananaeiros foi que se tornou a definitiva, pois, além de levar para ali, a esse ver, o único produto capaz de criar vantagens econômicas, introduzia uma riqueza apropriada às zonas pioneiras das baixadas alagadiças do litoral. Nesse assim, só depois de quatro anos de lutas é que se pôde ter certeza de que os bananaeis iriam para a frente.

---

(89) Queremos lembrar aqui os nomes dos pioneiros na abertura dos bananaeis itanhaemenses: Joaquim Alexandre da Silva, o abridor das primeiras poças, nas margens do rio Branco e do Aguaçu; Otávio Ribeiro de Araújo e José Ribeiro de Araújo, que abriram os primeiros bananaeis.

(90) A última dessas ocupações ocasionais datou de 1922-23, quando o Governo do Estado concedeu a várias famílias japonesas uma vasta área no médio curso do rio Branco, onde hoje estão os bananaeis das sítios Santa Cláudia e Monte Alegre; estes imigrantes, cujo número não nos foi possível saber, ao iniciarem os seus trabalhos de cultivo de arroz, foram em grande parte mortos por um das enchentes avassaladoras, que anualmente se repetiam na zona. Os poucos remanescentes do tão infeliz grupo de colonos abandonaram as terras, indo para o vale da Ribeira.

É verdade que condições externas à zona em estudo a ajudariam a progredir, como o já citado fato da ansiedade com que os bananeiros santistas procuravam novas terras e o preço cada vez maior que o produto atingia não só nos mercados platinos, como também em certos países europeus, agora igualmente fregueses da nossa banana (91).

De qualquer forma, a partir de 1930, as áreas cobertas com banana foram aumentando extraordinariamente e o bonco conseguiu, apesar da série de dificuldades, se não dominar o meio físico, pelo menos vencer os mais prementes obstáculos e construir, em pouco tempo, a maior área então cultivada com banana nas novas na zona litorânea (92).  
(fotos 42, 43, 44, 45, 46 e 47)

Tal foi o aumento das áreas cultivadas, que a partir de 1931 a ferrovia já não dava vazão ao transporte de cachos, obrigando os produtores a procurar outro meio de transporte. Foi assim que, naquele mesmo ano, se construiu o primeiro barco de alto-mar, de 100 toneladas, para o transporte de bananas de Itanhaém a Santos.

Em menos de 5 anos, a corrida às terras itanhaenses foi como que uma miniatura das que se vinham dando no planalto com as terras novas em relação ao café, apenas com grandes diferenças quanto aos seus resultados demográficos e econômicos para a zona onde tinha lugar.

(91) De fato, a partir de 1928, quando o Estado de S. Paulo conseguiu a liderança da exportação de banana do país, além dos mercados de Prata que sempre foram os mais importantes, a Grã-Bretanha e a Holanda passaram também a comprar-lhe esse produto. Foi assim que, naquele ano, dos 5.025.534 cachos exportados por Santos, 869.557 seguiram para a Grã-Bretanha, e em 1933, dos 7.556.778 cachos, 2.103.185 foram para a Grã-Bretanha e 308.383 para a Holanda.

(92) Em 1929 não ia além de 150 alqueires as terras cultivadas; em 1933 se elevava a perto de 1.000 alqueires, com cerca de 2.000.000 de touceiras plantadas. Em 1939 o número de touceiras ia além de 4.500.000, segundo dados colhidos na prefeitura local. Segundo dados fornecidos pela Agência Regional da Secretaria da Agricultura em Santos, eram as seguintes a distribuição e o número de touceiras das bananas do vale do





Foto 42.



Foto 43.



Foto 44.

Aspéctos de um dos melhores bananais da baixada do Itanhaém; vistas tomadas na "Fazenda Áurea", no trecho do vale do rio Branco que muito se assemelha com o do Cubatão, (foto A.R.Penteado).



Foto 45.



Foto 46.



Foto 47.

Provas do avanço do homem pelas encostas acima, desde que as terras da baixada já não bastam. A primeira fotografia mostra uma derrubada em toda a encosta de um trecho da serra de Guaperuvú; as outras duas dão uma vista de bananais de encosta e por onde se pode observar o contraste com a lavoura da baixada. Nas encostas os bananais são menos viçosos e não duram mais que cinco anos economicamente. (fotos A.R.Penteado).

Para quem conhece a evolução de uma zona pioneira do planalto, em de, logo após as primeiras terrapagens e primeiras colheitas de subsistência, se espalham como que por milagre os sítios e as fazendas com suas casinhas típicas e, logo em seguida, as lavouras de café ou de algodão, as pastagens, as escolas definitivas, para, depois, principiares a aparecer as povoados, que se vão transformando nos povoados em cidades, com sua barbaridade comercial, - o quadro de uma zona pioneira na baixada litorânea há de mudar repente. Aqui, não se nota aquela vitalidade de que o pioneirismo planaltino está possuído. Nestas as exceções de Caraguatatuba, Barra do Gua, Hortolândia ou Itanhumém, para que avalie as diferenças citadas; nenhum destes locais revela que as terras de seus arredores foram ocupadas recentemente por uma riqueza que pesa na balança expectadora paulista. Em simples exames dos métodos agrícolas praticados nos bananeais e de como se vendem as suas colheitas, explicará aquela série de diferenças.

A cultura da banana e a técnica agrícola regional - Sabemos sal-

temos que o nome agricultor não tem muito amor à terra e que, por isso, pratica um seminadismo agrícola, como bem o demonstra o caso do café, contudo, o lavrador do planalto ainda dedica ao trabalho em que vai fixar-se um certo cuidado que se pode notar desde os aspectos da lavoura até às residências dos donos ou dos colonos. Nos bananeais,

---

Itanhumém, em 1946	<u>Em produção</u>	<u>Em formação</u>
Rio Branco .....	1.153.500 .....	175.100
Rio Preto .....	942.763 .....	236.410
Rio Aguapeú .....	1.035.905 .....	163.929
Total .....	3.032.168 .....	575.439

Os dados mais recentes que conseguimos obter foram êsses de 1946. Sabemos, no entanto, por informações colhidas entre os bananeiros, que de 1946 a 1949 plantaram-se mais de 1.800.000 de touceiras, principalmente no vale do Rio Preto.

nada se observa que possa mostrar, ainda que de leve, uma certa fixação do homem ao solo. Antes de tudo, a maioria dos bananeiros não mora em suas propriedades (no caso de Itanhaém, a totalidade); entregam-se a feitores, na maior parte antigos trabalhadores de sítios, e estes, por sua vez, aliciam os homens necessários ao trato da lavoura.

O método de trato aqui é também completamente diferente de que costumamos ver no planalto. Senão, vejamos.

Essa parte das terras da Baixada Itanhense era coberta de florestas virgens, quando lá chegaram os primeiros bananeiros. Mas, as do vale do rio Branco apresentavam os aspectos de uma floresta secundária em algumas partes e de capoeirões noutros trechos. De fato, justamente onde principiaram a ser plantados os primeiros grandes bananais em 1902, as terras já tinham sido tocadas havia quase uma década pela leva de japoneses que ali não parara dois anos. Já nos rios Preto e Agua-peú e nos seus várias afluentes, a floresta, salvo as árvores mais úteis para a produção de madeiras, permanecia intata.

Tanto nos trechos dos capoeirões do rio Branco, como nos da floresta verdadeira, o primeiro trabalho a fazer foi sempre o da roçada do sub-bosque, o que se chama limpeza e que consiste no desbastamento dos arbustos, dos galhos mais baixos, dos cipós, de tudo enfim que dificulte a penetração e livre trânsito pelas áreas florestais. É a mesma operação que na zona cacaueteira de Ilhéus tem o nome de "esbocamento" (93).

Feita a limpeza, inicia-se o plântio com a abertura de covas mais ou menos alinhadas, com quatro metros de distância a separar

---

(93) MONTEIRO (PIERRE) - Essaios de Geografia Humana Brasileira (A terra do cacau) pág. 149 - São Paulo, 1940.

umas das outras, e onde se lança o rizoma (a "unha", como é conhecida). Em seguida, faz-se a derrubada; vêm abaixo as grandes árvores que haviam sido deixadas intatas, quando do trabalho da "limpeza". Oito ou nove meses depois, quando as touceiras se acham em pleno desenvolvimento, faz-se a bateção da jagada, que nada mais é do que o corte da galharia toda que está no chão à custa da foice e ainda do machado, bem como a separação dos troncos maiores, procurando-se livrar o bananal daquelas espicilhas que vieram abaixo com a derrubada. Todo esse conjunto vegetal, assim trabalhado, vai servir nos primeiros anos de verdadeira adubação natural ao solo recém-aproveitado. Já então, com mais de um ano, o bananal formado dá o seu primeiro cacho.

Como acabamos de ver, a penetração numa floresta da baixada é diferente da que se realiza no planalto; naquela não se faz a derrubada total da mata logo de início e nem há a queimada. Ora, isto vai ter consequência no trato da lavoura bananeira, pois nos primeiros anos de produção, mesmo que o bananeiro seja caprichoso, não poderá carpir seus bananais. Os troncos das árvores impedirão tal serviço. Terá, então, que usar a foice e mais comumente o que eles chamam de "penado" (94), fazendo tão somente as típicas roçadas, três a quatro vezes ao ano, em média.

Chega o momento em que se principia o verdadeiro trato do bananal. Os métodos usados em todo o litoral paulista são os mesmos e já foram de há muito descritos e explicados, sempre com o intuito de melhorá-los, por vários técnicos e agrônomos da Secretaria da Agricultura (95).

(94) Penado - ferro de cortar capim.

(95) GRANATO (LOURENÇO) - A cultura da bananeira - São Paulo, 1913.  
SCHIZIST (CARLOS BORGES) - A cultura prática da bananeira -

Na realidade, porém, e, portanto, na prática, aquelas métodos de tra-  
to limitam-se ao seguinte:

Iniciada a produção, o bananeal passa a ser podado, no mínimo três  
e no máximo cinco vezes por ano, a feioe ou a "ferro" (96) (este últi-  
mo é mais usado); nos últimos 10 anos, alguns bananeiros têm usado o  
processo da capina, que embora mais caro de, como é natural, maior re-  
sultado. Infelizmente, porém, a maioria continua achando que o bana-  
neira não necessita de muito cuidado ...

Além das repedes ou corpes, outro importante serviço nos bananeais  
é a abertura de vales de drenagem. Situados em grande parte nas baixas  
das alagadiças, os bananeais não podem permanecer encharcados. Embora  
a bananeira tenha necessidade presente de água abundante, não deve es-  
ta permanecer estagnada e nem mesmo correr pelos bananeais e dentro.  
Logo, faz-se mister a abertura de vales, que constituem o serviço  
mais caro num bananeal. As vales têm, em geral 20 metros a metro e meio  
de profundidade, por 50 cm de largura, e acabam constituindo uma ver-  
dadeira rede de drenagem por toda a lavoura.

Esses serviços, que acabamos de enumerar, são os mais comuns;  
mas, num bananeal já formado, há um importante problema a resolver,  
que é o desbaste (97). Consiste na eliminação dos rebentos em excesso

---

rica no litoral norte paulista" - São Paulo, 1934.

MEDEIROS (MARCIO) - A bananeira (instruções práticas para a sua  
cultura) - Bol. da Secretaria da Agricultura - Diretoria da Publicidade  
Agrícola - São Paulo, 1935.

MEDEIROS (MARCIO) - A cultura da bananeira - Bol. n. 3 da Secre-  
taria da Agricultura - Departamento de Fomento da Produção Vegetal -  
São Paulo, junho de 1937.

(96) Ferro - Denominação também usada para o pedado.

(97) MEDEIROS (MARCIO) - op.cit. "O desbaste, limitando e metodi-  
zando o número de plantas por covas, afeta as touceiras, no sentido de  
regularizar e equilibrar a produção, não em quantidade, mas em quali-  
dade... Antes de iniciar o desbaste, o lavrador deve saber o número de  
plantas que deve deixar por touceira. Na cultura metódica e racional,  
costuma-se conservar apenas três indivíduos, isto é, a planta inicial  
e dois rebentos. Assim, quatro meses depois da data de plantio, inicia-

... que, quando os cachos, por serem muito grandes, prejudicam a formação dos cachos, reduzindo-os no tamanho e na qualidade. Ao invés de cachos com nove pencas ou mais, temos num bananal mal desbastado uma produção em que o número de "descartes" supera o de exportação (98).

Moçadas, abertura de valas, desbaste, são os serviços mais importantes que se observam nos nossos bananais litorâneos, ao lado, é claro, do trabalho das colheitas. Estas, aliás, constituem também um dos aspectos mais comuns numa lavoura de banana. Entre outras vantagens que um bananal oferece, a das várias colheitas anuais é a mais interessante; de fato, das inúmeras e importantes riquezas agrícolas brasileiras, a banana é a única que mensalmente está dando os seus frutos.

Dois vezes por mês em média (na época de verão até três), os sítios de banana estão no que se chama período de corte, isto é, época de colheita. Durante três ou quatro dias, todos os trabalhadores dos sítios são convocados para ajudar no corte; dois ou três homens dirigem-se aos talhões do bananal, munidos de um penado e vão cortando os cachos que estão "de vez", isto é, mais gordos e prestes a iniciar o amadurecimento. À medida que vão sendo cortados, os cachos são imediatamente carregados pelos demais camaradas, que os vão depositando nas picadas (99) de onde são por sua vez baldoados para o póg

no o desbaste, deixamos apenas a muda inicial e o rebento que estiver saindo nesse momento. Quatro meses após, no segundo desbaste, ou oito meses após o plantio, ficarão as duas plantas do primeiro e mais um rebento, e que estiver mais novo na ocasião. Aos dois meses faz-se a mesma coisa, ficando então na touceira quatro indivíduos, mas um pretos a ser cortado com o primeiro cacho!"

(98) Descarte - Denomina-se assim o cacho com menos de oito pencas e que não serve para a exportação; os descartes são deixados para o consumo interno, sendo Santos e São Paulo os seus maiores centros consumidores.

(99) Picadas - São trilhas ou pequenos "carreiros", que se fazem pelo interior dos bananais, à guisa de caminhos, por onde os camaradas levam os cachos até à linha de trole ("decauville") ou ao porto mais próximo.

to mais próximo à beira de um rio ou de uma grotta (fotos 49, 49, 50, 51) (100), e as embarcações em estacas de madeira (fotos 52 e 53), que, rebocadas por uma lanchar a gasolina e às vezes a petróleo, levam a fruta até Itanubém, no chamado porto de Baixo (54). Nesta parte a banana é baleada para as vagões e galeres da Linha Juquiá (fotos 55, 56 e 57) ou são colocados em barcos maiores para o transporte por mar até o porto de Santos (101). (fotos 58 e 59)

Os cachos destinados à exportação são em parte acondicionados em invólucros feitos de taboa ou de contão, esta última mais cara, mas com a vantagem de não machucar a fruta nem moer. Apesar de a banana, assim embalada, alcançar nos mercados consumidores um preço melhor, que vai de 1 a 1,5 peso argentino, sobre o preço normal, mais de 50% das frutas exportadas vão a granel. Digo-se de passagem que esta maneira de embalar se iniciou quando se começaram a vender as primeiras cachos nos ingleses e holandeses, há uns 20 anos atrás; se este sistema de embalar trouxe vantagens econômicas, contudo elas não são bem aproveitadas, pois obrigou a uma fiscalização maior no porto de Santos, onde grandes partidas de banana têm sido embarcadas com cachos de pesos de oito pesos, acondicionados sob o capinhamento.

Nos sítios maiores, cujas distâncias do interior dos bananeais aos portos de embarque são de várias de quilômetros, existem redes de "decavillos" ou linhas de troleu, como são chamadas comumente, sustentadas sobre trilhos de ferro ou de madeira; vagonetas com capaci-

(100) grotta - Pequena lagoa em conexão direta com o rio e que na maioria das vezes nada mais é que um antigo leito abandonado, aproveitado pelo homem para a construção de seus portos de embarque, devido à tranquilidade das águas.

(101) Alguns sítios situados às margens do rio Aguapeú possuem linhas de troleu diretas até os trilhos da Juquiá, em Santos, Vila Atlântica, etc..



Foto 48.



Foto 49.

Foto 49a.



Dois embarcadores no alto rio Branco no momento em que se carregavam as "chapas", que aí são de pequeno tamanho, devido não só ao regime irregular do rio, como também ao fato de ser ele cheio de seudros e mal cuidado como se pode observar na terceira fotografia.  
(fotos do autor, de A.R. Penteado e de Ary França).



Foto 50.



Foto 51.

Dois portos, respectivamente nos rios Preto e Branco, em trechos onde chegam as embarcações de alto mar que aí pegam a fruta, levando-a diretamente a Santos. (fotos do Autor e de A.R.Penteado).



Fotos 52 e 53.

Leia as fotos do transporte da banana até o porto do Baixio em Itanhaém: na primeira foto, a "onata" é levada a varejão, num trecho do rio que não permite o "reboque" devido à quantidade dos meandros muito fechados; na segunda, já num trecho do Itanhaém, uma lancha à gasolina reboca duas onatas carregadas.

(fotos A. H. Penteado e do autor).



Foto 54- Uma vista do porto do Baixio, que hoje forma um pequeno bairro de Itanhaém e onde chegam as embarcações carregadas de banana; aí, a fruta é baldeada para os vagões da estrada de ferro, em demanda do porto de Santos, ou então, para a cidade de São Paulo. (foto do autor).



Foto 55.



Foto 56.



Foto 57.

Nas presentes fotos vemos a banana ser baldeada das onatas para a dala (esteira romãnte) existente no porto do Baixio, e por ela, chegar ao vagão da estrada de ferro. (fotos do autor).



Foto 58.



Foto 59.

A banana para a exportação e que tem que ir a Santos, sai hoje em grande parte por mar, em embarcações de maior calado (em geral chatões cobertos) e que são rebocadas por pequenos rebocadores a óleo. Nas duas vistas acima, podemos observar um reboque passando de-  
 frente o porto do Baixio e depois, já na foz do Ita-  
 nhaém, quasi ganhando o mar. (fotos do autor).

dado para 100 cachos em média e picadas por máquinas a óleo ou a gasolina, levar então a fruta para um porto só, onde se reúnem as chatões. (fotos 60 e 61).

Qualquer bananeiro que queira tirar lucros de suas plantações terá de, algumas vezes por ano, cuidar dos problemas de que falamos. Mas, e aqui entra o aspecto verdadeiramente "metódico e racional" de que nos falamos em técnicas, seria aqueles tipos de serviços, feitos e mais das vezes sem cuidado, os únicos que se devam levar em conta numa lavoura de banana? Parece-nos que não. Iguais serviços requeridos por um bananal, acrescentaríamos mais um, o de tratar da terra. Sim, a principal razão para uma boa lavoura é uma boa terra; mas essa não nos é dada apenas pela natureza; ela é também conseguida pelo próprio esforço do homem, que, à custa da técnica pode fazer milagres:

Infelizmente, porém, assunto de tanta importância para qualquer região, urgente para as brasileiras, na sua maioria sob climas tropicais, não foi ainda levado em conta pelos nossos agricultores. Já pela ignorância, já por desleixo, às vezes por uma economia descabida, o fato é que, até agora, poucos foram os nossos lavradores que deram à terra os cuidados que ela merece. Há mais de meio século que se planta banana na baixada litorânea paulista, mas somente de alguns anos para cá é que uns poucos bananeiros principiam a falar no cultivo do terreno já saneado e nas carpas no envés de roçadas nos bananais.

Não é para se admirar, pois, que os bananais de Itanhém permaneçam, ainda, neste se seu trato, dentre daqueles poucos métodos empíricos introduzidos na baixada santista há meio século, quando da abertura das primeiras lavouras de exportação.



Foto 60.



Foto 61.

Linhas de trole (dedauville) num sitio de banana, por onde a fruta é levada a um porto à margem do rio. (fotos A.R.Penteado tomadas na "Fazenda Áurea").

Orá, se ao lado do fator solo, que, como vimos, não é dos melhores, aliamos os fatores de ordem humana, isto é, os diversos métodos de exploração da terra praticados pelo nosso agricultor, teremos as razões porque, numa região como a da Baixada Itanhaense, com uma exploração agrícola que não data de um quarto de século, já se notam vestígios de decadência, com brechas abandonadas no meio do mato, casas em ruínas, portos destruídos, etc..

Aliás, esse processo ocorre com a terra arável é mal antigo, entre nós, pois data das primeiras tentativas de lavouras comerciais feitas em vários trechos da nossa costa pelo português e vem de há muito sendo discutido para que fiquemos martelando sobre ele (102). Se o citado não foi apenas para mostrar que a lavoura bananeira, em Itanhaém, é mais um exemplo de mesmo processo pela terra, é mais uma reprodução da malícia agrícola paulista, onde o homem, na sua ânsia de terras novas, vai avassalando tudo na sua frente, deixando para trás as tão <sup>v</sup>prezadas "terras caçadas".

---

(102) Berlinck, E.L. - op.cit.

Oliveira, Américo L.Barbosa de - Estudos Brasileiros de Economia - 2 Desenvolvimento Planificado da Economia Brasileira - "Fundação Getúlio Vargas" - Monografia n. 1 - ano I, vol. I, junho de 1946.



CONCLUSÕES

Diante de que acabamos de expôr em relação às paisagens geográficas da Baixada do Itanhaém podemos concluir:

1) A Baixada do Itanhaém é uma porção das inúmeras baixadas tropicais que compõem grande parte do litoral brasileiro; além disso, faz ela parte das região paulista que apesar de ser a mais antiga do ponto de vista do povoamento, ainda está à espera que se colonize.

É que alguns fatores naturais, particularmente o clima e os mares, aliados a inúmeros fatores de ordem humana impediram que as várias zonas tropicais do nosso litoral fossem para frente, acompanhando o progresso das demais terras paulistas. Somente quando o homem soube fazer-se prevalecer, reagindo com energia contra aqueles fatores naturais, foi que alguns trechos da nossa costa (infimos na sua superfície até agora) se transformaram, aparecendo então uma paisagem nitidamente humanizada (casos das ilhas de São Vicente e de Santo Amaro, esta última parcialmente apenas).

2) Ora, a Baixada do Itanhaém está entre no grupo das demais baixadas paulistas até o momento, dominadas pelo meio físico. O homem por enquanto, pouco ou mesmo nada fez para que ela se distinguisse das suas congêneres, apresentando aspectos de uma humanização bem adiantada.

Si a população adventícia, representada pelo bananeiro e pelo veranista, trouxe o seu quinhão para uma melhoria local, esta melhoria não passou ainda de uma fase de experiência, desde que lembremos do estado em que ainda se encontra a maior parte da população nativa representada pelo personagem tipo da região, o caicara.

3) Sem haver uma conjugação de esforços dos três fatores humanos que até agora tem agido separadamente em Itanhaém — o poder público, o veranista e o bananeiro — a região jamais poderá ir para

fronte, pois a sua população nativa não tem capacidade para sustentar por si própria, e pouco que cada um d'aquelles três fatores lhe trouxe de bom, até o momento.

4) A pequena cidade de Itambém é um exemplo daquella fase de experiência, já pelo seu aspecto de um núcleo urbano que mal sai de uma escuridão vindo de tempo colonial, já pelo seu papel que representa como centro de uma região pesqueira de uma riqueza de alta importância para o Estado.

5) Sob a direção dos poderes públicos, se possível, mas obrigatoriamente com sua assistência e ajuda, deve-se e quanto antes, iniciar um trabalho de recuperação (de verdadeira ocupação, seria o termo) do litoral através de uma reação energica onde se encadeiam com todos os sectores de uma racionalização do trabalho; da construção de vias de comunicações e saneamento; da instrução e alimentação de milhares de seu preparo técnico para a pesca ou para a levanta-la; da ocupação de fato da terra, com seu aproveitamento intensivo, e uma produção organizada e de interesse comercial.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ARAÚJO FILHO (José Ribeiro de) - 1949 - O Saincará na Região de Itanhaém - Bol. Paulista de Geografia, n. 2 da A.G.B. - São Paulo, julho.
- ARREBOLLA DE TELLO Y MONTAÑELL DE SÁO PAULO (Ansis) - 1852 - Arquivo do Estado.
- BACHENUSAR (Averardo) - 1918 - A Faixa Literária do Brasil Meridional - Ed. Renouard Frères - Rio de Janeiro.
- BERLINCZ (E.V.) - 1948 - Fatores adverbos na Formação Brasileira - São Paulo.
- BIGARELLA (João José) - 1946 - Contribuição ao Estudo da Planície Literária do Estado de Paraná - Separata de Arquivos de Biologia e Zootecnia (Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio) - Curitiba, Paraná. (Transcrito no Boletim Geográfico n. 55 do C.N.G. - Rio).
- BLACHE (Vidal de) - 1924 - Principes de Géographie Humaine - Lib. Armand Colin - Paris.
- BLANCHES (Jean) - 1925 - La Géographie Humaine - Lib. Felix Alcan, Paris.
- CALIXTO (Benedito) - 1895 - A Vila de Itanhaém - Tipografia de "Bíblia de Santos" - Santos.
- CALIXTO (Benedito) - 1904 - Notas e Informações sobre os Sambaquis de Santos e Itanhaém - Rev. do Museu Paulista, vol. VI - São Paulo.
- CALIXTO (Benedito) - 1906 - Os Primitivos Aborígenes Indígenas e Índios Nancos de Itanhaém - Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. X.
- CALIXTO (Benedito) - 1913 - Memória Histórica sobre a Igreja e o Convento da Imaculada Conceição de Itanhaém - Tipografia São José - Santos.
- CALIXTO, (Benedito) - 1915 - Capitania de Itanhaém (Memória Histórica) - Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. IX.
- CAMPOS (Gonzaga de) - 1926 - Mapa Florestal do Brasil - Boletim Geográfico ns. 9, 16 e 17 do C.N.G. (1943 e 1944) - Rio de Janeiro.
- CARVALHO (Delgado de) - 1923 - Fisiografia do Brasil - Série de Conferências - Escola de Administração Militar - Imprensa Militar - Rio de Janeiro.

- CARVALHO (M. Conceição Vicente do) - 1944 - Santos e a Geografia Humana do Litoral Paulista - Tese de Doutorado ainda inédita - Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
- CARVALHO (M. Conceição Vicente do) - 1944 - Parque de São Paulo - Anais do II Congresso Brasileiro de Geografia, vol. III - Rio.
- CARVALHO (M. Conceição Vicente do) - 1944 - O Progresso da Cultura e do Comércio da Bananeira no Litoral Paulista - Anais do II Congresso Brasileiro de Geografia, vol. IV - Rio.
- CARVALHO (M. Conceição Vicente do) - 1946 - O Pongador no Litoral Leste do Estado de São Paulo - Boletim Geográfico n. 36 do I.G.B. - Rio.
- CASTRO (José de) - 1947 - Geografia da Fome (A Fome no Brasil) - ed. "O Cruzeiro" - Rio.
- CHAMPEL (Georges) - 1948 - Les Villas - Coll. Grand Colin - Paris.
- COMISSÃO GEOGRÁFICA E GEOLÓGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO - 1929 - Exploração do Litoral - 2ª Região - Cidade de Santos à Fronteira do Estado de Paraná.
- DEFFONTAINES (Pierre) - 1935 - Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo - Revista "Geografia", ano 1, n. 2 da A.G.B. - São Paulo.
- DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA - Dados Provisórios do Censo Demográfico (prédios e população) de 1940 - São Paulo.
- ELLIS JR. (Alfredo) - 1944 - História da Civilização Brasileira - n. 3, vol. LXVII, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
- FRANÇA (Ary) - 1944 - Notas sobre a Geografia da Ilha de São Sebastião - Boletim da A.G.B., n. 5 - São Paulo.
- FRANCO (Francisco de A. Carvalho) - 1946 - Os Capitães-mores de Itanhaém - Rev. do Arquivo Municipal, ano VI, vol. LXX, setembro - São Paulo.
- GOURNAY (Pierre) - 1947 - Les Pays Tropicaux - Presses Universitaires de France - Paris.
- GRANATO (Laurence) - 1913 - A Cultura da Bananeira - São Paulo.
- INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - 1948 - Anuário Estatístico Brasileiro - Rio.
- LANEIRO (Alberto Ribeiro) - 1940 - Restingas na Costa do Brasil - Bol. n. 96 da Divisão de Geologia e Mineralogia - Departamento Nacional de Produção Mineral - Rio.

- LAVEDAN (Pierre) - 1946 - Géographie des Villes - Col. Pierre Deffontaine - Paris.
- LEME (Alberto Botim Pass) -, 1943 - História Física da Terra - Ed. F. Briguier e Cia. - Rio
- LEME (Pedro Taques de Almeida Paes) - História da Capitania de São Vicente - Ed. Melhoramentos - s/d. São Paulo.
- LOFUREN (Alberto) - 1893 - Contribuição para a Arqueologia Paulista (Os Sambaquis de São Paulo) - Bol. da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo.
- MADRE DE DEUS (Frei Gaspar de) - 1920 - Memórias para a História da Capitania de São Vicente, hoje chamada de São Paulo e Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil ... Ed. Melhoramentos - São Paulo.
- MAPAS DEMOGRÁFICOS E ECONÔMICOS DA CAPITANIA DE SÃO PAULO - Século XVIII e XIX - Arquivo do Estado.
- MARTONNE (Emanuel de) - 1934 - Traité de géographie Physique - tomo I - Lib. Armand Colin - Paris.
- MARTONNE (Emanuel de) - 1935 - A Serra do Cubatão - Comparação com um sante da Covenção Francesca - Rev. "Geografia" da A.B.B. ano I, n. 4 - São Paulo.
- MEDeiros (Narciso) - 1935 - A Bananeira (instruções práticas para a sua cultura) - Bol. da Secretaria da Agricultura Diretoria da Publicidade Agrícola - São Paulo.
- MEDIROS (Narciso) - 1937 - A Cultura da Bananeira - Bol. n. 3 da Secretaria de Agricultura - Departamento de Fomento da Produção Vegetal - junho, São Paulo.
- MINISTÉRIO DA AGRICULTURA INDUSTRIA E COMÉRCIO - 1923 - Exameamento de Brasil realizado em 1 de setembro de 1920.
- MONBEIG (Pierre) - 1940 - Ensaios de Geografia Humana Brasileira - São Paulo.
- MONBEIG (Pierre) - O Estudo Geográfico das Cidades - Rev. do Arquivo Municipal - São Paulo - Ano VIII - vol. 73, janeiro de 1941.
- MONBEIG (Pierre) - 1949 - A Divisão Regional do Estado de São Paulo - Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros - vol. 1. 1945-46 - São Paulo.
- MORAIS (Rubens Borba de) - 1935 - Contribuição para a História do Fomento de São Paulo até fins do Século XVIII - Rev. "Geografia" - n. 1 da A.B.B. São Paulo.
- MULLER (Daniel Pedro) - 1923 - Annuaire d'un quadro Estatístico da Província de São Paulo - São Paulo 1838 - (Medição literal)

- OLIVEIRA (Américo L.Barbosa de) - 1946 - Estudos Brasileiros de Economia - O desenvolvimento planejado da economia brasileira - Função Getúlio Vargas.
- OLIVEIRA (A. Ignácio) e LEONARDOS (Othon) - 1943 - Geologia do Brasil ed. Ministério da Agricultura.
- OLIVEIRA (J.J.Machado de) - 1897 - Quadro Histórico da Província de São Paulo até o Ano de 1822 - Tipografia Brasil - São Paulo.
- PAULA (Eurípedes Simões de) - 1934 - O Caiçara e a Região de Itanhaém (Contribuição ao Estudo da Geografia Humana Brasileira) - São Paulo.
- PINTO (Alfredo Moreira) - 1896 - Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil - Imprensa Nacional - Rio.
- PRADO JR. (Caio) - 1935 - O Fator Geográfico na Formação e no Desenvolvimento da Cidade de São Paulo - Rev.Geografia, da A.G.B., ano I, n. 3 - São Paulo. -
- RAWITSCHER (Felix K.) - 1944 - Algumas Noções sobre a Vegetação do Litoral Brasileiro - Bol.da Associação dos Geógrafos Brasileiros, n. 5, novembro São Paulo.
- RENDON (Ca. Arouche de Toledo) - 1899 - Relatório sobre a Situação das Aldeias de Índios de São Paulo por Fogos - Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, tomo IV.
- SAINT ADOLPHE (Milliet) - 1875 - Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil - Paris.
- SALVADOR (Frei Vicente do) - 1931 - História do Brasil - Ed.Melhoramentos - São Paulo.
- SCHMIDT (Carlos Borges) - 1934 - A Cultura Prática da Bananeira Nanica no Litoral Norte Paulista - São Paulo.
- SCHMIDT (Carlos Borges) - 1941 - Alguns Aspectos da Pesca no Litoral Paulista - Diretoria da Publicidade Agrícola - Secretaria da Agricultura - São Paulo.
- SEREBRENICK (Salomão) - 1945 - Notas sobre o Clima do Brasil - Separata do Bol. "Ministério da Agricultura", novembro de 1943. Rio de Janeiro.
- SEREBRENICK (Salomão) - 1942 - Aspectos Geográficos do Brasil (Clima, a Terra e o Homem) - Ministério da Agricultura - Serviço de Informação Agrícola.
- SETZER (José) - 1946 - Contribuição para o Estudo do Clima do Estado de São Paulo - Separata atualizada do Bol. "D.E.H.", vols. IX a XI, outubro de 1943 a outubro de 1945 - São Paulo.

- SILVEIRA (João Dias da) - 1944 - Estudo sobre a Evolução da Reparti-  
ção das Densidades Humanas no Estado de São Paulo -  
Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia, vol. III,  
1940.
- SILVEIRA (João Dias da) - Relevo das Terras Úmidas - Tese de Concurso  
ainda inédita - São Paulo, 1935.
- SOMER (Max.) - 1943 - Les Fondements Biologiques de la Géographie hu-  
maine - Lib. Armand Colin - Paris.
- SOUZA (Gabriel Soares de) - 1938 - Treatado Descritivo do Brazil em  
1587 - Col. Brasileira - São Paulo.
- TRIZZI (Eng. Agr. Edgar Fernandes) - 1947 - Colheitas e Mercados - Bol.  
Informativo do Departamento da Produção Vegetal - Secre-  
taria da Agricultura de São Paulo, ano III, n. 7, julho.
- TORRES (Francisco Eugênio Huggarinos) e MORTERA (Arnaldo) - Atlas plu-  
viométrico do Brasil (1914-1938) - Ministério da Agri-  
cultura - Departamento Nacional de Produção Mineral -  
Divisão de Águas - Seção de Hidrologia, Bol. n. 9.

#### BIBLIOGRAFIA CARTOGRÁFICA

- COMISSÃO GEOGRÁFICA E GEOLÓGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO - 1914 - Plan-  
ta do Litoral do Estado de São Paulo desde a Barra do  
Rio Guarani até o Mongaguá - Escala - 1 : 50 000
- INSTITUTO GEOGRÁFICO DO ESTADO DE SÃO PAULO - 1940 - Planta da Cidade  
de Itanhaém - Escala 1 : 2 000.
- INSTITUTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO DO ESTADO DE SÃO PAULO - 1943 - Car-  
ta Hipométrica do Estado de São Paulo - Escala 1 :  
1 000 000.
- INSTITUTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO DO ESTADO DE SÃO PAULO - 1946 - Mapa  
do Município de Itanhaém - Escala - 1 : 100 000.
- INSTITUTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO DO ESTADO DE SÃO PAULO - 1947 - Car-  
ta Geológica do Estado de São Paulo - Escalas 1 : 1 000 000.

**ÍNDICE**

<b>Sumário</b>	<b>Págs.</b>
INTRODUÇÃO .....	I
<b>CAP. I - <u>A baixada do Itanhaém e seu quadro natural</u> ....</b>	<b>1</b>
O litoral paulista e a baixada do Itanhaém ....	1
O relevo e a costa .....	4
A rede fluvial .....	6
Características do clima .....	10
A sub-região costeira .....	13
A baixada interior .....	24
O quadro natural e a vida humana .....	29
<b>CAP. II - <u>Povoamento e população</u> .....</b>	<b>32</b>
As condições geográficas e o povoamento .....	32
O povoamento antigo .....	37
A população atual. Os tipos humanos .....	39
O caçara, personagem tipo da região .....	43
O homem do bananal .....	54
<b>CAP. III - <u>A "vila" de Itanhaém</u> .....</b>	<b>61</b>
Itanhaém e seu sítio urbano .....	61
Uma visão do passado .....	68
Itanhaém de nossos dias .....	76
<b>CAP. IV - <u>A economia regional</u> .....</b>	<b>87</b>
Uma vida econômica modesta .....	87
A cultura do bananal no litoral paulista .....	90
A cultura da banana na baixada de Itanhaém ....	94
A cultura da banana e a técnica agrícola regio- nal .....	102
CONCLUSÕES .....	116
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....	118
ÍNDICE.....	123



A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.

